Always ready for Operation
Now ready for Portugal

O Ministério da Defesa de Portugal encomendou à Steyr-Daimler-Puch Spezialfahrzeug GmbH o fornecimento de 260 blindados de rodas PANDUR, dos quais 20 viaturas são anfíbias. Todas as viaturas são produzidas na versão 8x8 e em 15 variantes diversas a fornecer às Forças Armadas terrestres e à Marinha portuguesas. O armamento inclui variantes com a torre Steyr SP 30 e abrange desde a metralhadora cal. 12,7 mm até ao Morteiro cal. 120 mm.

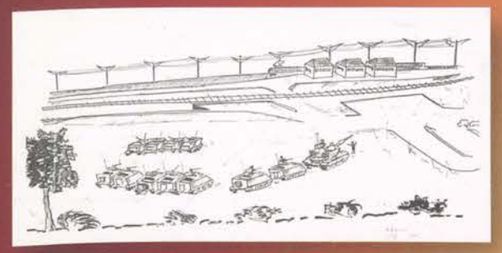
GENERATION STEYR

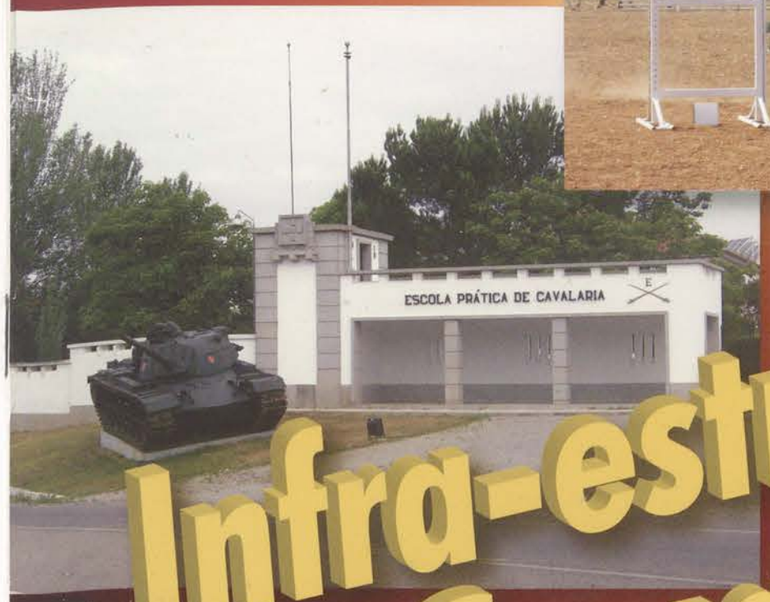
STEYR-DAIMLER-PUCH
SPEZIALFAHRZEUG GMBH
A GENERAL DYNAMICS COMPANY

P.O.B. 100, A-1111 Vienna, Austria, Phone: +43-1-760 64
Fax: +43-1-769 81 49, Homepage: www.steyr-ssf.com

REVISTA da CAVALARIA

Revista Quadrimestral de Cavalaria | Julho 2007 | 3ª Série | Ano V | Nº 12





Infra-estruturas de Cavalaria

Sumário

- Palavras do Director Honorário da Arma _____ 3
  Tenente-General José Carlos Cadavez
- Editorial _____ 4
  MAJ Cav Miguel Freire
- Linha Editorial _____ 5
- «A transformação do Exército e os Quartéis da Cavalaria» _____ 6
  TEN COR (Eng.) Ribeiro Berger
- «Da Cavalaria, da fortificação e dos quartéis... alguns detalhes sobre infra-estruturas de uso militar» _____ 14
  TEN COR (Eng.) Leonel Martins
- «As novas instalações em Abrantes da Escola Prática de Cavalaria» _____ 20
  COR Cav Tiago Vasconcelos
- «Autometralhadoras, Carros de Combate e outros blindados: 60 anos ao serviço da Escola Prática de Cavalaria (1943-2003)» 3.ª Parte _____ 26
  Sr Luís Costa
- «Heyl Shirion – O Corpo de Blindados das Forças de Defesa Israelitas: Os Anos de Formação 1948-1967 (4.ª Parte - 1966-1967)» _____ 31
  Dr. Humberto Oliveira
- «Contributos de um Cavaleiro de CCE» _____ 36
  MAJ Cav GNR Santos Correia
- Livros / Artigos / Revistas / Sites _____ 48
- Crónica _____ 58
  CAP Cav Pedro Ferreira
- Resenha de Actividades das Unidades _____ 58
- Promoções/Nomeações/Óbitos _____ 66

■ FICHA TÉCNICA

Propriedade
Associação Revista da Cavalaria

Director
TCOR Miguel Freire

Chefe de redacção
MAJ Jorge Henriques

Redacção
CAP Pedro Ferreira
TEN Paulo Fernandes

Revisão
TCOR Miguel Freire
MAJ Jorge Henriques

Contactos
Associação Revista da Cavalaria
Regimento de Lanceiros N.º 2
Calçada da Ajuda
1349-054 Lisboa
E-m@il:
revistadacavalaria@gmail.com

Execução gráfica
SOARTES - artes gráficas, lda.

Depósito Legal
203499/03

Palavras do Director Honorário da Arma

José Carlos Cadavez
Tenente-General

O ano de 2007 apresenta-se para a Cavalaria como um ano de mudança:

- Comemorou-se este ano, pela 1ªvez, o Dia da EPC e da Arma na cidade de Abrantes;
- Vai realizar-se, pela 1ª vez, a Marcha a Cavalo à Batalha com partida daquela cidade;
- A Cavalaria poderá receber este ano as novas VBR Pandur e, quiçá, os novos CC Leopard.

Será, assim, o ano de 2007, um ano de mudança e de desafio para a Cavalaria.

Desafio que a Arma está já a vencer.

Transferiu com êxito a Escola Prática de Santarém para Abrantes, cumprindo o calendário estabelecido pelo Estado-Maior do Exército, com a determinação e espírito de missão que nos caracteriza a nós Cavaleiros, com profissionalismo e sem dramatismos, sem comprometer a sua missão de formação, nomeadamente dos Quadros Permanentes, o que diz bem da capacidade de planeamento e execução como o Comando da Escola conduziu toda a operação.

TGEN JOSÉ CARLOS CADAVEZ
Director Honorário da Arma de Cavalaria.

Comemorou-se o Dia da Escola e da Arma no novo Aquartelamento, com a presença maciça de Cavaleiros de todas as idades, irmanados do mesmo espírito que nos anima desde sempre, o que significa que a Arma continua viva, pronta e jovem para enfrentar todos os obstáculos, que encara como desafios à sua capacidade de se adaptar e conquistar o futuro.

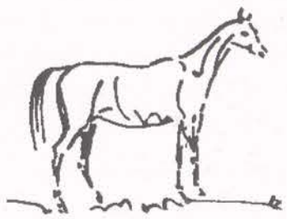
Isso mesmo ficou sobejamente demonstrado no Seminário sobre as novas VBR PANDUR, que o Comando da Escola promoveu integrado nas comemorações em Abrantes, e que mobilizou a participação de todas as Unidades da Arma, com intervenções profundas e bem estruturadas, levantando problemas que é preciso resolver face aos novos materiais, que vão desde a formação, à manutenção e Infra-estruturas.

Em relação a estas últimas, há que estar atento à nova lei que se prevê para breve, com vista a estarmos preparados para receber os novos materiais, nomeadamente as Unidades que previsivelmente os irão receber, a EPC, o RC6 e o GCC/BMI.

A Arma como um todo, e os Comandos destas Unidades em particular, devem, desde já, levantar as exigências dos novos materiais no âmbito das infra-estruturas, para estarmos aptos a colaborar com o Comando Superior do Exército e Comando da Logística, por forma a podermos dar o nosso contributo como operadores/utilizadores dos materiais, para, assim, não haver hiatos ou situações desviantes no planeamento efectuado para o efeito.

Como Director Honorário da Arma manifesto a minha total confiança na capacidade da Arma para vencer mais este desafio, tal como sempre fez face a outros saltos qualitativos com que se deparou ao nível dos materiais, evoluindo técnica e tacticamente, para continuarmos a ser, no Exército, a Arma da vanguarda e da decisão. ■

Ponta Delgada, 28 de Junho de 2007



Editorial

INFRA-ESTRUTURAS: UMA PARTE DE UM TODO

Dizem os académicos que estudam os processos de transformação das Forças Armadas que qualquer empreendimento neste universo tem de ser um esforço agregado e coerente em quatro áreas distintas: as pessoas (relativo ao pessoal, liderança, ensino e treino); os processos (relativo às doutrinas); a organização (relativo à orgânica das unidades) e a tecnologia (material e instalações). Neste número decidimos aprofundar um tema com o qual nos debruçamos todos os dias, por imposição física do local onde trabalhamos: as infra-estruturas, em concreto, as infra-estruturas de cavalaria.

O período que se vive é particularmente dinâmico nesta área, imposto pela transferência da Escola Prática de Cavalaria (EPC) do Quartel de S. Francisco, em Santarém, para o Quartel de S. Lourenço, em Abrantes, mas também pelo desafio que representa para a nossa Arma o reequipamento do Esquadrão de Reconhecimento da Brigada de Intervenção e a criação de uma nova unidade de escalão batalhão, o Grupo de Auto-metralhadoras, também a integrar esta brigada.

Para debater este tema entendemos por bem convidar quem, por conhecimento de causa, nos pudesse elucidar sobre a história da especificidade dos quartéis de cavalaria, contribuição que o TCor Eng Leonel Martins intitulou de "Da Cavalaria, da fortificação e dos quartéis… alguns detalhes sobre infra-estruturas de uso militar" e que nos transporta desde as legiões romanas à actualidade. Já com a preocupação da realidade de hoje, o TCor Eng José Paulo Berger faz-nos uma panorâmica genérica, mas esclarecedora, das principais preocupações de uma desejada Lei de Programação de Infra-estruturas, referindo-se a uma concretização dos desafios do Exército ao nível das infra-estruturas, precisamente, por recurso ao caso da adaptação do Quartel de S. Lourenço, em Abrantes, à EPC. Ainda neste caso, e porque se trata da nossa casa mãe, era determinante darmos à estampa o testemunho, na primeira pessoa, de quem comandou a Escola durante este período, o Coronel Tiago Vasconcelos.

HISTÓRIA E CAVALOS

Terminamos neste número dois artigos importantes e que dão um contributo imprescindível à compreensão da história das unidades de cavalaria blindada. O artigo "Heyl Shirion – O Corpo de Blindados das Forças de Defesa Israelitas" de Humberto Oliveira sobre o caso particular de Israel e "Autometralhadoras, Carros de Combate e outros blindados: 60 anos ao serviço da Escola Prática de Cavalaria" de Luís Costa sobre o caso específico da história da nossa arma. O facto de serem escritos por dois nossos colaborados civis atesta bem que o interesse pela causa da cavalaria extravasa os interesses dos militares.

Publicamos ainda um artigo sobre Equitação no qual o Major Cav GNR Santos Correia partilha um vasto saber de experiência feita. Depois de um número dedicado exclusivamente à Equitação Militar (N°6, Julho 2005), a publicação do artigo "Contributos de um cavaleiro de CCE" marca o início de uma preocupação da Direcção em trazer, com regularidade, a equitação militar de volta às páginas da nossa revista. O desporto a cavalo foi, é, e será sempre parte da nossa identidade como arma combatente e a Revista da Cavalaria tem a obrigação de contribuir para a partilha do conhecimento técnico mas também da manutenção das tradições.■

MAJ Cav MIGUEL FREIRE
CMPR.

Linha editorial

Para os próximos números os temas serão:

Nº	Mês da Publicação	Data limite de entrega	Tema
13	Novembro '07	9 Novembro '07	A participação da Cavalaria no TO da Bósnia (1996-2007)
14	Março '08	31 Janeiro '08	O regresso às Viaturas Blindadas de Rodas.

Os artigos não deverão ultrapassar as 3500 palavras e, sempre que possível, acompanhados de fotografias, mapas ou outras imagens que o autor entenda convenientes.
Independentemente do tema central a Revista mantém fixas as seguintes secções:
- Editorial
- Correio do Leitor
- Livros - Artigos - Revistas - Sites
- Resenha de Actividades de Unidades

Exmo Director
da Revista da Cavalaria,

Se a Revista da Cavalaria entender publicar a presente "MEMÓRIA" fico-vos muito agradecido.

A GUERRA EM ÁFRICA
Esquadrão de Cavalaria 181
(Furancungo / Moçambique)
(30/06/1961 a 08/021964)
"EM MEMÓRIA"
30/Junho/1961 – 30/Junho 2007
Há 46 anos
Militares Portugueses ...
Veteranos de Guerra ! ...
Honraram a Pátria ...
Na
Defesa dos territórios
Do ex-ultramar!...
Exigimos
Que
A Pátria nos contemple!...
(Salvé Navio "Niassa"! ...)

Ericeira, Junho de 2007
Um Veterano de Guerra
João Bravo da Matta
(Reserva)

publicidade

Rioquimica
Produtos Químicos de Manutenção Industrial, Lda.

FABRICA E COMERCIALIZA:

Aditivos • Anticorrosivos • Decapantes
Desengordurantes • Desincrustantes
Desoxidantes • Detergentes
Dissolventes • Isolantes
Revestimentos
Sabonetes Líquidos
Solventes Especiais
Toalhas Mesa • Ceras • Shampôs

Elospark Edifício 14 – Estrada da Barrosa Algueirão
2725-193 Mem Martins
Tel.: 21 926 72 70 – Fax: 21 926 72 78

A tranformação do Exército e os Quartéis da Cavalaria

1. INTRODUÇÃO

No Conceito Estratégico de Defesa Nacional, estão reafirmadas as necessidades de *"valorização pessoal, técnica e profissional dos militares* [e] *a modernização das infra-estruturas das Forças Armadas"*, para responder ao desafio da profissionalização, e de *"gestão eficiente, transparente e profissional dos recursos públicos afectos à defesa nacional, nomeadamente no plano das estruturas organizativas, aquisições e património"*.

Nos sucessivos programas do Governo tem sido assumido como imperativo que uma das prioridades para modernização das Forças Armadas Portuguesas é a requalificação das suas infra-estruturas para o que contribuirá a aprovação de uma Lei de Programação de Infra-Estruturas Militares.

O modelo organizacional do Exército concebido na década de 1990 por desadequado aos condicionamentos e imperativos nacionais de defesa, obrigou a uma transformação da sua estrutura fundamental. Este deixou de ser, prioritariamente, um corpo gerador de forças que completaria o sistema de forças permanentes, para ser uma força operacional, projectável,

TEN COR (ENG) JOSÉ PAULO RIBEIRO BERGER

O Quartel de S. Lourenço em Abrantes

pronta a ser empenhada em qualquer local, acrescida das estruturas necessárias para garantir o seu apoio.

A transformação do Exército, materializada organicamente pelo Decreto-Lei n.º 61/2006, de 21 de Março (DLOE), operou-se a dois níveis: o da transformação conceptual e o da implementação. A sua implementação, partindo da realidade existente, procurara atingir o novo modelo organizacional.

2. MODERNIZAÇÃO E CONCENTRAÇÃO DE INFRA-ESTRUTURAS DO EXÉRCITO

O Exército nunca dispôs de recursos financeiros suficientes que lhe permitissem actualizar e requalificar as suas infra-estruturas, envelhecidas e desajustadas face à enorme evolução dos padrões culturais e de vida. Esta situação agravou-se de modo generalizado no momento em que se definiu o objectivo de implementar um serviço militar exclusivamente voluntário, muito mais exigente em termos de requisitos funcionais e de conforto.

É neste contexto e numa altura em que cada vez mais a imagem das instituições está exposta e particularmente relacionada com a maneira e a forma como elas se apresentam e funcionam, que o Exército tem vindo a dar grande prioridade aos programas para a modernização das suas infra-estruturas de vivência nos quartéis, sem descurar, no entanto, todas as outras onde se desenvolvem as actividades de ensino, educação, formação, treino, e apoio administrativo e logístico.

Desde sempre, ressaltam as intenções de execução de uma política de contracção e redução de despesas que passa obrigatoriamente pela existência em quantidade e qualidade das infra-estruturas para suprirem criteriosamente as necessidades do Exército com adequado grau de funcionalidade e economia, visando assim obter significativos padrões de adaptabilidade e modernidade.

Como princípio fundamental as infra-estruturas à disposição do Exército, apesar de suficientes, careciam contudo de concentração e de uma requalificação funcional que as tornasse adequadas à necessidade militar, potenciando desempenhos e dignificando o Exército e quem nele serve o País.

Com a necessidade de requalificação nasceu em 2000 o projecto de ***Programa de Modernização e Concentração de Infra-Estruturas do Exército*** (PMIEE), e do imperativo da concentração decorreram os programas de concentração dos Órgãos Logísticos, de Órgãos da Estrutura Superior do Exército, das Escolas Práticas, de Órgãos Centrais de Administração e dos Estabelecimentos de Ensino Militar.

Em 2003 foi elaborado, tendo por base a organização e o dispositivo para o Exército constantes da Directiva N.º 263/CEME/01, de 19 de Dezembro, o ***Programa de Modernização e Concentração de Infra-Estruturas do Exército*** (PMCE). O seu objectivo foi programar de forma sustentada, a médio prazo, a modernização das infra-estruturas indispensáveis, remodelando e requalificando as existentes e ainda construindo as que faltavam de forma que, concentrando e racionalizando meios, se obtivessem economias de escala, ganhos de eficiência e incremento do produto operacional do Exército.

Em 2004, por se encontrar desactualizado, o Programa de Modernização e Concentração de Infra-Estruturas do Exército foi revisto para que concretizasse as áreas de intervenção, definisse prioridades e objectivos, perspectivasse no tempo a sua realização e financiamento, e ainda que apresentasse os elementos base para uma futura **Lei de Programação de Infra-Estruturas**.

Face à consolidação dos princípios iniciais, o Programa de Modernização e Concentração de Infra-Estruturas do Exército foi de novo actualizado em 2006.

Como princípios básicos pretende:

- programar de forma sustentada, para um prazo de 12 anos, a modernização das infra-estruturas indispensáveis ao Exército;
- responder às necessidades da organização e dispositivo do Exército através da utilização prioritária de infra-estruturas existentes adaptando-as à concentração de órgãos e respeitando as áreas funcionais;
- modernizar – remodelando, requalificando e ampliando – as infra-estruturas que se revelem com melhor aptidão para apoiar o dispositivo do Exército (campos, polígonos e áreas militares, os quartéis "CANIFA" e outros com tipologia e organização funcional adequada e/ou facilmente adaptável às exigências actuais);
- libertar todas as infra-estruturas dispensáveis, propondo a sua alienação;
- construir, em aquartelamentos existentes, novas infra-estruturas, se garantirem evidentes economias de escala e aumento de eficiência das U/E/O;
- dispensar as servidões em áreas contíguas adquirindo, quando necessário, terrenos ou outros imóveis.

Com base no PMCE2006 o Exército tem colaborado com o Ministério da Defesa Nacional e com os outros Ramos das Forças Armadas para a criação um projecto de proposta de Lei de Programação de Infra-Estruturas, que pretende adequar as transformações em curso nas Forças Armadas às respectivas necessidades de infra-estruturas, a ser elaborada à imagem e semelhança da Lei de Programação Militar, permitindo ciclo idêntico de programação e acompanhamento.

Esta Lei de Programação de Infra-Estruturas permitiria a criação de um fundo público, de natureza financeira, para financiamento, no todo ou em parte, de projectos de infra-estruturas, nela integrados ou não, sendo este acrescido pelos resultados de operações de gestão e alienação pontual de prédios militares, mediante os modelos contratuais juridicamente adequados e com a possibilidade de transição anual dos seus saldos.

3. A TRANSFORMAÇÃO, A ORGANIZAÇÃO E O DISPOSITIVO DO EXÉRCITO

Tendo por base o SFN-04 e o Decreto-Lei n.º 61/2006, de 21 de Março, a organização geral do Exército, consequência da transformação, é constituída por duas estruturas: a Estrutura de Comando do Exército (Comando do Exército, Órgãos Centrais de Administração e Direcção, Comando do Pessoal, Comando da Logística, Comando da Instrução e Doutrina, Comando Operacional, Força Operacional Permanente do Exército, Zona Militar dos Açores, Zona Militar da Madeira, Brigada Mecanizada, Brigada de Intervenção, Brigada de Reacção Rápida e Forças de Apoio Geral); e a Estrutura Base do Exército constituída por U/E/O visando a obtenção e administração de

recursos humanos, o aprontamento de forças, o apoio de pessoal, o apoio logístico, o ensino, formação e treino, o desenvolvimento e preservação da cultura militar.

Tal organização implica um dispositivo que exige para seu funcionamento operacional aquartelamentos para 17 unidades de escalão batalhão (UEB) e 32 unidades de escalão companhia (UEC).

Presentemente o Exército tem à sua responsabilidade mais de quatrocentos prédios militares dos quais cerca de um terço se encontram disponibilizados para alienação. De entre os prédios militares não disponibilizados, existem cerca de:

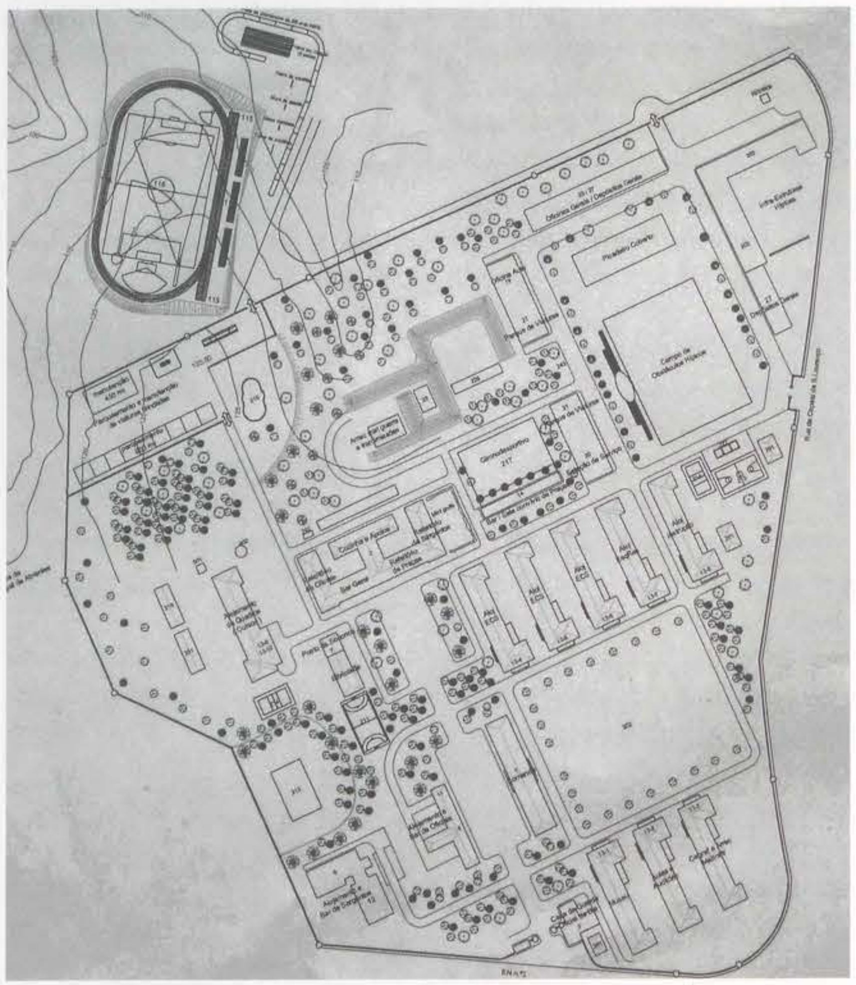
- 45% com mais de 100 anos (antigos quartéis, conventos e fortificações);
- 10% com idades de construção compreendidas entre os 60 e 100 anos;
- 40% entre os 30 e os 60 anos (instalações CANIFA);
- 5% construídos há menos de 30 anos.

Os quartéis do Exército são o resultado das necessidades e das contingências de cada época. Conhecem-se como programas de modernização de quartéis das Forças Armadas construídos de raiz, o programa de quartéis imposto pelo Conde de Lippe (séc. XVIII), o programa dos quartéis para as unidades do Campo Entrincheirado de Lisboa (final do séc. XIX), o programa dos quartéis do Estado Novo (década de 30 no séc. XX). Mais recentemente (em meados do século passado) o programa para os quartéis do tipo CANIFA promovidos pela Comissão de Acompanhamento para as Novas Infra-estruturas das Forças Armadas e, posteriormente, o programa do Campo Militar de Santa Margarida. Os restantes resultaram do aproveitamento funcional de construções já existentes, ou que num período mais recente foram construídos para um fim apropriado.

Todos os quartéis, que actualmente apoiam o dispositivo do Exército, foram exemplarmente projectados, são funcionais e, de uma forma geral, estão localizados fora dos centros urbanos, mas suficientemente perto para neles se apoiarem. Todos eles, mas especialmente os aquartelamentos tipo CANIFA, são infra-estruturas das Forças Armadas que ainda hoje se constituem como referência e são considerados como a "espinha dorsal" do dispositivo do Exército.

Contudo, apesar das suas reconhecidas virtudes, já passou em média mais de meio século sobre a data de início da sua utilização.

Durante este intervalo de tempo, as missões dos utentes, a sua organização interna, os equipamentos e o material utilizados, as novas viaturas e o novo regime de prestação do serviço foram alterados profundamente, sendo diferentes as exigências funcionais de espaço, de higiene, de segurança, de habitabilidade, de conforto e bem-estar, o que obrigou a Engenharia Militar ao seu conveniente estudo, para modificação e modernização.



Plano Director do Quartel de S. Lourenço em Abrantes, para a Escola Prática de Cavalaria

Abrangidos por esta situação e utilizados por unidades de Cavalaria encontram-se os seguintes quartéis:

<u>**Do modelo tipo CANIFA:**</u>

- Quartel de S. Lourenço, em Abrantes (Escola Prática de Cavalaria);
- Quartel do Areal, em Braga (Regimento de Cavalaria 6), para 1 UEB + 1 UEC e a preparar para receber as novas viaturas blindadas de rodas;
- Quartel n.º 2 da Amadora, na Amadora (Unidade de Apoio da Área militar de Amadora-Sintra), para 1 UEB + 1UEC e sendo prevista a sua utilização futura pelo Regimento de Lanceiros).

<u>**De modelos diferentes do tipo CANIFA:**</u>

- Quartel de S. Francisco, em Estremoz (Regimento de Cavalaria 3), para 1 CICA + 1 UEC;
- Quartel de Cima da Calçada da Ajuda, em Lisboa (Regimento de Lanceiros), para disponibilizar oportunamente.

4. A ESCOLA PRÁTICA DE CAVALARIA EM ABRANTES

A actividade de formação, treino e aprontamento constitui elemento determinante da capacidade e da qualificação das forças. Para obterem essa qualificação, as forças militares carecem de espaços onde possam, em condições de segurança (para si e para as pessoas e bens das áreas confinantes) e no escrupuloso respeito pela preservação do meio ambiente, levar a cabo aquelas actividades essenciais à sua razão de ser.

Para garantir estas exigentes condições são necessários grandes espaços e suficientemente afastados de zonas habitadas, o que num país como o nosso não é fácil de conseguir, mesmo admitindo que seria possível ultrapassar dificuldades financeiras, de oportunidade política de aquisição/expropriação de terrenos, da constituição de servidões militares e de construção de infra-estruturas de apoio.

Com esta consciência, no âmbito das intenções de concentração e modernização das infra-estruturas do Exército e em outras impostas pela sua transformação, pareceu razoável encarar para a concentração das Escola Práticas, as capacidades do que já existia e em especial da área Santa Margarida – Tancos – Abrantes. Esta área possui o principal campo de treino do Exército, que pode ser valorizado, quer pelo alargamento através da aquisição de terrenos, quer pela melhoria das suas infra-estruturas, com particular ênfase para as ligadas à área operacional.

Concorreram para esta conclusão o facto de que aquela área:

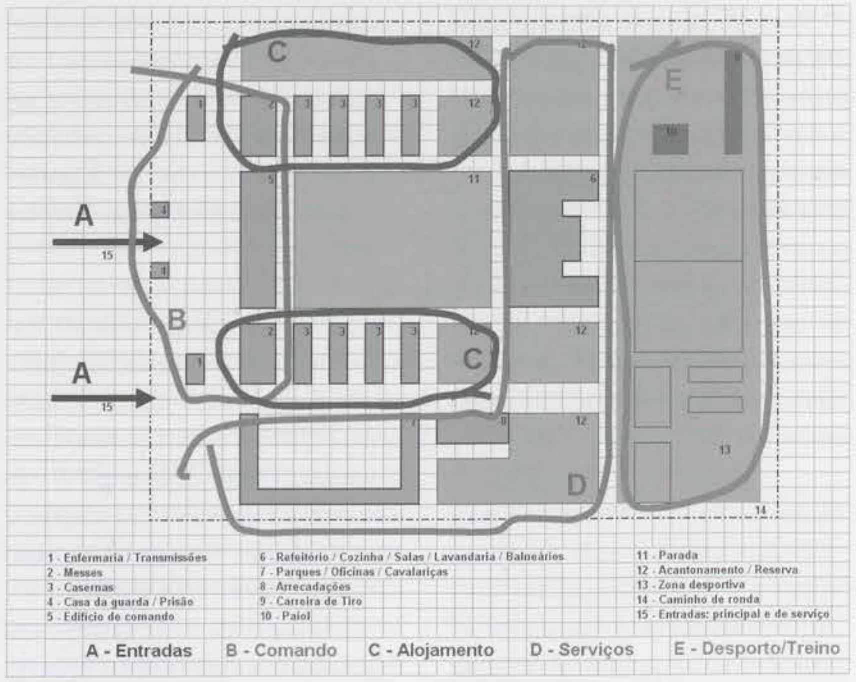
- tem uma localização central com boas acessibilidades;
- é uma zona onde ainda é possível adquirir terrenos
- é uma área pouco povoada e a sua cobertura vegetal dispersa é compatível com os requisitos militares.
- e a sua utilização intensiva cobre as necessidades do Exército para manobrar um agrupamento de escalão batalhão, bem como executar fogos reais de morteiro, artilharia, carros de combate, mísseis e outras armas colectivas, assim como permite a concretização e observação, no terreno, das acções de comando e do planeamento do Estado-Maior, requeridas pelas Escolas Práticas.

Decidida a transferência da Escola Prática de Cavalaria do Quartel de S. Francisco em Santarém, para o Quartel de S. Lourenço, em Abrantes (Prédio Militar n.º 10 de Abrantes), foi necessário adaptar a esta mudança funcional as suas infra-estruturas e construções.

O Quartel de S. Lourenço, em Abrantes, nos seus tempos mais recentes, foi ocupado pelo Regimento de Infantaria 2, cumprindo a missão principal de se constituir como um Centro de Formação Geral de Praças.

A missão da Escola Prática de Cavalaria, tão diferente desta, em que se inclui a formação de quadros e a instrução e vivência com cavalos – extraordinário ser, de nobre alma, que ao longo da nossa história pátria sempre soube tão bem acompanhar o soldado português nas suas agruras e glórias – implicou uma profunda alteração funcional e o adequado estudo de um plano director para implementação.

O Plano Director do Quartel de S. Lourenço para Escola Prática de Cavalaria desenvolveu e concretizou propostas de organização espacial de toda a área específica do prédio militar. Definiu com detalhe a concepção da forma de ocupação e serviu de base aos projectos de execução das infra-estruturas, da arquitectura para remodelação dos edifícios e dos espaços exteriores, tendo sido realizado de acordo com as prioridades estabelecidas em conjunto com a própria Escola Prática de Cavalaria.



Programa do Quartel tipo CANIFA

Foram também inseridos, nos pressupostos que levaram ao seu estudo e concretização, novos princípios programáticos relativos à funcionalidade de um quartel para responder às modernas exigências do serviço militar completamente profissional.

O antigo programa do quartel modelo CANIFA consistia na implantação de todas as construções num único terreno, localizado na periferia de um núcleo habitacional de média densidade. Fundamentalmente organizava-se em três grandes áreas funcionais distintas: área de vivência humana; área de viaturas e material; área de instrução técnica e táctica. Tinha como base a filosofia de que os militares trabalhavam e viviam no quartel, e em alguns casos, cumprindo a sua especialidade nas mesmas instalações onde pernoitavam – porque essa era a realidade vivida em meados do século passado. A comunicação entre cada uma destas áreas funcionais e com o exterior era feita através de igual número de espaços de parada com uma entrada principal ou nobre e uma ou mais entradas de serviço ou de emergência. As actividades no quartel decorriam com o recurso pleno a cada uma das paradas.

A área funcional de vivência humana era constituída por núcleos funcionais afins: comando, estado-maior, central de comunicações, casa da guarda, prisão, alojamentos, enfermaria e alguns serviços (refeitório, balneários gerais, salas, cozinha, lavandaria).

Normalmente cada um dos seus núcleos estava implantado em torno de uma parada principal tendo num dos seus lados o edifício de comando que fazia charneira com uma outra parada mais pequena e nobre servida pela entrada principal.

A área funcional de viaturas e material era constituída por parques auto e hipo, cavalariças e nitreira, estações de serviço e oficinas auto, carpintaria, serralharia, ferrador, arrecadações, depósitos, armazéns, paióis, reservatório de água, etc. Era também servida por uma parada de serviço que normalmente tinha acesso ao exterior pela entrada de serviço ou secundária.

A área de instrução técnica e táctica era constituída pelos campos de instrução e desportos, áreas arborizadas, a carreira de tiro e todas as infra-estruturas diversas necessárias à instrução. Poderia ser localizada dentro dos muros do quartel ou em terrenos anexos não murados. O aquartelamento era completamente murado, servido por uma via de ronda em todo o perímetro interior.

Estava dotado das vias e parques internos necessários para permitir acessos rápidos e parqueamento para os reabastecimentos. A segurança era garantida visualmente e pela presença de uma guarda coordenada a partir da casa da guarda e/ou do edifício de comando.

Eram estas as condições do Quartel de S. Lourenço, mas a evolução da sociedade, as condições de vida e a implementação da transformação do Exército implicaram obrigatoriamente alterações nos conceitos que foram a base do seu modelo.

Para os estudos realizados consideraram-se as seguintes mudanças fundamentais nas actividades diárias de um quartel:

- os militares presentes são em menor número;
- a instrução é ministrada em unidades próprias e por isso em quartéis específicos;
- estão perfeitamente diferenciados os momentos de trabalho e de lazer ou descanso; não há assim necessidade nem conveniência de que o militar pernoite no mesmo local onde trabalha, o que implica a separação dos dois espaços;
- poucos são os militares que necessitam pernoitar no quartel, assim como são menores as necessidades de apoio que este necessita da própria unidade;
- é possível, com menos pessoal, garantir de forma mais económica condições de segurança e de melhor vigilância, pela atribuição de classificações diferentes aos vários locais em função da necessidade e pelo recurso a sistemas passivos e activos anti intrusão, de alarme e de vídeo vigilância;
- a actividade diária da vida militar que se realiza na parada pode e deve ser presenciada por todos; os quartéis não necessitam de muros altos para protecção, podendo estes serem substituídos por gradeamentos ou redes acompanhados dos necessários equipamentos e sistemas de vigilância;
- os sistemas abastecedores de infra-estruturas de águas, de saneamento, de electricidade, de comunicações e combustíveis são de forma geral fornecidos por concessionários externos, onde só em algumas excepções é necessário manter uma autonomia de produção ou satisfação própria;
- os quartéis devem ser locais de exemplo relativos à implementação e cumprimento de normas referentes ao respeito e preservação do ambiente e à racional gestão e emprego dos recursos energéticos;
- o tiro é feito em locais específicos com infra-estruturas próprias para esse fim, não sendo necessário manter grandes volumes de munições nos quartéis, o que permite substituir o paiol de munições por um simples paiolim;
- também se tornou necessário conferir às infra-estruturas utilizadas na instrução e treino das tropas e animais, condições para implementar novos métodos de instrução, suportados por tecnologias emergentes .

Em conformidade, considerou-se ser mais conveniente articular o agrupamento dos espaços de um quartel para o Século XXI em apenas quatro zonas funcionais independentes: uma principal, outra de apoio, uma terceira habitacional e uma última desportiva. Estas zonas podem ser caracterizadas da seguinte forma:

Zona principal – destinada às actividades operacionais ou logísticas ou de instrução (caso da Escola Prática de Cavalaria) que contribuem para a realização da missão principal do utente do quartel.

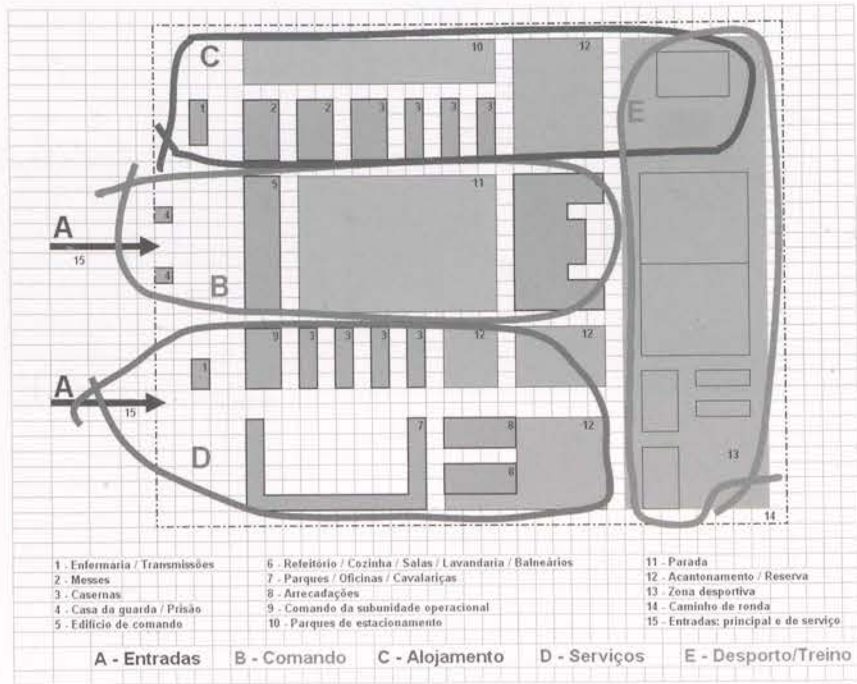
Zona de apoio – destinada ao comando, estado-maior e à realização das actividades normais de sustentação e vivência diária que permitam a realização das anteriores.

Zona habitacional – destinada a casernas, messes e edifícios de alojamento e salas de apoio, destinadas a oficiais, sargentos, alunos e praças; a ser utilizada em períodos de repouso ou de lazer.

Área desportiva – destinada a apoiar toda a actividade de treino operacional e de instrução, permitindo ainda a sua utilização condicionada para actividades de lazer.

Assim, para o Quartel de S. Lourenço em Abrantes foram planeadas várias intervenções tendo em vista:

- dotar o aquartelamento de instalações adequadas ao alojamento, alimentação e tratamento de cavalos e outras infra-estruturas necessárias à prática da equitação;
- dotar o aquartelamento de instalações adequadas ao planeamento e à realização da instrução e do seu apoio;
- aumentar as condições de conforto e privacidade dos alojamentos do pessoal, através da redução do número de utentes por compartimento, individualizando e modernizando instalações sanitárias e reformulando o mobiliário;



Programa para a transformação de um quartel tipo CANIFA em quartel do Século XXI

- aumentar os padrões de higiene, segurança, conforto e bem-estar das instalações de apoio de alimentação e de convívio;
- renovar as redes gerais de distribuição de águas, esgotos, electricidade, gás e telefones/dados e reforçar pavimentos, paradas e parques;
- dotar o aquartelamento de parques e instalações de manutenção próprios para viaturas blindadas de rodas e de lagartas e acesso aos terrenos circundantes;
- dotar o aquartelamento de equipamentos e dispositivos que recorram a sistemas de fornecimento de energias renováveis;
- beneficiar ou construir infra-estruturas de treino físico;
- aumentar as condições de segurança contra incêndio, fenómenos naturais, furto e sabotagem, através da adopção de sistemas avançados de vigilância, alarme e intervenção;
- prever instalações adequadas para as colecções visitáveis dos vários núcleos museológicos ligados à história, organização e equipamentos da Cavalaria;
- requalificar os arranjos exteriores nomeadamente de edifícios, arruamentos e zonas ajardinadas;
- aumentar as condições de higiene e segurança no trabalho e de preservação ambiental, procedendo ao reajustamento da organização estrutural onde tal se justifique.

Tal planeamento das intervenções a realizar está intimamente ligado a um programa de investimentos que inicialmente se associava à Lei de Programação Militar que se está a extinguir, esperando-se a sua desejável substituição por uma Lei de Programação de Infra-Estruturas que permita a conclusão breve e total do Plano Director que cuidadosamente e carinhosamente se entendeu realizar para proporcionar à casa mãe da Cavalaria toda a funcionalidade e operacionalidade que lhe permita mostrar, entre outros valores, o brilho, a actividade permanente, a fama e a glória a que sempre nos habituou.

AGRADECIMENTOS

Com um reconhecido agradecimento à colaboração imprescindível do Arquitecto Assessor Rui Coelho Picado, da Direcção de Infra-Estruturas do Exército.

Venha para o Santander Totta
e não pague comissões
nos principais serviços.

Especial Protocolos

As condições desta oferta são por tempo indeterminado, reservando-se o Banco o direito de as terminar futuramente bem como de não aplicar estas condições a quem revele incidentes passados ou actuais com o próprio Banco ou com outras Instituições de Crédito averbados no Banco de Portugal.
*Oferta limitada ao stock existente.

Aproveite o protocolo que tem connosco, usufrua de todas as vantagens que temos ao seu dispôr e a partir deste mês deixe de pagar comissões nos principais serviços do dia-a-dia. Para beneficiar desta oferta basta ter o ordenado ou reforma domiciliados, Crédito Habitação ou Soluções Reforma. Se domiciliar o seu ordenado agora e utilizar um dos nossos cartões recebe ainda um fantástico DVD Portátil*.

Informe-se já e aproveite esta excelente oportunidade!

Santander Totta
O Valor das Ideias

www.santandertotta.pt
SANTANDER PRESENTE EM MAIS DE 40 PAÍSES

Da Cavalaria, da fortificação e dos quartéis...alguns detalhes sobre infra-estruturas de uso militar

1. INTRODUÇÃO

Na Revista de Engenharia de 1901[1], na secção das publicações novas, é feita referência ao recente lançamento do livro do Major de Cavalaria Fernando Maya com o título "*DA CAVALARIA; SUA MISSÃO ESTRATÉGICA E TÁCTICA*". O Major de Cavalaria Maya, lente da Escola do Exército, dividiu o seu livro em nove capítulos, sendo que os dois últimos, sobre as marchas e os estacionamentos e as expedições da cavalaria, falam do apoio indispensável dos sapadores a estas operações da cavalaria, bem como da instalação das suas tropas. Mas além disto este livro é uma obra de apontamentos, tendo por base os ensinamentos das duas últimas guerras, a guerra franco-prussiana (1870-71) e a guerra civil americana (1861-1865), retirando os devidos contributos para a reforma da Cavalaria. Este foi também o mote para este artigo, ou seja, falar da evolução das instalações militares, realçando aspectos específicos de uma Arma, neste caso a Cavalaria.

TCOR (ENG) LEONEL MARTINS
AM

Existem princípios que regem a execução de qualquer obra de arquitectura e, claro está, das próprias instalações militares. Esses princípios[2] tendem a alcançar um triplo objectivo que nunca se deve perder de vista:

1º-Satisfazer à finalidade geral para que a obra é criada, isto é, dar satisfação às exigências reclamadas para a sua utilização por meio de uma disposição clara, fácil e cómoda das suas diversas partes. A obra deve satisfazer às exigências funcionais do serviço a que se destina.

2º-Realizar essa finalidade por meio de uma construção lógica, racional, de boa qualidade, económica e de duração adequada.

3º-Conseguir que o aspecto da obra produza no espírito de quem a contempla uma impressão de beleza, isto é, seja uma obra esteticamente perfeita.

As instalações militares não podem ser vistas isoladamente relativamente à organização dos exércitos. Elas são concebidas para acomodar e servir o funcionamento da estrutura militar em determinada época. A lógica de acomodação de um exército no sentido de apoiar as suas operações pode ser completamente diferente de outra perspectiva distanciada no tempo. Mudam os meios, os procedimentos, as mentalidades, enfim, muda a época. Repare-se na transformação que significou a passagem do castelo medieval para a praça abaluartada. Não foi obviamente uma transição instantânea, mas tratou-se de uma mudança drástica na fortificação após os finais do século XV. Bastou o aparecimento da pólvora e a sua utilização nos canhões para a defesa dos castelos altos dar lugar à defesa das praças mais baixas e com uma área muito superior. Mas a reflexão pode ir mais longe no tocante à reformulação das infra-estruturas. À obrigatoriedade de acomodar os homens e os animais, passou-se com o advento da mecanização, para a acomodação e manutenção do pessoal e do equipamento.

Mas vejam-se aspectos característicos das infra-estruturas com relevo para a cavalaria realçando casos históricos que garantiram a harmonização da Cavalaria, no seu emprego e na sua instalação. Desta forma será feita uma breve evolução dos aquartelamentos, onde serão destacados exemplos ligados à cavalaria, grandes reformas nas infra-estruturas já no século XX donde nasce uma fisionomia própria do quartel português e estudos que antes não foram publicados sobre uma estreita relação entre a concepção de infra-estruturas e o emprego das unidades de cavalaria.

2. UMA EVOLUÇÃO DOS AQUARTELAMENTOS

Os quartéis são os edifícios destinados à habitação das tropas com carácter permanente. Tal como foi dito, tudo o que se refere ao aquartelamento das tropas está intimamente ligado com a organização dos exércitos.

Já na história da antiga Roma se encontram referências e dados relativos às construções de quartéis destinados a alojar as legiões romanas. Os romanos chamavam ao quartel o *castrum*. Este compunha-se de dois recintos fechados de forma rectangular, um interior ao outro sendo qualquer deles rodeado por um fosso. A tropa alojava-se em duas filas de camaratas no recinto exterior e os oficiais no recinto interior, que era uma espécie de cidadela, em cujo centro se erguia um templo consagrado a Augusto. Entre Roma e Tivoli, na Villa Adriana, encontram-se as ruínas de um quartel, que tinha três andares acima do pavimento térreo, e em volta do qual corria uma galeria, para a qual abriam as portas das casernas dos soldados. Mas o mais belo exemplo de quartel antigo é o Castro Pretório construído em Roma, junto das termas de Diocleciano, pelo imperador Tibério, para os pretorianos, e cujas ruínas mostram disposições para conter não menos de 5000 homens.[3]

Na Idade Média, durante o feudalismo, as pequenas guarnições dos castelos medievais alojavam-se em pequenas câmaras abobadadas dispostas debaixo dos andares da fortificação, sendo a sua principal missão a vigilância e primeira defesa do recinto fortificado no caso de ataque. As sangrentas lutas que assolaram a Europa na Idade Média determinaram a organização do exército introduzindo consequentemente reformas no sistema de alojamento das tropas de guarnição. O processo seguido na maioria dos países foi o alojamento vicinal pelo qual os vizinhos tinham o dever de alojar as tropas nas suas próprias casas. Em algumas nações eram as próprias localidades que custeavam a construção ou adaptação de edifícios destinados não só ao alojamento das tropas de guarnição, mas até as que de passagem se encaminhavam para os locais da batalha. No nosso país as ordens religiosas tiveram um papel preponderante na condução das operações, com destaque para a Ordem dos Templários, mais tarde transformada na Ordem de Cristo.

No século XVI reconheceu-se em França a vantagem de destinar a um corpo de tropas as casas de um mesmo *quartier*, do qual era forçoso desalojar a população civil. Também os primeiros quartéis expressamente construídos eram formados de pequenas casas simples.

Foi sobretudo em França, no reinado de Luís XIV (século XVI) que ao aumentar o seu fausto, os seus exércitos, as suas tropas da casa real permanente na Corte – se começou a pensar em aquartelamentos sistemáticos sujeitando-se a sua construção a outras regras e sítios fixos. Mas consta que os cavalos, cães e falcões tinham em Versailles instalações principescas, enquanto os guardas franceses não tinham onde alojar-se nos arredores de Paris e as tropas de linha instalavam-se como podiam no interior das fortalezas, acampando ao longo dos reparos e dos fossos, aquelas que não cabiam em abarracamentos.

Em 1677 Sebastién Vauban assumiu o cargo de Comissário Geral das Fortificações, e ao mesmo tempo que dirigia os trabalhos destas, superintendia na construção dos quartéis das praças de guerra. Adoptou um tipo de aquartelamento já conhecido, o das pequenas casernas em dois andares, servidas por numerosas escadas.

Muitas vezes os quartéis de Vauban eram duplos, isto é, encostados uns aos outros, de maneira que apresentavam um muro divisório longitudinal, e tinham em cada elemento quatro casernas por andar, servidas duas a duas por uma escada. Em cada caserna havia uma chaminé para cozinha. Vauban encarregou-se de fortificar toda a fronteira oriental da França. Aqui nasce uma distinção que é importante referir. A concepção e construção das obras de defesa e de alojamento dos exércitos insere-se no âmbito da arquitectura militar. Mas o indivíduo que para além deste trabalho apoia o planeamento e condução de acções de ataque e defesa das praças, (fala-se no âmbito da Fortificação) era o engenheiro militar. Foi nesta arte que se distinguiu Vauban. Projectou a defesa das praças francesas e por isso são-lhe atribuídos créditos às suas maneiras de fortificar, bem como, conduziu, pessoalmente, o comando de sítios a praças inimigas. Na verdade, o seu serviço ao rei Luís XIV foi muito mais importante no sítio das praças que propriamente em construir aquartelamentos para o numeroso exército francês. Vauban não teve a preocupação de passar para a pena os seus vastos conhecimentos, e quando alguém o questionou sobre isso, ele respondeu "não esperem que eu diga que uma cortina fica entre dois baluartes. Isso não é o meu método."[4]

Na verdade o método de Vauban era o estudo detalhado de melhor conquistar uma praça, desenvolvendo em simultâneo a melhor forma de defender as praças. Foi um distinto engenheiro militar nesta visão. Esta sede bélica de Luís XIV depauperou os cofres da França e acabou por se suspender a construção de quartéis por conta do Estado, encarregando-se os municípios da sua edificação.

Em meados do século XVIII melhoram apreciavelmente as características das instalações das tropas que haviam chegado a não possuir as mais rudimentares condições higiénicas, aumentando-se as exíguas dimensões dos dormitórios e sua distribuição.

No nosso país, é desta época o quartel das esquadras, da praça de Almeida, muito curioso por ser constituído por uma série de pequenas moradias independentes em cada uma das quais se alojava uma esquadra com um efectivo de cerca de meia dúzia de homens, os quais ali viviam em família estreitando laços de camaradagem e de amizade que se mostravam de grande utilidade em campanha.

A praça de Almeida constituía a base de operações junto à fronteira com Espanha. A contraparte do outro lado da fronteira situa-se em Aldea del Obispo – é o forte de La Concépcion. Hoje, lamentavelmente, uma fortificação em ruínas, mas ainda apresentado traços que claramente permitem identificar características particulares deste forte. Possui uma localização extraordinária que lhe confere o domínio duma vasta área para ambos os lados da fronteira. Era uma base de operações típica de unidades que faziam a vigilância da fronteira e incursões no território controlado pelo inimigo. Eram acções típicas da Cavalaria. E aqui reside um pormenor na própria estrutura do forte, conforme se pode ver na figura 2: o centro dos dois corpos do forte é a zona das cavalariças com capacidade para duzentos cavalos.

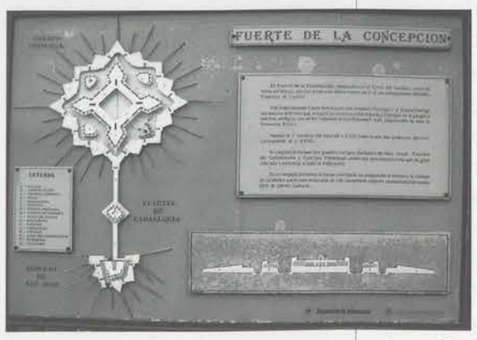


Figura 2: Planta do Forte de La Concépcion (foto: TCOR MARTINS)

Esta fortificação espanhola foi de enorme importância durante a terceira invasão francesa, em 1810. Foi, inicialmente, posto de comando das tropas do General Craufurd na acção retardadora em direcção à posição da margem esquerda do rio Côa e, posteriormente, foi o posto de comando do Marechal Ney (6º Exército Francês) durante o sítio à praça de Almeida, que rapidamente foi tomada pelos franceses devido ao infortúnio do rebentamento do paiol.

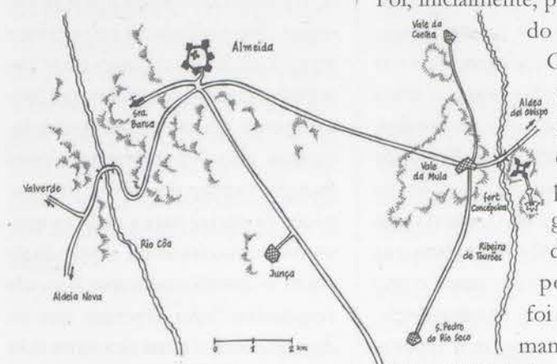


Figura 1: Esboço da região de Almeida (fonte: TCOR MARTINS).

Em Portugal depois das reformas pombalinas e das lutas liberais do século XIX, foram adaptados a aquartelamentos muitos conventos que ficaram vazios. O único grande quartel que entre nós foi construído no século XVIII foi o Regimento de Infantaria, em Évora, construído no tempo do conde de Lippe. No fim do século XVIII projectou-se a organização de uma guarda de corpo, ou Guarda Real, à imitação do que havia noutros países (Royal Body Guard), e que devia ser composta de Cavalaria e Infantaria. Em 20 de Julho de 1791 foi começado o quartel para esta guarda, na Calçada da Ajuda, pelo Coronel Romão José do Rego, e pelo Capitão Francisco de Brito Rebello. Para se avaliar o adiantamento da construção basta dizer que já por vezes o quartel tinha alojado destacamentos nacionais e estrangeiros, e que as cavalariças em frente do edifício estavam ocupadas pelo Regimento do Príncipe de Mecklemburg. Alguns desenhos deste quartel têm o nome de Luiz Pinto de Sousa que foi ministro da guerra de 1789 a 1801.[5]

Na Inglaterra, na primeira metade do século XIX, o alojamento das tropas era defeituoso a tal ponto que a mortalidade era muito maior na população militar que na civil. Os alojamentos adoptados pelos ingleses, durante o sítio de Sebastopol em 1854, constituído por barracões, mas com condições higiénicas satisfatórias, melhorou o estado sanitário das tropas e fez compreender aos poderes públicos, a necessidade urgente de melhorar e reformar os aquartelamentos. Em 1857 foi nomeada uma comissão de que fazia parte o capitão Douglas Galton que recebeu o encargo de formular os projectos de quartéis tipo. Este engenheiro adoptou o sistema de pavilhões isolados de um só piso, com dormitórios para duas filas de camas. O emprego deste sistema deu origem a uma notável diminuição da mortalidade no exército, pois de 17,5% em 1858 ficou reduzida em 1897 a 3,42%[6]. Por isso, logo no início do século XX a Inglaterra colocou-se à frente das outras nações neste ponto, procurando como nenhuma outra nação, manter e melhorar a sanidade das tropas, introduzindo melhorias nos aquartelamentos existentes e construindo quartéis novos que satisfizessem as exigências de higiene reclamadas pelos tempos modernos.

Os rápidos progressos da higiene e a mudança radical que o conceito de exército sofreu durante o século XIX, de que resultou o abandono da ideia do soldado ser da mais baixa esfera para ser considerado, como é hoje, um cidadão que cumpre o mais sagrado dos deveres, originou que se estudasse com atenção tudo quanto se refere ao seu alojamento e tratamento. Deste modo, o problema da construção de quartéis foi alvo de um estudo cuidadoso, procurando-se não só estabelecer programas de quartéis tipo para as diversas armas, como fixar as normas construtivas e de distribuição das várias dependências tendo em vista as condições essenciais do problema: segurança, higiene, boas condições de serviço e economia.

3. O QUARTEL DO SÉCULO XX

Em 1939 foi nomeada pelo Ministério da Guerra uma comissão para o estudo dos esquemas dos quartéis tipo para as várias unidades da Arma de Infantaria. Esta elaborou os estudo que serviram de base aos trabalhos de remodelação de quartéis que a C.A.N.I.F.A. (Comissão Administrativa das Novas Infra-Estruturas das Forças Armadas) levou a efeito, nos seus primeiros anos de existência.

Os programas foram estabelecidos, tendo em vista a organização em tempo de paz das unidades de Infantaria. O quartel tipo para as unidades de Infantaria foi estudado para uma capacidade de alojamento de 1000 homens e os seus principais edifícios, compreendem apenas 2 pisos, número fixado superiormente.

A área total ocupada pelo aquartelamento, incluindo terrenos anexos destinados a campos de instrução, de jogos e carreiras de tiro era de 150.000 m^2.

Esse recinto estava dividido em 3 partes do seguinte modo:

1ª parte – compreendia uma anteparada de 30 metros de largura, entre o corpo da guarda e o edifício do comando e limitada nos topos pela enfermaria e messe de oficiais, em torno da qual se agrupavam os serviços que podiam ter contacto com o exterior, impedindo-se deste modo que o quartel fosse devassado por pessoal estranho.

2ª parte – tinha uma parada principal com 100 a 180 metros em torno da qual se distribuíam os principais indivíduos do aquartelamento e cujas dimensões permitiam realizar uma formatura completa dos efectivos da unidade.

3ª parte – tinha um terreno à retaguarda do aquartelamento, onde se encontravam instalados os campos de instrução táctica e de sapadores, os campos de jogos e pistas de corridas, ginásio, carreira de tiro, as instalações de solípedes, incluindo um picadeiro, localizado tendo em atenção os ventos dominantes.

O aquartelamento compreendia

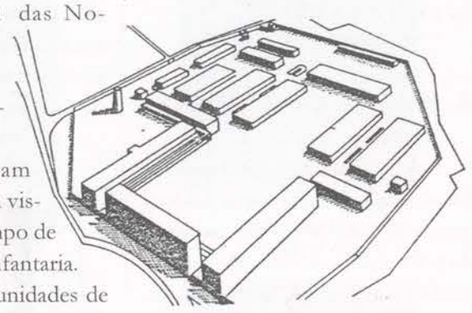


Figura 3: Quartel para um Regimento de Cavalaria (fonte: Manual de Fortificações e Arquitectura Militar - Academia Militar)

as seguintes dependências: edifício do comando, instrução e serviços de mobilização; corpo da guarda e prisões; edifício do reforço da guarda e piquete; edifício dos oficiais; enfermaria regimental; edifícios das casernas ocupando dois pisos; edifícios com casernas no 1º andar e arrecadações gerais e parques no rés-do-chão; parque de viaturas e arrecadação de arreios; parque de viaturas de construção ligeira; edifício do refeitório, cozinha, balneário, cantina e barbearia; edifício dos sargentos; ginásio coberto; campo de basquetebol; campo de voleibol; campo de futebol, com pistas de corridas com 300 m; pistas de corridas com 250 m com obstáculos; oficinas regimentais; sanitários gerais; lavadouros – mecânicos em cada um dos edifícios, havendo outro em simples alpendre com lavadouro; enfermaria veterinária e anexos; depósito de palha e grão; cavalariças; picadeiro coberto; edifício dos

sapadores e gases; câmara de gases, para o ensaio de colocação de máscaras; carreira de tiro com alpendre e arrecadação de alvos; paiol; garagem; e postos de incêndios.

O estudo inicial foi projectado para as unidades de Infantaria, mas o conceito CANIFA teve a sua implementação pelas diversas armas, onde na figura 3 se pode verificar uma vista panorâmica de um quartel para a Cavalaria.

4. CASOS DE ESTUDO

Em 1998, no Campo Militar de Santa Margarida, foi apresentado a uma delegação da NATO um estudo preliminar para a remodelação do apeadeiro de Santa Margarida. Este estudo foi desenvolvido no Campo Militar e submetido à Direcção-Geral de Infra-Estruturas do Ministério da Defesa Nacional para se candidatar à comparticipação de verbas por parte da NATO. O estudo visava a projecção das forças mecanizadas da Brigada Mecanizada Independente. Era objectivo proposto a projecção de uma unidade de escalão batalhão, de uma só vez, por comboio com destino a um porto de embarque, obviamente Lisboa. As unidades de escalão batalhão consideradas foram o Batalhão de Infantaria Mecanizado (1 ou 2) e o Grupo de Carros de Combate. A figura 4 apresenta o estudo preliminar. Esse estudo foi inserido nos projectos da NATO no âmbito dos *Capability Package*.

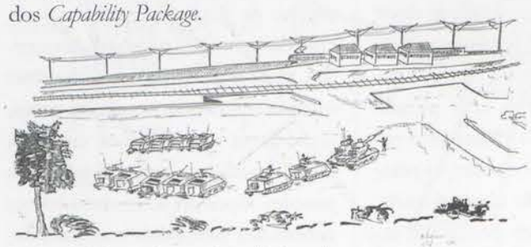


Figura 4: Esboço do estudo preliminar do apeadeiro de Santa Margarida (fonte: TCOR MARTINS)

Em 13 de Março de 2000 foi efectuada nova visita a Santa Margarida pela delegação da NATO e o estudo preliminar do apeadeiro de Santa Margarida foi pormenorizado apresentado os seguintes elementos: construção de um novo cais de embarque com 400 metros de comprimento; pavimentação da área adjacente ao apeadeiro para parqueamento das viaturas (5.000 m^2); iluminação de toda a área do apeadeiro incluindo a instalação de um gerador; um posto de controlo de acessos; e a vedação de todo o perímetro.

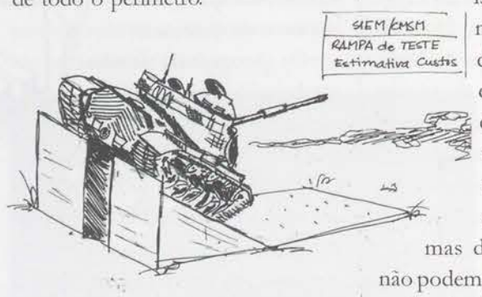


Figura 5: Esboço do estudo da rampa para o CC M60 (fonte: TCOR MARTINS).

Este projecto foi apresentado juntamente com o estudo do melhoramento do aeródromo de Tancos e ambos os projectos constituem o projecto *Capability Package* CP9B5062.

Por esta altura, foi desenvolvido em Santa Margarida o projecto da linha de alvos móveis para apoio do tiro do Carro de Combate. Este projecto inseriu-se no programa de melhoramento do sistema de tiro do CC M60A3TTS, acabando por não dar os resultados desejados. No entanto foram projectadas e executadas algumas infra-estruturas, como é o caso da linha de alvos móveis e a rampa para o alinhamento vertical do sistema de tiro do CC.

5. CONCLUSÃO

Além das condições gerais a que devem satisfazer todos os edifícios, os quartéis têm exigências particulares, que convém salientar e estudar.

Avultam de entre elas as seguintes:

- exigências de ordem higiénica;
- exigências de natureza militar;
- exigências económicas.

A ordem de preferência é, em geral, a indicada não devendo por isso, em condições normais, sacrificar as exigências higiénicas às militares e económicas, nem as duas primeiras a esta última. Contudo os aquartelamentos servem as organizações e as reformas dos exércitos, como tal não podem ficar indissociáveis desta realidade. É neste contexto que as diferentes épocas determinaram diferentes maneiras de olhar a instalação das tropas e determinaram uma consequente evolução, que, aqui e ali, apresenta casos típicos da adaptação das infra-estruturas ao funcionamento das forças militares.

Da Cavalaria são muitos os exemplos que podem ser contados.

NOTAS

1. Revista de Engenharia 1901 (6º Volume). O Coronel de Engenharia Duval Telles faz a resenha da obra "Da Cavalaria; sua Missão Estratégica e Táctica" da autoria do Major de Cavalaria Fernando Maya, pp. 193-197.
2. Ramos, Coronel Gonçalves (1970) Fortificação e Arquitectura Militar, 2º volume, Serviços Gráficos da Academia Militar, Lisboa, p. 37.
3. Veiga, Capitão de Engenharia Alfredo (1903) "Alguns Apontamentos sobre Quartéis", Revista de Engenharia Militar (8º Volume), Redacção e Administração, Lisboa, p. 382.
4. O baluarte é a parte sobressaída do perímetro das fortificações apresentando uma forma angular. É a zona mais guarnecida com canhões para a defesa da praça. A muralha que liga dois baluartes chama-se cortina.
5. Veiga, ibidem, p. 392.
6. Idem, ibidem, p. 43

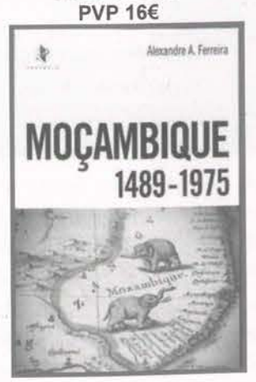
PREFÁCIO

SUGESTÕES DE LEITURA

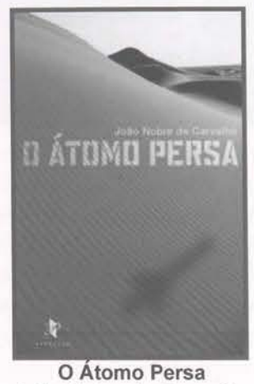
Guerra em Rede
João Vicente
PVP 16€

Notas Fora da Pauta
Filipe Zau
PVP 15€

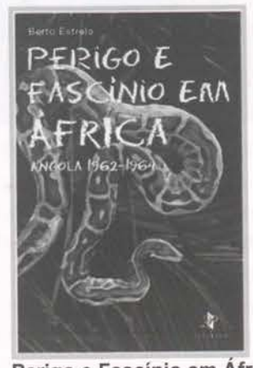
A Boneca de Quilengues
Arnaldo Santos
PVP 13€



Moçambique 1498-1975
Alexandre Ferreira
PVP 22€



O Átomo Persa
João Nobre de Carvalho
PVP 16€



Perigo e Fascínio em África
Berto Estrela
PVP 16,50€

Armamento Artilharia Vol II
João Vieira Borges
PVP 29,50€

A Função Pública
José Lomba Martins
PVP 11€

A Geração do Fim
vários
PVP 21,50€

Rua Pinheiro Chagas nº 19 – 1º 1050-174 Lisboa
Telefones 21 314 3378 / 21 353 0376 Fax 213143380
e-mail: editora.prefacio@mail.telepac.pt

As novas instalações em Abrantes da Escola Prática de Cavalaria.

Fig. 1 – Porta de Armas do Quartel de S. Lourenço, em Abrantes

A questão das instalações no contexto mais alargado das tarefas da transferência.

A decisão da transferência da Escola Prática de Cavalaria (EPC) para Abrantes foi sendo tomada e confirmada, em sucessivas sedes, ao longo de 2004 e 2005. O plano director integrado para a implementação da componente fixa e da componente operacional do sistema de forças do Exército, divulgado no final de 2005, previa, por seu turno, que a transferência se efectuasse apenas a partir de 2007.

Porém, em Maio de 2006 foi dada ao Comandante da EPC a indicação verbal de que a Escola deveria transferir-se até ao final do ano de 2006 para o Quartel de São Lourenço, em Abrantes. Embora se reconheça que, numa situação ideal, teria sido desejável dispor de mais tempo para planear a transferência e adaptar as instalações antes dela se efectivar, de resto como deixava prever o mencionado plano director integrado, a verdade é que tal não se verificou. Consequentemente, tornavam-se completamente inúteis, para quem tinha de executar a ordem, quaisquer considerações sobre o que poderiam ou não ter sido as condições ideais. Havia uma decisão tomada e uma ordem clara, designadamente quanto ao prazo a cumprir. Era preciso andar para diante.

A preocupação com a adaptação das novas instalações à missão e às actividades da EPC naturalmente foi imediata. Aliás, no mesmo dia, ainda em Maio de 2006, em que, da parte da manhã, o grupo de comando da EPC efectuou o primeiro reconhecimento ao Quartel de São Lourenço, da parte da tarde estas instalações seriam visitadas pelo Major-General Director da Direcção de Infra-Estruturas do Comando da Logística (DIE). No final desta visita, o DIE reuniu no local com o Comando da EPC e foram desde logo discutidos alguns assuntos num espírito de grande cooperação e compreensão mútua, que desde então se tem mantido e até reforçado.

Da parte do Estado-Maior do Exército, a EPC também contou sempre, neste âmbito, com uma perfeita compreensão da complexidade do conjunto de problemas inerentes à transferência. Neste contexto, na Directiva n.º 166/CEME/06 – Transferência da Escola Prática de Cavalaria de Santarém para Abrantes, de 27 de Junho, ficou expressa a intenção de "manter na EPC (Abrantes) as características especiais e de identidade da Escola", no que respeita a blindados e à componente equestre, e foram dadas indicações para a adaptação das instalações com vista a garantir o alojamento dos cursos e o apoio à operação e manutenção de viaturas blindadas de lagartas e à prática da equitação militar.

Evidentemente que, face aos prazos estabelecidos, era praticamente impossível iniciar, e muito menos finalizar, todas as obras necessárias antes da efectivação da transferência. Era preciso começar por definir as grandes opções do plano director da Unidade, elaborar programas, planos de pormenor, projectos, etc. Por outro lado, mesmo que se conseguissem mobilizar os vultuosos recursos financeiros necessários, seria sempre preciso tempo para respeitar os prazos legais inerentes aos diversos procedimentos concursais, adjudicar as obras, executá-las, etc.

Também importa inserir a preocupação com a adaptação das instalações no conjunto de problemas da transferência. Numa avaliação muito preliminar, identificavam-se desde logo duas grandes ordens de problemas, não completamente independentes entre si, quase todos eles colocando questões administrativas relativamente complexas, cujas soluções mobilizariam a atenção e desafiariam a capacidade do Comando e do Estado-Maior da Unidade: os problemas de ordem pessoal, psicológica e afectiva; e os problemas de ordem material, relacionados com a transferência dos equipamentos e das actividades da EPC.

Entre os problemas de ordem predominantemente pessoal e afectiva podiam distinguir-se aqueles que afectavam mais directamente o pessoal militar, sendo que as situações eram diferentes consoante a categoria e a modalidade de prestação do serviço militar; os que afectavam o pessoal civil da EPC; os que, no plano simbólico, afectavam a família militar de Santarém e a Arma de Cavalaria; e os que afectavam o património de afectos que se fora estabelecendo entre a EPC e Santarém ao longo dos quase 50 anos de permanência da Escola na cidade. Este último, em particular, alimentava uma certa pressão mediática com a qual também era necessário lidar.

Também eram inúmeros os problemas de ordem material, relacionados com a transferência dos equipamentos e das actividades da EPC de Santarém para Abrantes: conferências de cargas, listagens de material, destinos a dar ao material excedentário, planeamento do apoio de transportes, planos de carregamento, reconhecimentos, plano de ocupação das novas instalações, escoltas ao transporte de materiais críticos, estabelecimento de um conceito para as acções relativas ao tratamento do material museológico, incluindo placas e painéis decorativos, etc.

A resolução de quaisquer problemas, por seu turno, adivinhava-se mais difícil, porque algumas fases cruciais do planeamento da transferência iriam ocorrer em simultâneo com a alteração do vínculo de dependência hierárquica da EPC, do Governo Militar de Lisboa para o Comando da Instrução e Doutrina, e num momento em que o primeiro se encontrava em processo de desactivação e extinção e o segundo tinha que, ele próprio, adaptar-se a uma nova organização e a acrescidas competências, bem como gerir o seu processo de transferência de Lisboa para Évora.

Outros aspectos que de algum modo, em maior ou menor escala, afectaram o planeamento e a execução das obras de adaptação do novo aquartelamento, foram a circunstância de só a partir de meados de Agosto, quando terminou o turno do Curso de Formação Geral Comum de Praças do Exército que começara em Maio, as instalações terem começado a ficar progressivamente disponíveis (aliás, ocupando uma parte do quartel, a Comissão Liquidatária do RI2 estaria em funções até Março de 2007); a necessidade de manter sem interrupções ou alterações significativas o plano de formação anual e a calendarização da formação militar a ministrar, bem como as outras actividades da Escola; e a aprovação, já em pleno processo de transferência da EPC, de um novo quadro orgânico (QO). Com efeito, no final de Julho de 2006 seria aprovado o novo Quadro Orgânico da EPC, que implicou uma grande alteração estrutural, ainda que, nalguns casos, aproximando o QO da realidade efectivamente existente desde o fim do serviço efectivo normal. Este novo QO tem estado a ser testado para, de acordo com as orientações superiores, se fazerem até ao final de 2007 propostas de ajustamento ou de alteração.

Atento a este quadro geral, a 21 de Agosto apresentaram-se, no que era então o Destacamento em Abrantes do RI1 (o RI2 fora extinto a 31 de Julho de 2006, passando a EPC desde então a apoiar a respectiva Comissão Liquidatária), cerca de 20 militares da EPC, materializando o início dos trabalhos da Comissão Instaladora da EPC na nova localização. No dia 3 de Outubro de 2006, coincidindo com a desactivação do Destacamento em

COR Cav TIAGO VASCONCELOS
Comandante da EPC.

Abrantes do RI1, foi activado o Destacamento em Abrantes da EPC que, com cerca de 100 militares e civis, durante aproximadamente um mês e meio, promoveu os preparativos possíveis para a chegada do grosso da EPC. E no dia 20 de Novembro de 2006, depois de uma cerimónia militar de apresentação no centro da cidade de Abrantes, o Comando e as principais actividades da EPC transferiram-se para o Quartel de São Lourenço.

A partir de 20 de Novembro de 2006, por seu turno, foi activado em Santarém um Destacamento da EPC, com a missão fundamental de promover a entrega e ultimar a transferência de alguns materiais, bem como de sustentar algumas actividades da EPC cuja transferência para Abrantes estava dependente de algumas obras entretanto realizadas. Este destacamento deveria ter sido desactivado no final do ano de 2006. No entanto, algum atraso no plano de transporte de cargas, designadamente provocado pela necessidade de o sistema de transportes do Exército ter de apoiar a projecção da Companhia de Engenharia para o sul do Líbano (uma situação que não era previsível no momento em que foi estabelecido o cronograma da transferência), e a consequente necessidade de fazer deslizar a execução do referido plano de um modo que o fez coincidir parcialmente com o período dos feriados e das festas de Dezembro, a par de um pequeno atraso na execução das obras das cavalariças em Abrantes e da indefinição relativa ao futuro dos prédios militares de Santarém, fizeram com que fosse ligeiramente adiada a desactivação do Destacamento da EPC em Santarém.

Fig. 2 – Vista aérea do Quartel de S. Lourenço

Instalações da EPC em Abrantes: necessidades de adaptação, modernização e requalificação

O Quartel de São Lourenço é um típico quartel CANIFA, inaugurado na segunda metade dos anos 50 do século XX. Tem portanto cerca de 50 anos, tendo sido construído de raiz com a finalidade de alojar um unidade militar, no caso um regimento de infantaria.

O prédio militar tem uma área total de 37 hectares, dos quais 15,6 hectares são ocupados pelo quartel propriamente dito, enquanto que os outros 21,4 hectares correspondem a uma zona rústica, contígua ao quartel, a designada Área Militar de São Lourenço. As instalações em Abrantes são, assim, relativamente espaçosas e possuem algumas vantagens, como, por exemplo, a existência de duas carreiras de tiro: uma de 25 metros, no interior do quartel; e uma de 200 metros, na parte rústica do prédio militar.

Nos terrenos militares contíguos ao quartel – a Área Militar de São Lourenço – tem sido possível ministrar instrução de condução de viaturas blindadas de rodas e de lagartas, estando prevista uma melhor apropriação dos caminhos a esta finalidade, ao mesmo tempo que, com a transformação no futuro da carreira de tiro de 200 metros numa carreira de tiro de 100 metros, se libertará algum espaço para aumentar e melhorar a capacidade da pista de condução.

Fig. 3 – Área de implantação do Prédio Militar de S. Lourenço

Fig. 4 – Instrução de Condução da viatura M-11 Panhard na Área Militar de S. Lourenço

Apesar da transferência da EPC de Santarém para Abrantes se ter concretizado de forma serena e sem sobressaltos, e de a Escola estar a cumprir a sua missão e, ainda que com uma ou outra limitação, a desenvolver as suas actividades, a verdade é que se identificam muitas necessidades no que respeita à adaptação, modernização e requalificação das instalações do Quartel de São Lourenço.

O primeiro grande conjunto de situações a resolver é o que decorre da própria idade e relativa falta de manutenção das instalações, mesmo algumas que, em relação à data de inauguração do quartel, são de construção mais recente, como a messe de sargentos ou, fora do perímetro do quartel, o bloco de Casas do Estado. Daqui resulta alguma necessidade de reparação e pintura de portas e janelas, de pintura exterior e interior de alguns edifícios, de substituição de pisos, de pintura do muro, de pintura de portões, de substituição e reparação de material de cozinha e refeitório, etc. Por outro lado, alguns sistemas, como por exemplo o sistema de condutas subterrâneas de água e de esgotos, têm, fruto da sua idade, problemas e roturas frequentes, colocando-se a necessidade da sua remodelação. Aliás, por imposição legislativa ou determinação superior, terão de ser programadas algumas intervenções relativas às redes de distribuição de água, à rede de distribuição de gás, etc.

Outra grande área de esforço resulta da menor adequação das instalações à nova tipologia de prestação do serviço militar, incluindo a necessidade de separar o pessoal masculino do pessoal feminino, e aos padrões de conforto e de bem-estar próprios da sociedade actual. Neste contexto, surge, por exemplo, a necessidade de reconfiguração das casernas e das áreas de lazer das praças prontas.

Os dois conjuntos de situações ou áreas de esforço até agora referidos são geralmente transversais a todo o Exército e afectariam a EPC qualquer que fosse a sua localização. Algumas preocupações, porém, são mais específicas da EPC: as que têm a ver com a necessidade de adaptar as instalações à missão e às actividades de uma Escola Prática e de uma unidade de Cavalaria.

No que respeita às necessidades próprias de uma Escola Prática podem referir-se os alojamentos dos cursos de oficiais e sargentos dos quadros permanentes e voluntários; os locais de instrução, incluindo salas de aula e cobertos de instrução; a adequação do parque de infra-estruturas desportivas, incluindo a construção de um ginásio coberto; e a instalação do museu da EPC (durante o processo de transferência, confundiu-se por vezes o museu da EPC com um museu a situar em Santarém, com o qual a respectiva Câmara Municipal pretende assinalar a passagem da EPC pela cidade e para o qual o Exército se comprometeu através de um protocolo a ceder, em determinadas condições, algum material militar com valor museológico).

Fig. 5 – Instrução de Condução do Carro de Combate M60A3TTS na Área Militar de S. Lourenço

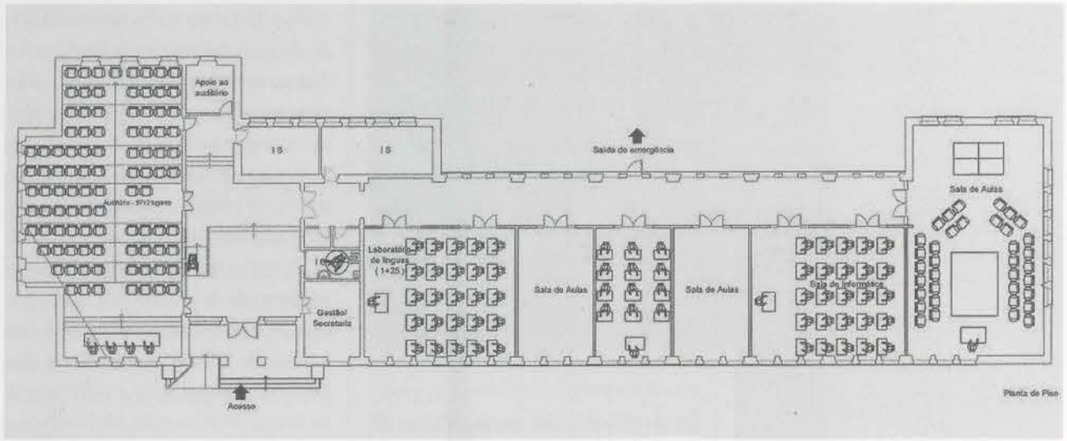


Fig. 6 – Projecto que visa transformar em auditórios e salas de aula uma das 8 casernas que ladeiam a Parada Chaimite

No que respeita às necessidades próprias de uma unidade de Cavalaria devem referir-se as infra-estruturas de apoio à prática e à instrução de equitação militar; e as infra-estruturas de apoio à instrução técnica das viaturas e sistemas de armas que equipam as unidades da Arma.

Foi com estas preocupações em mente, e em estreita articulação com a DIE, que logo a partir de Junho de 2006 se foram estabelecendo as grandes opções do plano director da Unidade e elaborando projectos relativos a diversos planos de pormenor. A velocidade da adaptação, modernização e requalificação das novas instalações da EPC depende da necessidade de procedimentos concursais e de alguns problemas técnicos específicos de certas obras, mas, fundamentalmente, depende da existência de recursos financeiros, que facilmente se estimam na ordem de alguns milhões de euros.

Obras realizadas e perspectivas

A par de um singelo "Memorial do RI2", as primeiras obras executadas em Abrantes com vista à instalação da EPC foram as obras de caracterização da entrada do Quartel de São Lourenço e as cavalariças, com capacidade para alojar 41 solípedes em *boxes* individuais.

A EPC tem advogado junto da DIE que o esforço já feito com a construção das cavalariças sugere que, o mais rapidamente possível, seja feito o esforço adicional, relativamente pequeno, de construção de um picadeiro coberto. Entretanto os cavalos já trabalham na EPC, mas dispondo apenas de um campo de obstáculos, e simultaneamente picadeiro descoberto improvisado, resultante da adaptação do campo de futebol de 11 que existia no RI2, cujos piso e condições se têm procurado progressivamente melhorar com os recursos próprios da Unidade.

Naturalmente muitos aspectos relacionados com a transferência e instalação da EPC em Abrantes continuarão a constituir preocupação do Comando da EPC nos próximos anos: o plano director irá sendo executado à medida das possibilidades financeiras do Exército; o itinerário do museu da EPC terá de ser adaptado à nova situação; a infra-estrutura de apoio à prática da equitação militar terá de ser completada; a apropriação da parte rústica do prédio militar terá de ser concebida e executada; etc.

Fig. 7 – Pormenor da entrada principal do Quartel de S. Lourenço (o carro de combate que se vê na fotografia é o M48A5)

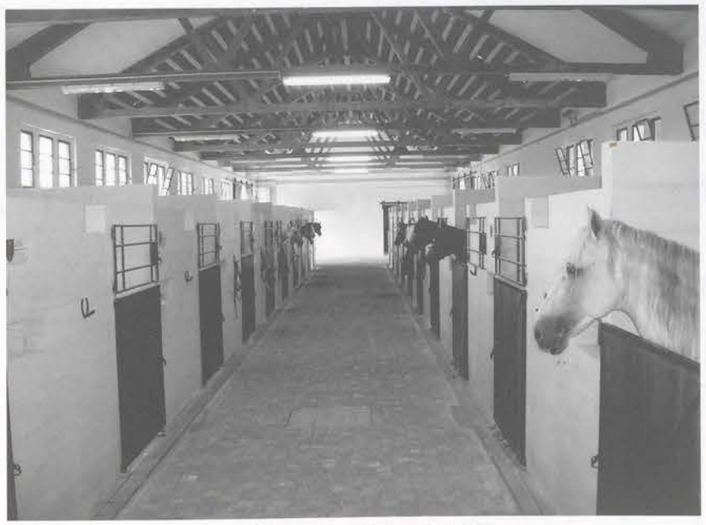


Fig. 8 – Uma vista do interior das novas cavalariças da EPC

Por outro lado, o próprio QO da EPC encontra-se em processo de revisão, ao mesmo tempo que está prevista a chegada ao Exército de novos sistemas de armas, incluindo um novo carro de combate e uma família inteira de viaturas blindadas de rodas – a PANDUR II 8x8. A chegada destes novos equipamentos provavelmente catalizará a aquisição de sofisticados sistemas de simulação táctica, e intensificará o recurso a cada vez mais avançados sistemas de treino baseado em computador, incluindo o *e-learning* e o *b-learning*. Tudo isto terá implicações mais ou menos extensas e profundas, e ainda não completamente antecipáveis neste momento, ao nível das instalações do Exército e, consequentemente, da EPC.

Como escrevi no *Boletim da EPC de 2007* (pp. 4-6), distribuído em Abrantes no dia da EPC e da Arma, a transferência da EPC de Santarém para Abrantes, que passa a constituir um marco importante na história da Unidade, vai continuar a interpelar-nos no futuro próximo. Mas, animados por um espírito inquebrantável, que é o espírito da nossa Arma, nenhum desafio poderá ser superior à vontade de o vencer.

Fig. 9 – O "campo de obstáculos" da EPC

(3.ª PARTE)

Autometralhadoras, Carros de Combate e outros blindados:

60 anos ao serviço da Escola Prática de Cavalaria (1943-2003)

O FINAL DA GUERRA DE ÁFRICA E AS NOVAS VIATURAS BLINDADAS DA ESCOLA

Entre 7 e 19 de Outubro de 1974 realizou-se na Escola um "*Estágio de VBL/"CHAIMITE*" para Oficiais e Sargentos do Quadro Permanente", frequentado por diversos oficiais e um sargento, de diversas unidades de Cavalaria[45]:

- Capitão António M.C. Correia, da E.P.C.
- Capitão Mário D.G. Tavares de Almeida, da E.P.C.
- Capitão Fernando José Salgueiro Maia, da E.P.C.
- Capitão Fernando G.F. Barros, do R.C.7
- Tenente Henrique J.G. Soares, do R.C.6
- 1º Sargento Issac C. Rodrigues, do R.C.6

Durante a realização deste estágio, chegou à Escola mais uma Viatura Blindada de Transporte de *Pessoal Bravia "Chaimite" V200*[46], que foi atribuída ao Esquadrão de Reconhecimento.

Curiosamente, em Maio de 1975, vinte anos após a recepção dos primeiros Carros de Combate *Chaffee M24*, a Escola Prática de Cavalaria recebeu mais oito destes carros de combate[47]! Recebidos da Comissão Liquidatária do extinto Regimento de Cavalaria nº 8 de Castelo Branco, foram colocados no Esquadrão de Carros de Combate.

No início de Fevereiro de 1976 a Escola recebeu uma Viatura Blindada de Transporte de Viaturas Blindadas *Pacific Car & Foundry M26* 12 ton. 6x6 m/1953 com Semi-Reboque *Fruehauf M15A1* 45 ton. 8 m/1953[48]. Tratava-se de uma viatura blindada com uma plataforma para transporte de viaturas blindadas, em especial carros de combate com peso até 45 toneladas, ideal para o transporte dos pesados Carros de Combate *Patton M47*. A sua cabina blindada conferia protecção à guarnição que numa situação de combate tivesse de remover um carro de combate do campo de batalha.

Em 1976 o Exército Português assumiu novos compromissos com a OTAN que se traduziram no levantamento da 1ª Brigada Mista Independente, com sede no Campo Militar de Stª. Margarida. Para se equipar esta nova unidade foram recebidas novas viaturas blindadas. Entre 6 de Julho e 20 de Outubro decorreu no Regimento de Cavalaria nº 4 em Santa Margarida, um "*Curso de Chefes de Carro de Combate M48A5*" ministrado por instrutores do Exército dos Estados Unidos da América, no qual foram formados instrutores. Da Escola Prática de Cavalaria participaram o Sr. Major Henrique B. Godinho e o Sr. Capitão António R.P. Morgado[49].

No início de 1977 começaram a serem abatidas à carga diversas viaturas blindadas da Escola. Em Fevereiro foram abatidos à carga dois Carros de Combate *Chaffee M24*[50]. Em Maio foi a vez de ser abatida uma Autometralhadora *GM Fox MkI* e três Autometralhadoras *Humber MkIV*[51]. No ano seguinte, em Fevereiro de 1978, foi recebida mais uma Autometralhadora Ligeira *Panhard AML HE60-7* e três Viaturas Blindadas de Transporte de Pessoal *Bravia "Chaimite" V200*[52]. Em Junho de 1978 chegaram à Escola novas viaturas blindadas recebidas dos Estados Unidos da América. Foram recebidas cinco Viaturas Blindadas de Transporte de Pessoal *M113A1* 11 ton. m/1976, atribuídas ao Esquadrão de Reconhecimento[53].

No início de 1979 chegaram mais três autometralhadoras ligeiras *Panhard AML HE60-7*[54], atribuídas ao Esquadrão de Reconhecimento. Em Abril deste ano também foram recebidos mais dois Carros de Combate *Patton M47*[55], passando a existir na Escola nove Carros de Combate *Patton M47*. Em Maio, os dez Carros de Combate *Chaffee M24* e três dos Carros de Combate *Patton M47* foram transferidos para o Esquadrão de Apoio à Instrução mas em Agosto foram abatidos à carga dois dos Carros de Combate *Chaffee M24*[56], seguidos de outros quatro em Dezembro[57]. Em 14 de Novembro chegaram à Escola quatro Viaturas Blindadas de Reconhecimento *Ferret MkII* 4,5 ton. 4x4 m/1979[58].

Com a chegada de novas viaturas blindadas à Escola, algumas das mais antigas foram transferidas para o Museu da Cavalaria. As duas Viaturas Blindadas de Reconhecimento *Daimler MkIIIB* existentes no Esquadrão de Reconhecimento foram classificadas como material de Museu[59].

Em 1980 foram recebidas mais viaturas blindadas. Em Fevereiro foram recebidas duas Viaturas Blindadas de Transporte de Pessoal *Bravia "Chaimite" V200* e em Abril mais quatro Viaturas Blindadas de Reconhecimento *Ferret MkII*[60]. Em Julho chegaram mais dois Carros de Combate *Chaffee M24*[61], onde foram colocados no Esquadrão de Apoio à Instrução.

Entre 1981 e 1982 foram abatidas à carga da Escola diversas viaturas blindadas que já acusavam os anos de serviço. Foram abatidas três Viaturas Blindadas de Transporte de Pessoal *Panhard ETT*, quatro Viaturas Blindadas de Reconhecimento *Panhard EBR75*, sete Carros de Combate *Chaffee M24*, uma autometralhadora ligeira *Panhard AML HE60-7* e uma Viatura Blindada de Transporte de Viaturas Blindadas *Pacific Car & Foundry M26* com Semi-*Reboque Fruehauf M15A1*[62]. Para substituição destas viaturas foram recebidas "novas" viaturas blindadas que recentemente tinham chegado a Portugal. Foram recebidas na Escola seis autometralhadoras *Saladin MkII* 11,5 ton. 7,6 cm 6x6 m/1982[63], que foram atribuídas ao Esquadrão de Reconhecimento e ao Esquadrão de Apoio à Instrução e uma Viatura Blindada Porta-morteiro *M106A2* 12 ton. 10,7 cm m/1978[64], recebida do Regimento de Cavalaria nº 4 de Santa Margarida.

Uma Viatura Blindada de Transporte de Pessoal *Panhard ETT* da E.P.C. em desfile em Santarém.(Colecção Luís Costa).

Em Fevereiro de 1983 foram recebidas mais oito autometralhadoras *Saladin MkII*[65] para equiparem os dois Esquadrões que já tinham recebido este tipo de viatura blindada. Meses depois, por ordem da Direcção do Serviço de Material, as primeiras seis foram abatidas conjuntamente com outras três recentemente recebidas[66]. Em Julho do mesmo ano foram transferidas para o Museu da Cavalaria mais três viaturas blindadas: uma Viatura Blindada de Transporte de Pessoal *Panhard ETT* e dois Carros de Combate *Chaffee M24*[67]. Em 13 de Outubro deu-se uma nova alteração no efectivo de viaturas blindadas da Escola. Foi abatida uma Viatura Blindada de Transporte de Pessoal *Bravia "Chaimite" V200* que foi substituída por outra recebida do Depósito Geral de Material de Guerra[68]. O ano não terminou sem novos movimentos nas viaturas blindadas. Foi abatida uma Viatura Blindada de Reconhecimento *Ferret MkII*, e foram aumentadas três Viaturas Blindadas de Reconhecimento *Saladin MkII* e abatidas duas destas viaturas já existentes[69].

Em 1984 foi recebida uma Viatura Blindada de Lançamento de Mísseis SS11B1 *Bravia "Chaimite" V200* 7 ton. 4x4 m/1967[70] e foi abatida outra das Viaturas Blindadas de Transporte de Pessoal *Bravia "Chaimite" V200*[71]. Em Junho deste ano foi recebida uma Viatura Blindada de Recuperação de Viaturas Blindadas *M74* para substituir a que existia na Escola[72]. Esta substituição deveu-se à permuta do motor a gasolina da viatura por outro a diesel, modelo *Detroit Diesel 8V71T*[73]. A viatura recebida foi uma das viaturas que foi modificada com este novo motor. Em Outubro foram recebidas mais três Viaturas Blindadas de Lançamento de Mísseis SS11B1 *Bravia "Chaimite" V200*[74], e uma Viatura Blindada de Transporte de Pessoal *Bravia "Chaimite" V200*[75], as quais foram atribuídas ao Esquadrão de Reconhecimento. Ainda neste mês foram abatidos à carga da Escola oito Carros de Combate *Patton M47*[76], que foram entregues no Depósito Geral de Material de Guerra. Com a sua entrega, terminavam trinta anos de utilização destes carros de combate ao serviço da Escola Prática de Cavalaria[77]!

Em Fevereiro de 1985 chegaram à Escola os três primeiros Carros de Combate *Patton M48A5* 49 ton. 10,5 cm m/1976, fornecidos pelo Depósito Geral de Material de Guerra[78]. Um quarto Carro de Combate *Patton M48A5* chegou a Santarém no início de Março[79], onde se juntou aos outros no Esquadrão de Carros de Combate da Escola. Em Setembro chegou outro destes Carros de Combate *Patton M48A5*[80], ficando a Escola equi-

Sr LUÍS COSTA
Investigador.

pada com o modelo de carro de combate então em serviço no Exército. Entre Setembro e Outubro de 1985 foram abatidas à Escola mais viaturas blindadas. Foi abatida uma autometralhadora *Saladin MkII*[81], duas autometralhadoras *Eland Mk4* e quatro autometralhadoras *Panhard AML HE60-7*[82].

Em Novembro foram transferidas para o Museu da Cavalaria mais algumas das viaturas blindadas que ainda estavam ao serviço da Escola. Foram transferidos dois Carros de Combate *Chaffee M24*, duas Viaturas Blindadas de Reconhecimento *Panhard EBR75* e uma Viatura Blindada de Transporte de Pessoal *Panhard ETT*[83]. Em Abril de 1986 foram abatidas mais três viaturas blindadas: uma autometralhadora *Eland Mk4* e duas autometralhadoras *Panhard AML HE60-7*[84]. Em Outubro foi a vez de serem abatidas três Viaturas Blindadas de Transporte de Pessoal *Bravia "Chaimite" V200*[85]. Entre Fevereiro e Abril de 1987 outras quatro Viaturas Blindadas de Transporte de Pessoal *Bravia "Chaimite" V200* foram abatidas à carga da Escola[86].

No final de 1988 foi a vez de serem abatidas as quatro Viaturas Blindadas de Lançamento de Mísseis SS11B1 *Bravia "Chaimite" V200* existentes na Escola[87]. Todas as viaturas blindadas *Bravia "Chaimite" V200* foram sujeitas a um programa de recuperação e de modificações, realizado nas Oficinas Gerais de Material de Engenharia. Só em meados de 1990 é que voltaram a serem recebidas na Escola quatro Viaturas Blindadas de Lançamento de Mísseis SS11B1 *Bravia "Chaimite" V200* e quatro Viaturas Blindadas Porta-morteiro *Bravia "Chaimite" V200* 7 ton. 4x4 81 mm m/1967/87[88]. Estas últimas tinham sido modificadas para a versão de transporte de morteiro de 81 mm através do programa de transformações realizados nas Oficinas Gerais de Material de Engenharia. Também foram recebidas outras viaturas da "família" das "*Chaimite*": três Viaturas Blindadas de Transporte de Pessoal *Bravia "Chaimite" V200* 7 ton. 4x4 m/1967/87 (c/metr. 12,7)[89] que era a versão equipada com uma cúpula dotada de uma Metralhadora *Browning M2HB* de 12,7 mm. Entre Setembro e Outubro desse ano foram recebidas duas novas viaturas blindadas. Chegaram a Santarém duas Autometralhadoras *Cadillac Gage "Commando" V150* 11 ton. 9 cm 4x4 m/1989[90], atribuídas ao Esquadrão de Reconhecimento.

Uma das Autometralhadoras *Eland Mk4* de origem Sul-africana em exercícios.(Colecção Luís Costa).

No início de 1991 o Esquadrão de Reconhecimento recebeu mais quatro Viaturas Blindadas de Transporte de Pessoal *Bravia "Chaimite" V200* (c/metr. 12,7)[91], duas autometralhadoras *Eland Mk4*[92], três Viaturas Blindadas de Reconhecimento *Panhard Ultrav VBL M11* 3,5 ton. 4x4 m/1989[93] e mais duas Viaturas Blindadas de Reconhecimento *Saladin MkII*[94]. Foi abatida uma Viatura Blindada de Reconhecimento *Ferret MkII* e uma das Autometralhadoras *Cadillac Gage "Commando" V150*[95], a qual foi substituída por outra entretanto recebida[96]. Em Julho foi a vez de ser abatida uma Autometralhadora *Saladin MkII*, seguida por mais quatro Viaturas Blindadas de Reconhecimento *Ferret MkII*[97].

O abate de mais viaturas blindadas continuou durante o ano de 1992. Em Julho foi abatida outra Viatura Blindada de Reconhecimento *Ferret MkII*[98] e em Outubro duas destas viaturas blindadas foram transferidas para o Museu da Cavalaria, provenientes do Esquadrão de Reconhecimento[99]. Em finais de 1993 foi a vez de serem abatidas quatro Autometralhadoras *Saladin MkII*[100].

Em 10 de Fevereiro de 1994 chegou à Escola mais um Carro de Combate *Patton M48A5* proveniente de um lote destes carros de combate recebido em 1989[101]. Um ano depois chega mais uma Viatura Blindada de Transporte de Pessoal *M113A1*[102], recebida da Brigada Mecanizada Independente. Esta viatura fazia parte de um lote recebido da Holanda em 1993. Entre 1994 e 1995 um dos Carros de Combate *Patton M48A5* foi transformado em carro de instrução[103], apelidado de "*Buggy*", ao qual foram feitas transformações nas Oficinas Gerais de Material de Engenharia. Foi retirada a torre e construída uma estrutura em armação para uma cobertura, foram colocados bancos no interior e vidros, para se poder ministrar instrução de condução de carros de combate.

Vista lateral de uma viatura blindada de transporte de pessoal Bravia "Chaimite" V200 em exercícios nos anos setenta (Colecção Luís Costa).

Até 1997 não houve mais movimentação nas existências das viaturas blindadas da Escola. Em Janeiro de 1997 foram abatidas as quatro Viaturas Blindadas de Lançamento de Mísseis SS11B1 Bravia *"Chaimite" V200*[104]. Em Julho desse ano o Museu recebeu mais uma viatura blindada para a sua colecção, proveniente do Esquadrão de Reconhecimento. Foi transferida uma Autometralhadora *Saladin MkII*[105]. No final de 1997 foi recebida uma Viatura Blindada de Recuperação de Viaturas Blindadas *M88A2G2* 50,5 ton. m/1994[106], de origem alemã.

Em Maio de 1999 foram recebidos seis Carros de Combate *Patton M60A3 TTS* 51 ton. 10,5 cm m/1992[107] para substituírem os Carros de Combate *Patton M48A5*.

Em 1999 saíram da Escola Prática de Cavalaria diversas viaturas blindadas. Foram abatidas três Viaturas Blindadas de Reconhecimento *Panhard Ultrav VBL M11*, duas Viaturas Blindadas Porta-morteiro *Bravia "Chaimite" V200*, quatro Viaturas Blindadas de Transporte de Pessoal *Bravia "Chaimite" V200* (c/metr. 12,7) e quatro Viaturas Blindadas de Transporte de Pessoal *M113A1*[108]. Para as substituir foram recebidas outras viaturas fornecidas pelo Depósito Geral de Material de Guerra. Em Novembro chegaram duas Viaturas Blindadas de Reconhecimento *Panhard Ultrav VBL M11* e em Fevereiro de 2000 foram recebidas duas Viaturas Blindadas de Transporte de Pessoal *Bravia "Chaimite" V200* (c/metr. 12,7) e uma Viatura Blindada de Porta-morteiro *Bravia "Chaimite" V200*[109]. Em Março foi recebida mais uma Viatura Blindada de Reconhecimento *Panhard Ultrav VBL M11*[110].

Em Janeiro de 2003 a Escola recebeu mais uma Viatura Blindada de Reconhecimento *Panhard Ultrav VBL M11*, equipada com suporte para montagem de um Lança-mísseis Anti-carro *Milan*[111]. Em Abril foram aumentados de novo à carga as quatro Viaturas Blindadas de Transporte de Pessoal *M113A1* que anteriormente tinham sido abatidas[112]. Na realidade estas viaturas não chegaram a sair da Escola, sendo feito apenas o movimento em carga[113]. No final de 2003 cinco Carros de Combate *Patton M48A5* foram abatidos à carga da Escola, incluindo o carro transformado em "*Buggy*"[114], e outro foi transferido para o Museu da Cavalaria[115]. Foram também transferidos para o Museu a Viatura Blindada de Recuperação de Viaturas Blindadas *M74* e uma Autometralhadora *Eland Mk4*[116].

Com a saída dos últimos Carros de Combate *Patton M48A5* da Escola Prática de Cavalaria, completaram-se sessenta anos de utilização de viaturas blindadas na Escola. Ao longo de mais de meio século a Escola esteve equipada com grande diversidade de viaturas blindadas, praticamente com quase todos os tipos de viaturas blindadas que existiram em Portugal.

NOTAS

[45] Relação publicada na Ordem de Serviço nº 284 de 11 de Outubro de 1974, da E.P.C.

[46] Foi recebida a V.B.T.P. *Bravia "Chaimite" V200* com a matrícula MX-57-25, aumentada à carga através da Ordem de Serviço nº 308 de 4 de Novembro de 1974, da E.P.C.

[47] Os Carros de Combate *Chaffee M24* recebidos tinham as matrículas nº MG-05-65, MG-05-66, MG-05-68, MG-64-73, MG-64-74, MG-64-75, MG-64-76 e MG-87-74, e foram aumentados à carga através da Ordem de Serviço nº 290 de 17 de Outubro de 1975, da E.P.C.

[48] Foi recebida a V.B.Tr.V.B. *Pacific M26* com a matrícula MG-87-38, aumentada à carga através da Ordem de Serviço nº 315 de 10 de Novembro de 1976, da E.P.C.

[49] Ordem de Serviço nº 315 de 10 de Novembro de 1976 e nº 124 de 4 de Maio de 1977, da E.P.C.

[50] Foram abatidos os Carros de Combate *Chaffee M24* com as matrículas MG-01-04 e MG-64-74 através da Ordem de Serviço nº 74 de 14 de Março de 1977, da E.P.C.

[51] Foi abatida a Autometralhadora *GM Fox MkI* com a matrícula MG-16-84 e as Autometralhadoras *Humber MkIV* com as matrículas MG-21-45, MG-26-58 e MG-40-35, através da Ordem de Serviço nº 172 de 21 de Junho de 1977, da E.P.C.

[52] Foi recebida a V.B.R. *Panhard AML HE60-7* com a matrícula ME-98-98 e as V.B.T.P. *Bravia "Chaimite" V200* com as matrículas MG-21-62, MG-47-76 e MG-52-09 aumentadas à carga através da Ordem de Serviço nº 313 de 9 de Novembro de 1978, da E.P.C.

[53] Foram recebidas as V.B.T.P. *M113A1* com as matrículas MX-75-17, MX-75-18, MX-75-19, MX-75-20 e MX-75-21, aumentadas à carga através da Ordem de Serviço nº 201 de 20 de Julho de 1978, da E.P.C.

[54] Em 6 de Fevereiro foi recebida a V.B.R. *Panhard AML HE60-7* com a matrícula MG-72-75 e em 4 de Abril foram recebidas as V.B.R. *Panhard AML HE60-7* com as matrículas MG-38-78 e MG-38-80, aumentadas à carga através da Ordem de Serviço nº 68 de 9 de Março de 1979 e nº 116 de 26 de Abril de 1979, da E.P.C.

[55] Foram recebidos os Carros de Combate Patton M47 com as matrículas MG-00-64 e MG-97-16, aumentados através da Ordem de Serviço nº 141 de 21 de Maio de 1979, da E.P.C.

[56] Foram abatidos os Carros de Combate *Chaffee M24* com as matrículas MG-45-18 e MG-87-73 através da Ordem de Serviço nº 255 de 12 de Setembro de 1979, da E.P.C.

[57] Foram abatidos os Carros de Combate *Chaffee M24* com as matrículas MG-87-74, MG-09-14, MG-64-76 e MG-87-40 abatidos à carga através da Ordem de Serviço nº 30 de 30 de Janeiro de 1980, da E.P.C.

[58] Foram recebidas as V.B.R. *Ferret MkII* com as matrículas MX-84-39, MX-84-41, MX-84-49 e MX-84-60, aumentadas através da Ordem de Serviço nº 334 de 30 de Novembro de 1979, da E.P.C.

[59] Ordem de Serviço nº 30 de 30 de Janeiro de 1980, da E.P.C.

[60] Foi recebida a V.B.T.P. *Bravia "Chaimite" V200* com a matrícula MX-57-58, aumentada através da Ordem de Serviço nº 71 de 11 de Março de 1980 e as V.B.R. *Ferret MkII* com as matrículas MX-84-54, MX-84-56, MX-84-58 e MX-84-61, aumentadas através da Ordem de Serviço nº 127 de 6 de Maio de 1980, da E.P.C. Também foi recebida a V.B.T.P. *Bravia "Chaimite" V200* com a matrícula MX-57-70 em data que não foi possível detectar.

[61] Foram recebidos os Carros de Combate *Chaffee M24* com as matrículas MG-87-71 e MG-87-72 aumentados através da Ordem de Serviço nº 210 de 28 de Julho de 1980, da E.P.C.

[62] Foram abatidas as V.B.T.P. *Panhard ETT* com as matrículas ME-19-02, ME-19-05 e ME-19-07, as V.B.R. *Panhard EBR75* com as matrículas ME-17-18, ME-17-20, ME-17-07 e ME-16-98, os Carros de Combate *Chaffee M24* com as matrículas MG-05-65, MG-54-49, MG-64-73, MG-64-75, MG-87-71, MG-87-72 e MG-05-68, a V.B.R. *Panhard AML HE60-7* com a matrícula MX-27-43 e V.B.Tr.V.B. *M26* com a matrícula MG-87-38, através das Ordens de Serviço nº 89 de 30 de Março de 1981, nº 316 de 12 de Novembro de 1981, nº 119 de 29 de Abril de 1982, nº 146 de 26 de Maio de 1982, nº 167 de 16 de Junho de 1982 e nº 208 de 27 de Julho de 1982, da E.P.C.

[63] Foram recebidas as V.B.R. *Saladin MkII* com as matrículas MX-12-63, MX-12-64, MX-12-68, MX-12-69, MX-12-73 e MX-12-79 aumentadas através da Ordem de Serviço nº 119 de 29 de Abril de 1982, da E.P.C.

[64] Foi recebida a V.B.Tr.Mort. *M106 A2* com a matrícula MX-92-00 aumentada através da Ordem de Serviço nº 363 de 29 de Dezembro de 1982, da E.P.C.

[65] Foram recebidas as V.B.R. *Saladin MkII* com as matrículas MX-12-61, MX-12-62, MX-12-65, MX-12-66, MX-12-71, MX-12-72, MX-12-74 e MX-12-78 aumentadas através da Ordem de Serviço nº 95 de 5 de Abril de 1983, da E.P.C.

[66] Foram abatidas as V.B.R. *Saladin MkII* com as matrículas MX-12-58, MX-12-63, MX-12-64, MX-12-69, MX-12-73, MX-12-79, MX-12-65, MX-12-72 e MX-12-74 aumentadas através da Ordem de Serviço nº 144 de 24 de Maio de 1983, da E.P.C.

[67] Transferida a V.B.T.P. *Panhard ETT* com a matrícula ME-17-26 e os Carros de Combate *Chaffee M24* com as matrículas MG-02-30 e MG-05-66, através da Ordem de Serviço nº 217 de 5 de Agosto, da E.P.C.

[68] Abatida a V.B.T.P. *Bravia "Chaimite" V200* com a matrícula MG-48-04 e aumentada a MX-57-65, através das Ordens de Serviço nº 320 de 16 de Novembro de 1983 e nº 353 de 19 de Dezembro de 1983, da E.P.C.

[69] Foi abatida a V.B.R. *Ferret MkII* com a matrícula MX-84-61, foram aumentadas as V.B.R. *Saladin MkII* com as matrículas MX-12-64, MX-12-69 e MX-12-76 e abatidas as MX-12—66 e MX-12-71, através das Ordens de Serviço nº 5 de 5 de Janeiro de 1984, e nº 38 de 7 de Fevereiro de 1984, da E.P.C.

[70] Não foi possível detectar o aumento à carga desta viatura, que tinha a matrícula MX-57-64, mas aparece referência ao abate de componentes da mesma na Ordem de Serviço nº 202 de 20 Julho de 1984, da E.P.C.

[71] Foi abatida a V.B.T.P. *Bravia "Chaimite" V200* com a matrícula MX-57-65, através da Ordem de Serviço nº 255 de 11 de Setembro de 1984, da E.P.C.

[72] Foi recebida a V.B.R. V.B. *M74* com a matrícula MG-87-53 e foi abatida a MG-87-52, através da Ordem de Serviço nº 255 de 11 Setembro de 1984, da E.P.C.

[73] Elementos retirados do "Manual de Utilização e Manutenção Preliminar" nº DP-76 de 1984, da Direcção de Instrução da E.P.C.

[74] Foram recebidas as V.B.L.M.SS11B1 *Bravia "Chaimite" V200* com as matrículas MX-57-23, MX-57-40 e MX-57-47, aumentadas através da Ordem de Serviço nº 292 de 18 de Outubro de 1984, da E.P.C.

[75] Não foi possível detectar o aumento à carga desta viatura mas aparece a sua transferência do Esquadrão de Reconhecimento para o Esquadrão de Apoio à Instrução, referido na Ordem de Serviço nº 51 de 20 de Fevereiro de 1985, da E.P.C.

[76] Foram abatidos os Carros de Combate *Patton M47* com as matrículas ME-17-78, ME-17-83, MG-00-92, MG-97-16, MG-98-02, MG-97-18, MG-00-64 e MG-97-25 através das Ordens de Serviço nº 345 de 10 de Dezembro de 1984 e nº 7 de 7 de Janeiro de 1985, da E.P.C.

[77] O Carro de Combate *Patton M47* que não foi abatido, com a matrícula MG-02-12, foi transferido para o Museu da Cavalaria.

[78] Foram recebidos os Carros de Combate *Patton M48A5* com as matrículas MX-67-67, MX-67-70 e MX-67-71, aumentados através da Ordem de Serviço nº 70 de 11 de Março de 1985, da E.P.C.

[79] Foi recebido o Carro de Combate *Patton M48A5* com a matrícula MX-67-68 aumentado através da Ordem de Serviço nº 91 de 1 de Abril de 1985, da E.P.C.

[80] Foi recebido o Carro de Combate *Patton M48A5* com a matrícula MX-67-69 aumentado através da Ordem de Serviço nº 289 de 16 de Outubro de 1985, da E.P.C.

[81] Foi abatida a V.B.R. *Saladin MkII* com a matrícula MX-12-61 através da Ordem de Serviço nº 310 de 6 de Novembro de 1985, da E.P.C.

[82] Foram abatidas as V.B.R. *Eland Mk4* com as matrículas MX-62-76 e MX-62-81 e as V.B.R. *Panhard AML HE60-7* com as matrículas MG-38-78, MG-72-75, ME-98-98 e MX-27-26, através da Ordem de Serviço nº 135 de 15 de Maio de 1986, da E.P.C.

[83] Foram transferidos os Carros de Combate *Chaffee M24* com as matrículas MG-02-30 e MG-05-66, as V.B.R. *Panhard EBR75* com as matrículas ME-17-14 e ME-17-23 e a V.B.T.P. *Panhard ETT* com a matrícula ME-17-26, através da Ordem de Serviço nº 310 de 6 de Novembro de 1985, da E.P.C.

[84] Foi abatida a V.B.R. *Eland Mk4* com a matrícula MX-62-78 e as V.B.R. *Panhard AML HE60-7* com as matrículas MG-38-80 e MX-27-18, através da Ordem de Serviço nº 254 de 11 de Setembro de 1986, da E.P.C.

[85] Foram abatidas as V.B.T.P. *Bravia "Chaimite" V200* com as matrículas MG-52-09, MG-58-29 e MX-57-70, através da Ordem de Serviço nº 282 de 9 de Outubro de 1986, da E.P.C.

[86] Foram abatidas as V.B.T.P. *Bravia "Chaimite" V200* com as matrículas MG-57-25 e MX-57-58, através da Ordem de Serviço nº 127 de 7 de Maio de 1987 e as MG-21-62 e MG-47-76, através da Ordem de Serviço nº 159 de 8 de Junho de 1987 da E.P.C.

[87] Foram abatidas as V.B.L.M.SS11B1 *Bravia "Chaimite" V200* com as matrículas MX-57-23, MX-57-40, MX-57-47 e MX-57-64, através da Ordem de Serviço nº 365 de 30 de Dezembro de 1988 da E.P.C.

[88] Foram recebidas as V.B.L.M.SS11B1 *Bravia "Chaimite" V200* com as matrículas MX-57-60, MX-57-61, MX-57-67 e MX-57-68, e as V.B.Tr.Mort. *Bravia "Chaimite" V200* com as matrículas MG-16-82, MG-18-00, MG-21-62 e MX-21-68, através da Ordem de Serviço nº 214 de 02 de Agosto de 1990 da E.P.C.

[89] Não foi possível detectar a Ordem de Serviço pela qual estas viaturas foram aumentadas à carga, mas já aparece referência à viatura com a matrícula MG-12-47 ao serviço do Esquadrão de Reconhecimento da Escola, através da Ordem de Serviço nº 214 de 2 de Agosto de 1990, bem como das viaturas com as matrículas MX-57-20 e MX-57-39, na Ordem de Serviço nº 177 de 14 de Setembro de 1999, da E.P.C., aquando do abate à carga da Escola.

[90] Foram aumentadas as V.B.R. *Cadillac Gage "Commando" V150* com as matrículas MX-40-62 e MX-40-61, através das Ordens de Serviço nº 311 de 3 de Dezembro de 1990 e nº 6 de 9 de Janeiro de 1991, da E.P.C.

[91] Foram recebidas as V.B.T.P. *Bravia "Chaimite" V200* (c/ metr. 12,7) com as matrículas MG-36-65, MX-57-35, MX-57-40 e MX-57-64, aumentadas através da Ordem de Serviço nº 75 de 18 de Abril de 1991 da E.P.C.

[92] Foram recebidas as V.B.R. *Eland Mk4* com as matrícula MX-61-44 e MX-62-80, aumentadas através da Ordem de Serviço nº 85 de 6 de Maio de 1991 da E.P.C. Nesta Ordem de Serviço não são descritas as matrículas mas aparecem em Ordens de Serviço posteriores.

[93] Foram recebidas as V.B.R. *Panhard VBL* com as matrículas MX-39-28, MX-39-36 e MX-39-37, aumentadas através da Ordem de Serviço nº 94 de 20 de Maio de 1991 da E.P.C.

[94] Foram recebidas as V.B.R. *Saladin MkII* com as matrículas MX-12-61 e MX-12-80, aumentadas através da Ordem de Serviço nº 119 de 26 de Junho de 1991 da E.P.C.

[95] Foi abatida a V.B.R. *Ferret MkII* com a matrícula MX-84-39 através da Ordem de Serviço nº 145 de 1 de Agosto e a V.B.R. *Cadillac Gage "Commando" V150* com a matrícula MX-40-62, através da Ordem de Serviço nº 119 de 26 de Junho de 1991, da E.P.C.

[96] Foi recebida em 28 de Junho de 1991 a V.B.R. *Cadillac Gage "Commando" V150* com a matrícula MX-40-55, aumentada através da Ordem de Serviço nº 57 de 26 de Março de 1992, da E.P.C.

[97] Foi abatida a V.B.R. *Saladin MkII* com a matrícula MX-12-78 através da Ordem de Serviço nº 190 de 7 de Outubro de 1991 e as V.B.R. *Ferret MkII* com as matrículas MX-84-41, MX-84-54, MX-84-58 e MX-84-60 através da Ordem de Serviço nº 219 de 18 de Novembro de 1991, da E.P.C.

[98] Foi abatida a V.B.R. *Ferret MkII* com a matrícula MX-84-39 através da Ordem de Serviço nº 175 de 15 de Setembro de 1992, da E.P.C.

[99] Foram abatidas à carga do Esquadrão de Reconhecimento e aumentadas à carga do Museu as V.B.R. *Ferret MkII* com as matrículas MX-84-49 e MX-84-56, através da Ordem de Serviço nº 229 de 3 de Dezembro de 1992, da E.P.C.

[100] Foram abatidas as V.B.R. *Saladin MkII* com as matrículas MX-12-61, MX-12-64, MX-12-76 e MX-12-80, através da Ordem de Serviço nº 292 de 30 de Dezembro de 1993 da E.P.C.

[101] Foi recebido o Carro de Combate *Patton M48A5* com a matrícula MX-41-12, aumentado à carga através da Ordem de Serviço nº 69 de 11 de Abril de 1994, da E.P.C.

[102] Foi recebida a V.B.T.P. *M113A1* com a matrícula MX-60-59, aumentado à carga através da Ordem de Serviço nº 136 de 20 de Julho de 1995, da E.P.C.

[103] O Carro de Combate *Patton M48A5* que foi modificado foi o MX-41-12.

[104] Foram abatidas as V.B.L.M.SS11B1 *Bravia "Chaimite" V200* com as matrículas MX-57-60, MX-57-61, MX-57-67 e MX-57-68, através da Ordem de Serviço nº 41 de 3 de Março de 1999 da E.P.C.

[105] Foi transferida a V.B.R. *Saladin MkII* com a matrícula MX-12-69, através da Ordem de Serviço nº 174 de 15 de Setembro de 1997 da E.P.C.

[106] Foi recebida a V.B.R.V.B. *M88 A2G2* com a matrícula MX-65-18, aumentada através da Ordem de Serviço nº 220 de 18 de Novembro de 1997 da E.P.C.

[107] Foram recebidos os Carros de Combate Patton M60A3 TTS com as matrículas MX-62-08, MX-62-13, MX-62-36, MX-65-20, MX-65-21 e MX-65-22, aumentados à carga através da Ordem de Serviço nº 123 de 5 de Julho de 2000, da E.P.C.

[108] Foram abatidas as V.B.R. *Panhard VBL* com as matrículas MX-39-28, MX-39-36 e MX-39-37, as V.B.T.Mort. *Bravia "Chaimite" V200* com as matrículas MG-16-82 e MG-18-00, as V.B.T.P. *Bravia "Chaimite" V200* com as matrículas MG-12-47, MX-57-20, MX-57-39 e MX-57-40 e as V.B.T.P. *M113A1* com as matrículas MX-75-17, MX-75-19, MX-75-20 e MX-60-59, através da Ordem de Serviço nº 177 de 14 de Setembro de 1999, da E.P.C.

[109] Foram recebidas as V.B.R. *Panhard VBL* com as matrículas MX-39-29 e MX-39-36, as V.B.T.P. *Bravia "Chaimite" V200* com as matrículas MG-25-98 e MX-57-56 e a V.B.T.Mort. *Bravia "Chaimite" V200* com a matrícula MX-57-23, aumentadas através das Ordens de Serviço nº 73 de 17 de Abril e nº 123 de 5 de Julho de 2000, da E.P.C.

[110] Foi recebida a V.B.R. *Panhard VBL* com a matrícula MX-05-92, aumentada através da Ordem de Serviço nº 123 de 5 de Julho de 2000, da E.P.C.

[111] Foi recebida a V.B.R. *Panhard VBL* com a matrícula MX-10-34, aumentada através da Ordem de Serviço nº 23 de 3 de Fevereiro de 2003, da E.P.C.

[112] Foram aumentadas as V.B.T.P. *M113A1* com as matrículas MX-75-17, MX-75-19, MX-75-20 e MX-60-59, através da Ordem de Serviço nº 35 de 20 de Fevereiro de 2004, rectificada pela Ordem de Serviço nº 59 de 31 de Março de 2004, da E.P.C.

[113] Não nos foi possível apurar a razão deste movimento.

[114] Foram abatidos os Carros de Combate *Patton M48A5* com as matrículas MX-67-67, MX-67-68, MX-67-69, MX-67-71 e MX-41-12, através da Ordem de Serviço nº 35 de 20 de Fevereiro de 2004, da E.P.C.

[115] Foi transferido o Carro de Combate *Patton M48A5* com a matrícula MX-67-70, através da Ordem de Serviço nº 59 de 31 de Março de 2004, da E.P.C.

[116] Foi transferida a V.B.R.V.B. *M74* com a matrícula MG-87-53 e a V.B.R. *Eland Mk4* com a matrícula MX-62-80, através da Ordem de Serviço nº 59 de 31 de Março de 2004, da E.P.C.

Heyl Shirion - O Corpo de Blindados das Forças de Defesa Israelitas

Os Anos de Formação 1948 – 1967 (4ª Parte – 1966-1967)

– 6 DE JUNHO

No reposicionamento nocturno em área urbana, dois M-50 ficam retidos numa pedreira. Ao amanhecer o MAJ Braz apenas tem quatro carros e cerca de 10 viaturas blindadas para opor à 60ª Brigada, da qual os primeiros Patton já se avistam.

A progressão da Brigada Jordana foi incessantemente dificultada pela Heyl Ha'Avir em missões de interdição. Ainda assim os dois esquadrões na vanguarda agrupam 24 M48.

A relação de forças e as condições do confronto são de extrema adversidade para os Israelitas. Os Patton vindos de Este têm o sol na sua retaguarda e as peças de 75mm são ultrapassadas em alcance e poder de fogo perante as de 90mm. Factores insuficientes para impedir o MAJ Berez de iniciar o contacto com o inimigo.

Os múltiplos impactos directos são ineficazes, quando não ressaltam na blindagem dos M48 explodem à superfície. É no entanto, o suficiente para abalar a confiança das guarnições que, depois de sofrerem algumas baixas, retiram para reorganizar o ataque.

Dr. HUMBERTO OLIVEIRA
Investigador.

Um Supersherman está inoperativo e todas as viaturas foram destruídas. No entanto a reduzida força aguarda o segundo embate. Seis Patton avançam novamente sobre as posições Israelitas. A manobra é dificultada pela zona urbana onde se encontram e ao aproximarem-se expõem o flanco ao fogo das Browning 12,7mm dos M-50.

Os carros de combate Jordanos têm montados na retaguarda depósitos externos de combustível, o que lhes é fatal. Atingido pela munição tracejante, um dos Patton incendeia-se e é envolto em chamas. O mesmo sucede a outro. O apoio aéreo destrói mais dois carros. O pânico apodera-se das guarnições e a debandada é geral, não sem que mais três Patton sejam destruídos pela Heyl Ha'Avir.

Num TO de forte carga emotiva, o GEN Uzi Narkiss reconhece que o assalto da 10ª Brigada ao Corredor de Jerusalém foi suicida, ainda que decisivo para a libertação da Cidade de David. Uri Ben-Ari pensará que prevaleceu a força de vontade do mais forte e a *devoção à missão*[44]. Mas imortalizada é a glória dos Tzanhanim do COR "Motta" Gur (natural de Jerusalém) frente ao Muro Sagrado, porque para *"o Templo do Monte vai-se a pé"*, lembra o GEN Rabi Shlomo Goren.

Indiferente às lágrimas e orações Ben-Ari continua com parte da sua Brigada a progressão para Este. Na manhã de 7 é a unidade do Tzahal no limite da infiltração em território Jordano. Perto de Jerico pede a Narkiss autorização para atacar a vila. Moshe Dayan ao inteirar-se do seu posicionamento exclama: *"O que faz Uri junto a Jerico? Quem autorizou esta acção? Dá-lhe ordem de retroceder imediatamente."*

Apenas por algumas horas vigora a ordem de retornar a Ramallah. Ao entardecer Uri Ben-Ari avança de novo para Jerico. Uzi Narkiss exprime ao seu adjunto: *"Deixa-o tentar rebentar com a Ponte Allenby"*. O que acontece às 06.00 do dia seguinte. E com a destruição das quatro pontes, efectua-se o corte da ligação entre a margem ocidental e oriental do Rio Jordão. *"Como é que se governa um milhão de Árabes?"* questiona pensativamente Y. Rabin na presença de M. Dayan, *"Um milhão duzentos e cinquenta mil"* corrige Rehavam "Gandi" Ze'evi, adjunto do COR Ezer Weizman[45].

– MONTES GOLAN

– 9 DE JUNHO

No QG do Comando Territorial Norte, o GEN "Dado" Elazar recebe directamente de

Dayan a ordem para desencadear a ofensiva contra a frente Síria na madrugada do dia 9.

Moshe Dayan inflectiu a sua decisão inicial e consciente da superioridade do Tzahal no confronto com os Sírios, agora que a vitória na frente Sul e Centro está consolidada, quer assegurar a vantagem geográfica que permite inverter o balanço estratégico no conflito com a Síria[46].

"Dado", que nos dias antecedentes exerceu forte pressão sobre o Governo Israelita para desencadear o plano *Makevet* (Martelo), não quer escutar o raciocínio político subjacente à decisão de Dayan e exclama: *"Não me interessa. Estamos a atacar. Muito obrigado. Shalom. Shalom."*

Durante a manhã, a artilharia Israelita e a Heyl Ha'Avir submetem as fortificações Sírias a um contínuo bombardeamento de preparação para o avanço das forças terrestres. Nas encostas, aproveitando a origem vulcânica rochosa do terreno, o Exército Sírio construiu um sofisticado dispositivo defensivo. Galerias subterrâneas e túneis de ligação apoiam, à superfície, a rede de trincheiras, abrigos de artilharia e alvéolos fortificados que, à semelhança dos Franceses e a sua Linha Maginot, os Sírios consideram inexpugnável.

O GEN Elad Peled, comandante da *Ugda* que integrava a 45ª e a 37ª Brigadas Blindadas, descreve posteriormente o TO: *"Os Montes Golan apresentaram-se como um dos mais difíceis desafios operacionais e tácticos que o Tzahal jamais tinha enfrentado"*[47].

Três únicas vias de comunicação ascendem as escarpas ocidentais dos Montes Golan. A Sul, o trajecto entre a fronteira com a Jordânia e a margem Este do Kinneret, em direcção à vila de Fiq no topo da colina. Ao Centro, a milenária estrada de Hatzor para Damasco, rota de marcha dos antigos Exércitos Assírio e Babilónio, através da ponte de Bnot Ya'akov. E a Norte, dominada pelos 2.814 metros de altura do Monte Hermon, a estrada que percorre a sua encosta para a vila Drusa de Mas'ada no caminho para Kuneitra, QG do Exército Sírio no sector dos Golan.

A deslocação[48] de carros de combate e Infantaria das frentes Sul e Centro para o Comando Territorial Norte, iniciou-se a 7. No dia 9, "Dado" Elazar aguarda ainda a reorganização e transferência de Unidades para poder multiplicar a pressão simultânea em toda a frente dos Golan.

O esforço principal do ataque (*schwerpunkt*) Israelita é concentrado no sector Norte. A força de assalto, comandada pelo General na reserva Dan Laner, integra a Brigada de Infantaria Golani e a 8ª Brigada Blindada do COR Albert Mandler, retirada da frente do Sinai.

O objectivo é criar uma ruptura nas defesas Sírias entre Tel Azaziat e Q'ala, após o que, a Golani progride para Nordeste, elimina a posição de Tel Fahar, ataca Tel Azaziat pela retaguarda e procede à consolidação da brecha na área do Banias.

Ao COR Mandler é dada a missão de avançar para Sudeste, orientando a 8ª Brigada nas vias de comunicação no sentido Q'ala – Kuneitra, num movimento lateral que procura flanquear as defesas inimigas no planalto e estabelecer uma cabeça-de-ponte com cerca de 8km de profundidade.

O Exército Sírio tem cerca de 65.000 efectivos agrupados em três formações de nível Divisionário, a 12ª, a 35ª e a 42ª, num total de doze Brigadas, e uma Brigada Independente. A 42ª, posicionada a Este de Kuneitra na estrada para Damasco, constitui-se como reserva operacional da 12ª e 35ª, posicionadas nos Montes Golan.

No primeiro escalão da defesa, três Brigadas de Infantaria maneiam as fortificações e trincheiras nas escarpas. À sua retaguarda, no planalto, o segundo escalão de defesa é constituído por mais três Brigadas de Infantaria e uma reserva móvel que integra uma Brigada Blindada e uma Brigada de Infantaria Mecanizada. O apoio de Artilharia é constituído por várias batarias num total de 265 peças.

Ao final da manhã, precedidos por escavadoras da Engenharia, os Sherman e Centurion da 8ª Brigada, com o 112º Batalhão do TCOR Arieh "Biro" na vanguarda, principiam o avanço. A progressão é lenta, a topografia adversa aos carros de combate condiciona a manobra táctica e obriga o movimento a um único estreito eixo de progressão em coluna sob contínuo bombardeamento da Artilharia Síria.

As primeiras perdas resultam de tiros directos nas escavadoras e nas viaturas blindadas da Infantaria. Os SuperSherman de "Biro", agora na frente da coluna, prosseguem a ascensão. A resistência Síria intensifica-se e o Batalhão sucessivamente perde os seus comandantes, feridos ou mortos.

Os confrontos prosseguem durante toda a tarde. Nas trincheiras, as guarnições de carros destruídos e a Infantaria lutam corpo-a-corpo com os determinados defensores Sírios. Os chefes de carro, que há muito esgotaram as munições nas suas armas pessoais, tentam manobrar os Sherman no meio do fumo e fogo do combate. Erguidos nas torres, nem um permanece incólume.

No *nevoeiro* da batalha, erros de orientação colocam as unidades Israelitas frente ás defesas Sírias em Za'ura e Q'ala. A luta é feroz, o COR Mendler recorda como *"...os Sírios combateram bem e derramaram o nosso sangue. Apenas os derrotámos esmagando-os debaixo das nossas lagartas e com o fogo [curto] das nossas peças entre os 100 e 500 metros"*[49].

Ao entardecer Q'ala está na posse da 8ª Brigada. Da força inicial de 26 Sherman, o batalhão de "Biro" tem dois operacionais, os restantes destruídos ou imobilizados. Após a perda de todos os oficiais superiores nas primeiras horas de combate, o Tenente Nataniel Horowitz assumiu o comando do batalhão. Pelo seu desempenho recebe posteriormente a Itur Ha'oz (medalha de Coragem). O batalhão totaliza 17 mortos em combate e 45 feridos.

Os assaltos secundários, ao Centro e Sul, confrontam igual reacção do Exército Sírio, coragem individual na defesa das suas posições mas total incapacidade para reagir tacticamente face à dificuldade de progressão inicial das Unidades Israelitas.

À noite, as Brigadas do GEN Elazar concretizaram a primeira fase da operação. A penetração de 13km a Norte é consolidada e ao Centro criaram um segundo eixo de progressão em direcção a Kuneitra, que permite envolver as forças Sírias na zona.

– 10 DE JUNHO

Reorganizadas as forças Israelitas, "Dado" emprega as Brigadas Blindadas da *Ugda* do GEN Peled nas rupturas ao Norte e Centro. Sem oposição, à excepção de recontros esporádicos, progridem para Kuneitra, que cercam ao início da tarde.

Mas, já desde o dia anterior que a coesão das tropas Sírias foi quebrada e o assalto ao QG Sírio nos Golan é agora meramente episódico.

O choque do movimento de ruptura, aliado ao prévio bombardeamento, contribuiu decisivamente para a desagregação do comando e controlo (C^2) dos oficiais Sírios que são os primeiros a retirar durante a noite.

Combinado com a capacidade demonstrada, particularmente de algumas unidades da 8ª Brigada do COR Mandler que, apesar de perdas de 70% nos seus efectivos deram continuidade ao *momentum* ofensivo, criou as condições para o colapso do Exército Sírio no planalto dos Montes Golan.

A intensidade dos combates é atestada pelo número de baixas Israelitas: 127 mortos e 625 feridos, a sua maioria nas primeiras horas de combate. Aos Sírios, estima-se um total de 1.900 baixas.

A fase militar está terminada. Ao CEM Y. Rabin pertenceu a distinção de titular a guerra: 'A Guerra dos Seis Dias', como os dias da criação do Livro do Génesis no Antigo Testamento, é a sua escolha.

Algures nos territórios conquistados, talvez mais evocativo, podia ler-se num autocarro que transportou para as diferentes frentes de combate voluntários do Tzahal: 'Junte-se ao nosso Exército e dê a volta ao Médio Oriente.'

– O SÉTIMO DIA

– MUNDO ÁRABE, JUDEIA, SAMARIA E FAIXA DE GAZA

O Cristão-Árabe Sírio Negib Azoury escreveu em 1905 no *Le reveil de la Nation Árabe* (O Despertar da Nação Árabe): *"Dois importantes fenómenos com as mesmas características, e por isso em conflito, que ainda não despertaram a atenção, são impressionantemente evidentes na Turquia Asiática: o despertar da Nação Árabe e o esforço oculto dos Judeus para restaurar numa grande extensão o antigo reino de Israel. Estes dois movimentos estão destinados a lutar entre si persistentemente, até um prevalecer sobre o outro."*

– ESTADOS UNIDOS DA AMÉRICA

A vitória total do Tzahal nas três frentes de combate provou, peran-

te os EUA, a maturidade de Israel enquanto potência militar capaz de assumir a sua própria defesa, factor que redefiniu a gestão estratégica dos EUA na região.

…Constava no Pentágono que o Presidente Johnson, recordando a análise de Moshe Dayan à actuação do Exército Americano no Vietname (onde esteve no terreno com as tropas norte-americanas em 1966) – *"Os Americanos estão a ganhar tudo – excepto a guerra"* – enviou ao GEN Westmoreland uma pala negra para um dos seus olhos…

– COMUNIDADE INTERNACIONAL

Na edição do Los Angeles Times de 26 de Maio de 1968, o filósofo social Americano Eric Hoffer escreveu no artigo que intitulou *Israel's Peculiar Position* (A particular posição de Israel): *"Tivesse Nasser triunfado em Junho permitir-se-ia varrer Israel do mapa, e ninguém levantaria um dedo para salvar os Judeus…Os Judeus estão sozinhos no mundo. Se Israel sobrevive, será unicamente pelos esforços dos Judeus. E pelos seus recursos."*

– ISRAEL

CEM Y. Rabin: *"Este Exército que tive o privilégio de comandar, veio do Povo [de Israel] e retorna ao Povo [de Israel]…"*[50]

"Michael Hadow, o Embaixador Britânico, reflecte ao notar a ausência de celebrações e paradas de vitória agregando multidões: *…observei algo muito inspirador e no entanto um pouco terrificante…* na forma fria como os Israelitas partiram para a guerra, venceram e retornaram a casa" [51].

– TZAHAL

Se atento, Hadow compreenderia que em Israel celebra-se a vida e chora-se a morte. Y. Rabin escreve em Junho no seu diário: *"Os vencedores, de facto, prefeririam renunciar à batalha. Melancólicos, retornaram aos seus lares, sem ódio ou orgulho, desconcertados e distantes"*[52].

E reafirma o sentimento geral do *detestar da guerra* ao proferir, na Universidade Hebraica de Jerusalém, no discurso do seu doutoramento *honoris causa*: *"Os soldados na frente de combate viram, com os seus próprios olhos, não só a glória da vitória mas outrossim o preço da vitória: os camaradas que caíram a seu lado, sangrando. E sei que o terrível número de baixas sofrido pelo inimigo tocou o coração de muitos dos nossos homens"*[53].

O Tzahal sofreu cerca de 800 mortos e 2.500 feridos nas três frentes de combate. Para um pequeno país (a população de Israel em 1967 é de 2.500.000 indivíduos), o total de baixas é consideravelmente elevado e sentido. As perdas (estimadas) em homens e material dos Exércitos Árabes lêem-se como um balanço militar: 23.500 mortos e feridos, 650 carros de combate, 2.000 peças de artilharia de diverso calibre, 13.000 veículos de transporte, 469 aviões de diferentes tipos, para além de toneladas de armas de pequeno calibre e munições.

– HEYL SHIRION

O GEN "Shaike" Gavish, em 1970, na entrevista[54] concedida ao correspondente militar Ze'ev Schiff, resume os factores preponderantes na vitória das suas *Ugdot* na frente do Sinai:

- A concentração das nossas forças, a rapidez do movimento e a manutenção do *momentum* na ofensiva…
- Os Comandantes (Ha'Mefakedim) liderarem à frente das suas unidades…
- O moral dos nossos combatentes, o qual derivou do reconhecimento que esta guerra se realizou para assegurar a nossa existência.
- Tácticas não convencionais. Penetrámos as linhas inimigas de forma não convencional com o fim de obter uma rápida decisão [na batalha], isolámos o inimigo, restringimos o seu movimento e incapacitámos a possibilidade de reforçar as posições cercadas.
- Um rápido e flexível sistema logístico…
- A contribuição decisiva da nossa Força Aérea.

E, anteriormente, nas primeiras semanas do pós-guerra, entrevistado pelo *repórter de guerra* Jean Lartéguy, evocou[55] o igual importante factor na vitória:

- "A qualidade e a rapidez da nossa informação. Saber como se instala o inimigo na primeira linha de defesa é relativamente fácil…mas conseguirem-se informações enquanto se desenvolve a batalha, de maneira a poder mudar sempre e quando necessário, os planos e a táctica, é incomparavelmente mais difícil… nós fizemo-lo."

Na margem do Canal do Suez, "Gorodish" Gonen reflecte, nas palavras dirigidas aos combatentes da sua Brigada, a experiência da guerra vivida em comum nos dias anteriores: *"Olhámos de frente a morte e ela desviou o olhar."* Por perto, um grupo de repórteres britânicos quer registar declarações sobre as vitórias da sua Brigada nas batalhas travadas, ao que Gonen replica: *"Sabem o quanto custou a vitória? A vida de setenta dos meus homens, os melhores!"* Mas sem entenderem, insistem, querem ouvir histórias de centenas de carros de combate enfrentando-se nas areias do Sinai. Gonen repete amargurado*: "Setenta dos meus rapazes."* Os repórteres britânicos continuam sem compreender[56].

NOTAS:

44 Durante o período de instrução básica todos os recrutas do Tzahal recebem o Código de Ética do Soldado Israelita com os princípios: 1. Devoção à missão, 2. Responsabilidade, 3. De confiança, 4. Exemplo pessoal, 5. Vida humana, 6. Pureza de armas, 7. Profissionalismo, 8. Disciplina, 9. Lealdade, 10. Digno de representar Israel, 11. Camaradagem.

45. Transcrição das citações adaptadas de: The Liberation of Jerusalem por GEN Uzi Narkiss.

46. Sobre o contexto geo-estratégico ver: *Israel and Syria (rough draft)*, capitulo *The Strategic and Tactical Impact of the Golan*, por Anthony H. Cordesman, CSIS, June 2000.

47. Citado no artigo *Where were the Russians, the Syrians and the air force?* de Uri Dromi, Haaretz, 30 de Julho de 2001.

48. O Exercito Soviético incorporou na sua doutrina militar as lições retiradas na observação do uso, pelo Tzahal, das plataformas de transporte de carros de combate (zorras), para obter mobilidade estratégica e táctica nas diferentes frentes. Ver *Weapons and Tactics of the Soviet Army* (página 95), por David C. Isby, Jane's Publishing, 1988.

49. Citado por Oren, Michael B. *Six Days of War*, pág. 282.

50. Citado por Williams, Lt. Col. Louis, *Israel Defense Forces*, pág. 14.

51. Ver Oren, Michael B. *Six Days of War*, pág. 309 e entrevistas concedidas a The Atlantic online e a Salon.com em 12 de Junho de 2002.

52. Citado por Gilbert, Sir Martin, *Jerusalem in the 20th Century*, pág. 296.

53. Citado por Gilbert, Sir Martin, *Israel a History*, pág. 395.

54. Schiff, Ze'ev, *A History of the Israeli Army*, pág. 136.

55. Lárteguy, Jean, *As Muralhas de Israel*, pág. 220

56. Adaptado de *A História Secreta da Guerra de Israel*, por Michel Bar-Zohar.

BIBLIOGRAFIA

Benziman, Uzi, Sharon An Israeil Caesar, Adama Books, Telavive, 1985

Bregman, Ahron, Israel's Wars 1947-93, Routledge, London, 2000

Dayan, Moshe, Story of My life, Sphere Books, London, 1978

Dupuy, COR Trevor N., Elusive Victory, Hero Books, The Arab-Israeli Wars, 1947-1974, VA, 1984

Eitan, Gen Raful, A Soldier's Story, SPI Books, New York, 1992

Gilbert, Martin, Israel a History, Black Sawn, London, 1999

Hammel, Eric, Six Days in June – How Israel won, Charles Scribner's Sons, The 1967 Arab-Israeli War, New York, 1992

Hastings, Max, Yoni Hero of Entebe, Dial Press, New York, 1979

Hellman, Peter, Heroes Tales from the, Henry Holt, Israeli Wars, New York, 1990

Herzog, Chaim, The Arab-Israeli Wars, Steimatzky, Telavive, 1985

Izbi, David C., Weapons and Tactics of the Soviet Army, Jane's Publishing, London, 1988

Kahalani, Avigdor, A Warrior's Way, Steimatzky, Telavive ,1999

Katz, Samuel M., Soldier Spies, Presidio, Novato, CA, 1992

Katz, Samuel M., Fire And Steel, Pocket Books, New York, 1996

Narkiss, GEN Uzi, The Liberation of Jerusalem, Vallentine, Mitchell, The Battle of 1967, London, 1983

Oren, Michael B., Six Days of War - June 1967 and, Oxford University Press, The Making of Modern Middle East, New York, 2002

Pollack, Kenneth M., Arabs at War Military, University of Nebraska, Effectiveness, 1948-1991, Counsil Foreign R, 2002

Razoux, Pierre, La Guerre des Six Jours, Economica, Paris, 2004

Schiff, Ze'Ev, A Hystory of the Israel Army, Sidgwick & Jackson, London, 1987

Sharon, Ariel, Warrior An Autobiography, Steimatzky, Telavive, 1989

Stevenson, William, Israel 6 Dias de Guerra, Início, Lisboa, Julho de 1967

Teveth, Shabtai, The Tanks of Tammuz, Sphere Books, London, 1970

Trost, Ernst, David e Golias, Editorial Ibis, A batalha de Israel 1967, Amadora, Janeiro de 1968

Van Creveld, Martin, Tsahal Histoire critique de la force Israélienne de défense, Editions du Rocher, Paris, 1998

Williams, Lt.Col. (Res.) Louis, Israel Defense Forces A People's ArmyA People's ArmyMOD Publishing HouseA People's ArmyTel Aviv, 1989

ESTUDOS E REVISTAS

Atkine, Norville de, Why Arabs Lose Wars, Middle East Quarterly, Vol. 4, nº 4, December 1999

Cordesman, Anthony H., Israel and Syria: The New Strategic and Military, Center Strategic Int. Studies, Realities After the Death of Hafez Assad, *'rough draft'*, June, 2000

Gawrych, Dr. George W., Key to the Sinai: The Battles for Abu Ageila in the, Combat Studies Institute, 1956 and 1957 Arab-Israeli Wars
Research Survey nº 7, U.S. Army, Fort Leavenworth, Command and G.S. College

Ginor, Isabella, The Russian Were Coming, MERIA Journal Vol 4 nº 4, December, 2000

Ginor, Isabella, The Cold Wars Longest Cover Up, MERIA Journal Vol 7 nº 3, September, 2003

Vida Mundial, Testemunhos Yitzhak Rabin, Nº 1518 de 12/07/1967

Contributos de um Cavaleiro de CCE

"O cavaleiro que se excede...
... perde o direito a ser obedecido."

Autor desconhecido

INTRODUÇÃO

O conteúdo da tese que apresento baseia-se na experiência colhida durante toda a minha vida hípica, em que fui cavaleiro de Concurso Completo, nomeadamente desde o ano de 1993, ano em que ingressei nos quadros do Regimento de Cavalaria da GNR, fazendo parte do 3.º Esquadrão.

Para além dos últimos 9 meses passados na casa mãe da Equitação Militar, esta tese é o resultado de uma vivência equestre muito intensa, da qual fazem parte a docência de inúmeros cursos a cavalo tanto a militares como a civis. Aliado a uma actividade desportiva muito preenchida, especialmente no CCE, o meu percurso de cavaleiro permitiu-me efectuar uma experimentação contínua de novas técnicas que fui praticando com muitos e variados cavalos que tive o privilégio de poder montar. Tudo isto, conjuntamente com as lições recebidas (felizmente muitas) de mestres e outros instrutores e da literatura que foi sendo devorada ao longo dos anos, permitiu-me a realização deste trabalho.

Até ter frequentado o curso de instrutores no ano 1995/96, toda a minha actividade hípica estava orientada para a aprendizagem e para o experimentar «coisas» novas. Após obtido o grau de Instrutor, tendo continuado colocado no RC GNR, foram-me aparecendo crescentes solicitações para ministrar instruções de Equitação, tanto no meio militar, como civil. Foi uma altura em que senti a pressão de ter a «obrigação» de ensinar e de tentar obter soluções para os novos cavaleiros, especialmente aos novos Oficiais que iam chegando à Guarda.

Foi a partir dessa pressão que se desenvolveu em mim a necessidade de obter uma bagagem teórica e prática cada vez maior,criando em mim, ao longo dos anos, a ambição de querer ser Mestre de Equitação. Foi desta necessidade e ambição de ser capaz de RESOLVER e de propor SOLUÇÕES para os problemas que outros cavaleiros (ou eu mesmo) pudessem apresentar, que me propus frequentar o curso de Mestres de Equitação.

A Equitação desportiva evoluiu muito nos últimos anos, especialmente com o aparecimento de novas técnicas que podendo não fazer DOUTRINA, dão um novo significado aos princípios, produzindo resultados com maior EFICIÊNCIA.

Na minha opinião, um mestre deve, mais do que transmitir conhecimentos, transmitir EXPERIÊNCIA.

É dentro desta ideia que desenvolvi esta tese. Não tenho a pretensão (nem me sinto capaz) de elaborar um manual de Equitação. Outras pessoas já o fizeram e nalguns desses manuais revejo-me e inspirei-me ao longo desta caminhada.

Prova de obstáculos Maj Santos Correia com KHALI no Concurso Saltos Nacional-B de Azeitão

MAJ Cav GNR SANTOS CORREIA
RC GNR

A DRESSAGE PURA *VERSUS* A DRESSAGE DO CCE

Será que podemos falar de um ensino do cavalo de CCE e diferenciá-lo do ensino dos cavalos de Dressage?

O primeiro facto que nos leva a diferenciar estas duas formas de «ensino do cavalo» é o tipo de cavalos que são mais utilizados nesta modalidade, o tipo de treino a que são sujeitos e a forma e importância relativa das classificações na prova de ensino.

O treino básico dos cavalos para as duas modalidades é o mesmo. As diferenças surgem logo a seguir ao treino básico e quando o cavalo se começa a especializar na modalidade do CCE.

Qualquer pessoa entende que um ciclista não pode ter o mesmo tipo de treino que um atleta de Triatlo (natação, corrida e ciclismo). Ambos os atletas necessitam de exercitar a sua condição física, tendo uma modalidade em comum, o ciclismo, neste caso. Isto passa-se exactamente com o cavalo de CCE que tem as outras duas modalidades além da Dressage.

A Dressage do CCE, apesar de ter tendência para evoluir no grau de exigência, serve essencialmente para verificar e garantir que o cavalo está «posto» de forma correcta e que consegue movimentar-se com correcção. Isto sem prejuízo da classificação que deve procurar ser a melhor.

A grande diferença que encontro nas reprises das duas modalidades, especialmente ao mais alto nível, é que na Dressage a exigência das transições é bastante maior, exigindo transições desde o trote largo ao piaffer, indo dos andamentos mais largos aos mais concentrados. Esse grau de concentração não é pedido ao cavalo de CCE. A um cavalo de Dressage é pedido que suporte todo o seu peso nos posteriores para atingir o máximo de concentração, enquanto que ao cavalo de CCE lhe é pedido que use o seu post-mão para galopar e saltar, que é para isso que é treinado. Os andamentos de trabalho no cavalo de CCE são os mais pedidos pretendendo-se que o cavalo se movimente livremente em andamentos mais vivos e num equilíbrio mais natural.

Prova de ensino no CCI*** Bramhan 1999 Maj. Santos Correia com HEPODES

O cavalo de Dressage é um especialista da modalidade. Ele deve ser capaz de aceitar a disciplina e entender qual é a sua função desportiva e a forma e progressão do seu trabalho. O cavalo de CCE tem muitas outras coisas que fazer, e muitas vezes essas outras actividades não ajudam em nada a que ele entenda e aceite a performance que o seu cavaleiro espera dele num rectângulo de ensino.

A ESCOLHA DO CAVALO DE CCE

Pelo que foi descrito no capítulo anterior, ressalta a importância da escolha do cavalo como factor de sucesso nesta modalidade, não só pela capacidade e aptidão para saltar e galopar, mas também pela sua performance no rectângulo de ensino.

A escolha do cavalo de CCE tem sido abordada por diferentes autores que escrevem sobre CCE e é o ponto de partida para aqueles cavaleiros que se querem iniciar nesta modalidade.

Ao tentar definir quais as características que deve possuir um cavalo para determinada modalidade, existe um conjunto de factores que são comuns a todas elas e que, em última análise, caracterizam aquilo a que costumamos chamar «um bom cavalo». Eu costumo dizer que só há dois tipos de cavalos: os bons e os maus. Só dentro dos bons é que se devem procurar aqueles que melhor desempenham a sua função nesta difícil modalidade. Adjectivos como coragem, velocidade e ligeireza do seu galope, bons andamentos, agilidade, capacidade de perfuração e solidez são bem vindos para caracterizar o nosso cavalo de

CCE. Este seria o nosso super campeão.

Muitos são aqueles a quem se ouve dizer que para o CCE devem ir aqueles cavalos que têm «muito sangue» ou que «fervem muito» ou, pior do que isso, que dão muitos toques nas provas de obstáculos. Claro está que, para estes últimos, os saltos fixos serão o derradeiro castigo que os treinadores e cavaleiros dão aos seus cavalos por não os conseguirem fazer saltar sem derrubar os saltos de concurso hípico.

A escolha de um cavalo para CCE deve, para já, não partir destes preconceitos errados (mais alguns haverá), sob pena de não se conseguir sucesso nesta modalidade. A primeira pergunta que um treinador, ou cavaleiro, deve fazer ao escolher um cavalo para CCE é de qual o nível em que o conjunto vai concursar. Um cavalo pode ser excelente para fazer provas até ao nível de uma estrela e ser a escolha correcta para um cavaleiro que não necessitará de um cavalo com as características de um cavalo de 3 ou 4 estrelas.

Não queria dar a ideia de que as características que vou indicar como importantes num cavalo de CCE tenham que estar obrigatoriamente presentes no cavalo com que um jovem cavaleiro se propõe iniciar nesta modalidade. Tenho visto e montado excelentes cavalos para iniciarem a prática de CCE com jovens cavaleiros, com os quais não seria possível fazer CCN dentro das velocidades exigidas, mas que em concursos combinados podem ser ganhadores, mesmo sendo cavalos com muito sangue lusitano, ou até mesmo Puro Sangue Lusitano (PSL). Nesta modalidade deve-se, sempre que possível, aplicar a velha máxima de «cavaleiro novo... cavalo velho». Leia-se «velho» como «com experiência».

O sucesso da escolha de um cavalo para CCE também passa pelas características do seu futuro cavaleiro. É desejável que o peso e dimensões de ambos sejam proporcionais. O factor peso relativo é muito importante nesta modalidade, por razões óbvias, especialmente quando se pretende conduzir e saltar com o cavalo em terreno variado e sobre obstáculos positivos e negativos, para não falar no desgaste que o cavalo sofre em cada salto, em cada descida ou subida. Por outro lado, um cavalo de grande massa e poder vai dificultar-se na condução em velocidades elevadas, se montado por um cavaleiro que seja mais leve, consequentemente com menos força absoluta. Temos como exemplo disto um «super campeão» nesta modalidade, como foi o MURPHY HIM SELF, que mudou de cavaleiro por manifesta incapacidade da sua cavaleira em controlar toda a sua energia. Ian Stark ficou grato, apesar dos inúmeros sustos que apanhou nas muitas provas de CCE que ganhou ao mais alto nível. Era normal para este cavalo «tirar passos» em composições no campo, mesmo competindo em 4 estrelas.

Penso que ambas as situações são de evitar, não sendo, no entanto, impeditivas da obtenção de um bom conjunto. Um cavalo que ronde os 450 Kg, por exemplo, vai sofrer um desgaste muito maior do que o normal, se for montado por um cavaleiro com peso muito superior a 75 Kg. É claro que o factor estético também pode influenciar um juiz de Ensino, visto que o peso do cavaleiro aparece associado à sua «figura» e esta, por sua vez, à apresentação do conjunto.

Além de todas estas considerações é muito importante que o cavaleiro GOSTE do seu cavalo, uma vez que esta modalidade impõe uma convivência muito estreita entre os dois. É sempre melhor estar com quem se gosta. O trabalho torna-se mais agradável para ambos e desenvolve-se mais facilmente o sentimento de companheirismo, que muitas vezes senti nos meus cavalos de completo, e do qual me orgulho. Ajudou-me a levar a bom termo as muitas aventuras em que os fui metendo ao longo das suas carreiras. É claro que o maneio também desempenha aqui um papel fundamental.

Existem cavaleiros, especialmente na escola inglesa, que consideram o aspecto do carácter do cavalo tão importante como a sua origem ou conformação física. É claro que se procuramos um cavalo para CCE, ele deve estar são dos seus membros e não possuir "taras" que possam vir a limitar a sua vida desportiva. Esse trabalho deve ser deixado para os veterinários. Quanto à conformação do cavalo, deve ser ouvida a opinião do veterinário, mas o sentimento do cavaleiro pode prevalecer. Muitas vezes um cavalo «feio» pode transformar-se num campeão e melhorar muito a sua conformação com o trabalho. O trabalho do cavaleiro pode ser determinante para fazer aparecer um cavalo que não estava visível. Isto pode ter origem em desbaste deficiente ou em cavalos fora de trabalho por longos períodos.

O que um cavaleiro tem mais dificuldade em modificar é o carácter de um cavalo e a sua atitude mental. Cavalos com má índole ou com maus princípios são sempre de evitar.

UTOS DE UM CAVALEIRO DE CCE. CONTRIBUTOS DE UM CAVALEIRO DE CCE. CONTRIBUTOS DE UM CAVALEIRO DE CCE. CONTRIBUTOS DE UM CAVALEIRO DE CCE. CONTRIBUTOS DE UM CAVALEIRO DE CCE. CONTRIBUTOS DE UM CAVALEIRO DE CCE.

Hepodes no CCI** Pau-França

A ESCOLHA DO MÉTODO

Após a escolha do cavalo, partindo da ideia do fim a que se destina (o concurso completo), vamos, então, tentar desenvolver um método do ensino deste cavalo por forma a torná-lo mais apto, desenvolvendo as suas capacidades próprias e naturais, conjugando esse objectivo com a forma como o cavaleiro sente a arte do ensino do seu cavalo.

Assim, o cavaleiro pode tentar aplicar ao seu cavalo um método à sua escolha para que, em respeito aos princípios e seguindo conceitos apropriados, consiga atingir dois grandes objectivos que são concorrentes:

- Conseguir um nível de ensino que lhe permita conduzir o seu cavalo em percursos de obstáculos fixos em terreno variado e em provas de concurso hípico.
- Conseguir boas pontuações nas reprises de ensino das Provas de CCE.

Este último objectivo limita muito a escolha do método a seguir, pois os critérios de julgamento das provas de ensino são factores limitadores. Basta ter em atenção, por exemplo, as embocaduras autorizadas, assim como o tipo e comprimento dos esporins, ou até mesmo os arreios de cabeça e montada. Não esquecer o tipo de cavalo que vamos montar. Além disto, ao fazermos uma análise das reprises desta modalidade, estas não nos deixam muita margem para a escolha do método. Os passos a seguir na progressão da exigência das reprises têm o seu expoente na reprise de 4 estrelas com os exercícios de ladear e passagens de mão a galope. Não obstante, os exercícios de todas as reprises estabelecem, nas suas ideias directrizes, o caminho que tem de ser seguido. Este caminho tem margens estreitas para quem quiser obter boas classificações.

Em muitos livros de Equitação, especialmente aqueles que tratam do ensino do cavalo, é possível obter um método de trabalho para o ensino do seu cavalo. Deve ter-se presente as diferenças entre os dois trabalhos: o da Dressage pura e o da Dressage do CCE.

A INCLUSÃO DAS SESSÕES DE ENSINO NO PLANO DE PREPARAÇÃO

A prática (treino) do ensino do cavalo de CCE deve ser constante durante todo o programa de treino. Entenda-se como programa de treino o esquema de preparação para a prova de fundo, do qual faz parte o ensino do cavalo. A preocupação com o ensino do cavalo deve ser diária e constante, podendo ser introduzidas sessões de ensino em qualquer altura. Esta prática é especialmente útil em cavalos que se saturam facilmente com sessões de ensino prolongadas. Esta característica é muito comum nos cavalos de sangue, muito utilizados nesta modalidade.

Trabalhos de trote por caminhos em terreno variado, com ligeiros declives ascendentes e descendentes, permitem melhorar o desempenho do post-mão do cavalo e ajudam a desenvolver o seu equilíbrio natural. Efectuar descidas ligeiras em trote curto e quase sem contacto, devendo o cavaleiro sentar-se o mais à frente possível, facilita a entrada dos posteriores para debaixo da massa. No trabalho a trote por subidas suaves e prolongadas, o cavaleiro pode dar os primeiros passos para obrigar o cavalo a empurrar-se, jogando com as espáduas, obrigando-o a fazer a força com os posteriores. Tanto no trabalho ascendente como descendente é importante exercer controlo sobre o movimento das espáduas, aproveitando este trabalho para ir endireitando o cavalo pela frente. No trabalho a trote, é importante ir mudando de diagonal e fazer, sempre que possível, coincidir as «curvas» da pista com o trote sobre a diagonal de fora. Este trabalho serve também para lançar o cavalo sobre a rédea de fora, balanceando as espáduas, e ir endireitando o cavalo com este «jogo» das espáduas sem tirar movimento para diante.

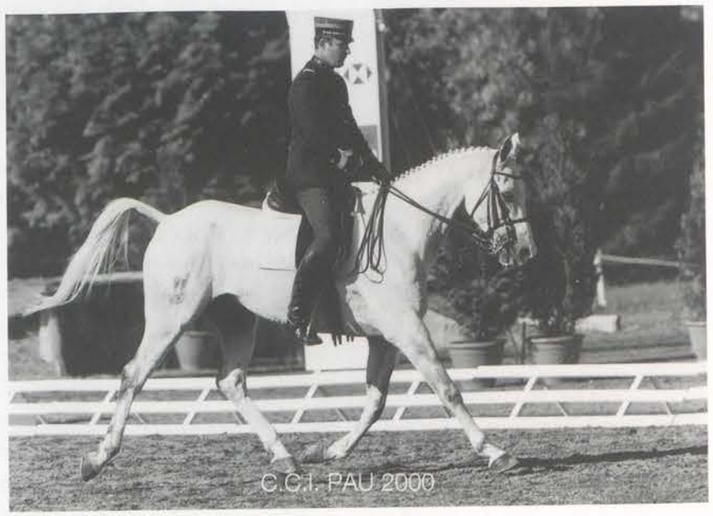
Neste trabalho devem escolher-se subidas prolongadas de declive suave e descidas inclinadas, mais ou

BUTOS DE UM CAVALEIRO DE CCE. CONTRIBUTOS DE UM CAVALEIRO DE CCE. CONTRI
S DE UM CAVALEIRO DE CCE. CONTRIBUTOS DE UM CAVALEIRO DE CCE. CONTRIBUTO
UM CAVALEIRO DE CCE. CONTRIBUTOS DE UM CAVALEIRO DE CCE. CONTRIBUTOS DE U

menos curtas, que permitam efectuar paragens a meio. Deve ter-se em atenção, especialmente em descidas inclinadas e escorregadias, não deixar atravessar o cavalo para não provocar uma situação de queda do conjunto, que pode ser bastante perigosa. Nos primeiros anos da minha carreira, era considerada como boa conduta em descidas inclinadas dar um forte apoio ao cavalo. Sei que muitos instrutores ainda ensinam assim, mas, pessoalmente, considero essa prática completamente errada. Um cavalo deve ser ensinado a «entrar» em terreno descendente procurando, ele mesmo, o seu equilíbrio. Este não deve ser obtido à custa das rédeas do cavaleiro. Um apoio forte nas descidas, especialmente se forem inclinadas, apenas faz com que o cavalo afunde o garrote, arqueando o dorso ao contrário, provocando um efeito diferente ou contrário ao pretendido. As paragens e as reduções do andamento podem ser feitas por via de acções intermitentes numa rédea e noutra até se conseguirem. Após o cavalo parar numa descida, pode o cavaleiro utilizar o seu peso para obrigar o cavalo a distribuir a força igualmente pelas duas laterais. Um cavaleiro, numa descida acentuada (ou não) não se deve servir da mão para equilibrar o seu cavalo, mas sim para o «ajudar» a equilibrar-se. A acção das pernas deve ser exercida para corrigir o atravessar da garupa, especialmente em descidas de forte inclinação.

Em todo este trabalho no exterior em terreno variado, existem alguns cuidados muito importantes a ter em conta na sua condução. Não são os pisos muito rijos ou demasiado moles que são os mais perigosos para os membros dos cavalos. Os pisos mais perigosos são aqueles que mudam de consistência sem que o cavalo tenha tempo para se aperceber disso. Quando se faz trabalho de trote durante períodos longos, é muito provável que se encontrem pisos muito diferentes, do mais rijo ao mais mole. Este último encontra-se especialmente perto de zonas com água, que são sempre uma atracção para os cavaleiros de CCE. As transições rijo/mole são perigosas para os tendões, enquanto as transições mole/rijo são perigosas pela menor aderência que dão às ferraduras, podendo inclusive originar quedas com consequências desagradáveis, tanto para o cavalo como para o cavaleiro. Este deve ter sempre em conta que o peso do seu corpo é um instrumento precioso para equilibrar o seu cavalo, regular constantemente o andamento ao piso que tem por baixo e ter sempre muito cuidado nas transições. É importante resistir a cumprir o programa previsto, em benefício dos membros do seu cavalo. Devem ser evitadas as descidas a trote e galope em terrenos que não sejam de muito boa qualidade e preferencialmente elásticos.

No trabalho de exterior, convém não esquecer que é útil, especialmente em cavalos novos, efectuar a transposição de pequenos obstáculos naturais (troncos, pequenos muros, valas, banquetas, etc.). Contudo, deve ser feito um cuidadoso estudo destes obstáculos, para não criar situações que possam ser traumatizantes para o cavalo. Se algo correr mal na tentativa de transpor um destes obstáculos, o cavaleiro deve estar na disposição de repor a confiança na sua montada. Esta prática destina-se não só à ginástica do cavalo em obstáculos naturais de pequena dimensão, como também, e essencialmente, a melhorar a sua confiança e aumentar o seu moral. Quero frisar que este tipo de obstáculos deve ser de pequena dimensão. Treinar obstáculos do tipo que se encontra numa prova acima do nível preliminar é uma prática que se tem vindo a fazer em Portugal e que só concordo que seja feita por força do número reduzido de provas que ainda se realizam por cá. Mas isso são contas de outro rosário.



Hepodes no CCI** Pau-França 2000.

Em qualquer dos programas de treino que tenho encontrado descritos em vários livros de vários autores, é quase sempre dada ênfase à parte do trabalho de fundo. No entanto, em alguns cavalos que montei, senti necessidade de fazer adaptações ao esquema de treino na variante da Dressage. Com o HEPODES, por exemplo, que é um galopador natural, senti necessidade de introduzir sessões de galope nas vésperas ou antevésperas da prova de ensino. Estes galopes eram do tipo lento e prolongado (300 m.p.m. durante 10 min para ambas as mãos). Como é um cavalo muito ardente, a pior situação em que desejava enfrentar um trio de juizes de ensino era quando ele se encontrava em muito boa forma e com trabalho ligeiro na véspera.

Nas alturas de competição, sempre utilizei o trabalho bi-diário como forma de obter um cavalo mais calmo e menos excitado na prova de ensino. Alguns cavaleiros usam o método de várias sessões de ensino curtas espalhadas durante todo o dia. Este aparelhar/desaparelhar, como método de ensino, tem como principal desvantagem o tempo que é necessário. Outros cavaleiros utilizam locais, mais ou menos planos, escolhidos ao longo do seu percurso de exterior para aí fazerem sessões de ensino, continuando uma sessão de trabalho lento.

Uma das preocupações dos cavaleiros de CCE é conseguir, dos seus «galopadores» em forma, prestações calmas e consistentes na prova de ensino. Alguns cavalos que tenho observado na minha carreira sofrem transformações radicais do dia da prova de ensino para o dia do cross. Muito deste sucesso estará ligado à arte do cavaleiro e ao conhecimento que este tem da sua montada e que se materializa desde o trabalho a efectuar na semana anterior à prova (muito importante a data do último galope), ao tempo e forma do desenrolar, até ao «galope da ordem» para abrir os compassos, imediatamente a seguir ao ensino.

Existem alguns truques utilizados pelos cavaleiros na alta competição para acalmar os seus cavalos antes e para as provas de ensino, desde os muito conhecidos produtos naturais não doping, até aos cobrejões electromagnéticos que induzem frequências cardíacas mais baixas e baixam o metabolismo dos cavalos. Já vi serem utilizados estes últimos por cavaleiros de nível mundial em provas internacionais, mas nunca os pude experimentar em nenhuma das minhas montadas. Quanto aos produtos naturais, já utilizei algumas vezes, mas sem resultados que possa apresentar como conclusivos. Deve ter-se em conta que o uso destas substâncias legais foi apontado como uma das causas que concorreram, juntamente com outras, para a ocorrência de acidentes graves durante a prova de cross. Pensa-se que pode haver uma diminuição dos reflexos do cavalo que o inibem de tomar e assumir a postura correcta perante uma dificuldade inopinada no cross, como por exemplo, confundir um oxer largo com um duplo de verticais a tempo. Este tipo de erros que os cavalos normalmente não cometem podem resultar em quedas com consequências muito graves. No entanto, o seu veterinário pode recomendar uma ração adequada e equilibrada para o cavalo, que pode ajudar a diminuir este tipo de problemas.

A PREPARAÇÃO DO DIA DA PROVA

Ao longo destes anos em que tenho competido em CCE, tenho ouvido os jovens cavaleiros dizer muitas vezes que a prova de ensino é a parte menos agradável de toda a competição, ou até «estava a trabalhar tão bem no aquecimento...». Alguns deles chegam mesmo a hipotecar classificações cimeiras por via das fracas notas obtidas na prova de ensino. A melhor forma de ultrapassar esta angústia é mesmo trabalhar diariamente neste sentido e não esperar pelo dia da prova para tentar «aldrabar» os juízes de forma a não ser muito penalizado. As considerações que vou tecer seguidamente têm como objectivo melhorar a performance do nosso cavalo em prova. No fim de contas, é isso mesmo que é importante. Não se resolve quase nada no dia ou véspera das provas.

Uma realidade que todos os cavaleiros já experimentaram é a mudança de comportamento das suas montadas quando saem do seu ambiente habitual. Por muito bem treinado que esteja um cavalo, a mudança para um novo local provoca sempre uma alteração no seu comportamento. O cavaleiro tem que contar com esta *nuance* sempre que enfrenta os juízes.

Sendo a reprise de ensino a primeira prova a realizar-se, deve ter-se em consideração este facto, especialmente em cavalos menos experientes. Os cavalos em início de careira no completo competem muitas vezes em *one day event*, entrando em competição pouco tempo após a chegada ao local das provas. É muito importante, nesta fase, não provocar ainda mais stress ao cavalo do que aquele que já é provocado pela chegada a um novo local,

onde se respira um ambiente estranho e onde se encontram muitos outros cavalos e se desenrola uma actividade com a qual ele não se confronta no sossego do seu campo de treinos habitual.

Nos cavalos novos, pode ultrapassar-se este problema de uma forma mais rápida, efectuando uma sequência seguida de concursos durante um mês, por exemplo, em vez de repartir esse número de concursos por um período alargado. Assim, o jovem cavalo passa a encarar o evento competitivo como uma actividade normal na sua vida. Nos cavalos com um temperamento mais calmo, o problema fica bastante atenuado. Não obstante, em alguns cavalos de temperamento calmo que montei, verifiquei a tendência a ficarem mais excitáveis quando estão em melhor forma e depois de sujeitos a trabalhos de fundo mais exigentes.

Durante algum tempo, tive a ideia de que os meus cavalos, que se encontram em ambiente citadino, desenvolviam uma reacção deste tipo mais exacerbada pelo facto de sentirem o regresso ao ambiente onde tinham sido criados e de onde alguém, um dia, os retirou para os enfiar num estábulo qualquer, onde comer erva em liberdade, por exemplo, deixou de fazer parte dos seus hábitos.

De tudo o que acabei de expor, resultam quatro realidades que temos que considerar:

· A preparação do cavalo para a prova de ensino deve ser uma preocupação permanente e não só nas vésperas das provas.

· O desempenho do nosso cavalo na prova de ensino não vai ser tão bom como o que tem em casa.

· Sempre que possível, especialmente em cavalos novos, deve-se viajar para o local das provas antecipadamente para poder fazer a adaptação ao local.

· Para «meter» um cavalo novo, é mais eficaz levá-lo a competir em semanas seguidas do que fazer o mesmo número de provas num período muito alargado.

Quando atrás referi que os problemas na prova de ensino não se resolviam na véspera, não queria, de modo nenhum, dizer que não há nada a fazer na véspera da prova para melhorar a performance. Anteriormente, já mencionei como faço com o meu Anglo-Árabe HEPODES nas vésperas do ensino. Atenção que este tipo de «receitas» são apenas o resultado da experiência e não devem ser consideradas como regra.

NECO no salto da água num CCI na Barroca D'Alva- Portugal.

A VÉSPERA DA PROVA

A vida de um cavalo de Completo é constituída por uma série de rotinas às quais ele se vai habituando com o tempo. Estes cavalos sabem perfeitamente as alturas em que estão a ser sujeitos a um programa de treino ou se, pelo contrário, estão em «descanso» mais ou menos activo.

Aliada à rotina do treino de fundo, o cavalo de completo também se apercebe da rotina da competição, tanto para o bem como para o mal. A chegada ao local da competição é, por norma, a véspera da prova de ensino. Certos locais de competição «cheiram a cross». Para muitos cavalos, este facto é suficiente para que o seu comportamento fique imediatamente condicionado pela realização de uma prova de fundo. A única forma que eu conheço para tentar evitar este contratempo é o conjunto competir também em concursos de ensino, além de competir em saltos de obstáculos. Se houver concursos de ensino em locais onde se desenrolam também provas de CCE, tanto melhor.

O trabalho na véspera da prova de ensino deve servir para tentar que o nosso galopador atinja um estado de espírito diferente daquele com que o queremos no dia do cross. Devem ser feitos exercícios de flexibilidade com muito ênfase na linha de cima do cavalo, de onde julgo que provêm muitos dos problemas de desempenho da Dressage nos cavalos de Completo. O cavaleiro deve praticar os exercícios da reprise fora da ordem para evitar que o cavalo comece a adivinhar a sequência da prova, insistindo na correcção, mas sem nunca esquecer o seu «FAROL». Deve também criar no cavalo um estado de espírito calmo e descontraído para que isso se reflicta na performance da prova de ensino. Para tal, o cavaleiro não deve ultrapassar os limites da razoabilidade, não exigindo ao seu cavalo coisas para as quais este não está preparado. Isto pode acontecer tanto por deficiências de trabalho como por algum mal-estar físico do cavalo. O veterinário é o melhor amigo do cavaleiro de CCE, não só do cavalo.

Um erro muito comum em cavaleiros desta modalidade é a falta de rigor com que executam as diferentes figuras de picadeiro quando trabalham no dia-a-dia. Muitos dos que tenho observado atentamente apenas pedem rigor na execução das figuras nos instantes que antecedem a apresentação aos juízes. Isto é especialmente notório nas transições descendentes, nas saídas a galope e no desenho dos círculos. Esta mudança de atitude do cavaleiro pode tornar-se no principal factor de perturbação do desempenho do cavalo em prova. Apesar da ênfase estar no desenvolvimento e manutenção de um estado de espírito para a sua montada, o próprio cavaleiro também tem que se concentrar nisso, para não se tornar ele próprio a causa da excitação da sua montada.

Como já referi, um dos factores que podem influenciar a performance do cavalo na reprise é o meio ambiente em que ela se realiza. Além do factor decorativo do campo das provas com chapéus-de-sol, música, saltos de cross no horizonte, etc., existe um factor que vai influenciar o nosso cavalo: o ESPAÇO.

Se um cavalo está habituado a trabalhar em espaços pequenos, por exemplo, ele vai alterar o seu comportamento se começar a trabalhar num espaço aberto e *vice-versa*. Esta alteração do comportamento vai mexer com o equilíbrio do cavalo. Aquilo a que os Anglo-saxónicos chamam «balance» é o correspondente ao nosso «equilíbrio», mas penso que a palavra deles é mais feliz. Existe uma tendência para confundir equilíbrio com concentração. O equilíbrio de que aqui falo é um equilíbrio dinâmico, próprio de cada cavalo, em determinada circunstância. É também uma adaptação às condições do local, sem uma teia para o guiar, com os cantos pouco delimitados e, eventualmente, com dimensões diferentes do habitual. O horizonte também é um factor importante que influencia a forma como o cavalo se vai instalar nos seus andamentos, portanto, no seu equilíbrio natural. O cavalo tem que ter tempo para se adaptar ao meio envolvente e ajustar os seus andamentos e forma de se mover no novo local. A presença de outros cavalos também é um factor de grande perturbação. É importante fazer o trabalho da véspera da prova no rectângulo de ensino que a organização põe à disposição dos concorrentes.

A montante deste trabalho deve estar uma conduta muito simples da qual os cavaleiros se esquecem muitas vezes: após a viagem para o local das provas deve dar-se um passeio à mão com o cavalo para que ele possa descomprimir. Este passeio pode também servir para mostrar o local ao cavalo para que ele se sinta mais à vontade no novo ambiente.

O DIA DA PROVA

Se na véspera da prova as considerações e conselhos podem ser de carácter mais ou menos geral, o dia da prova de ensino deve ser gerido em função da constituição da prova e das dificuldades e características de cada cavalo. A rotina do dia da prova deve ser uma preocupação importante do cavaleiro. Sobre isso debruçar-me-ei mais à frente.

Senti necessidade de, em cavalos que montei durante alguns anos, alterar a rotina do dia da prova de ensino. Alguns cavalos parecem adivinhar que estão no dia da competição e comportam-se de forma pior, como se soubessem que o cavaleiro não os vai castigar em frente aos juizes. Já vi cavaleiros simularem provas de ensino, fardando-se a rigor e criando o ambiente de dia de prova. Nesta altura, o tema «SUJEIÇÃO» bem poderia vir à baila.

Sempre que possível, em vésperas de competição, utilizo o trabalho bi-diário. Como os cavalos de completo têm tendência para se instalarem num equilíbrio mais horizontal por força da restante preparação, divido as duas sessões diárias tendo isso em atenção. De manhã termino o trabalho do cavalo em andamentos mais concentrados do que o nível da prova, enquanto na sessão da tarde deixo o cavalo mais confortável, andando num equilíbrio mais natural e até mesmo abaixo do seu grau de ensino. Este princípio é proporcional ao grau de ensino do cavalo, que se supõe ao nível da reprise a realizar.

No dia da prova, se houver tempo, podem introduzir-se as duas sessões separadas por um curto intervalo de tempo. Dependendo dos cavalos, um apear e desapertar da

BUTOS DE UM CAVALEIRO DE CCE. CONTRIBUTOS DE UM CAVALEIRO DE CCE. CONTRI
OS DE UM CAVALEIRO DE CCE. CONTRIBUTOS DE UM CAVALEIRO DE CCE. CONTRIBUTOS
UM CAVALEIRO DE CCE. CONTRIBUTOS DE UM CAVALEIRO DE CCE. CONTRIBUTOS DE

cilha pode ser suficiente para o cavalo «desligar daquela sessão». Outros cavalos terão necessidade de voltar à sua box e até mesmo de serem desaparelhados. Existem cavaleiros que repetem esta acção várias vezes, tanto no dia da prova, como na véspera. Outros cavaleiros usam este aparelhar/desaparelhar como método de ensino no trabalho diário, tendo como principal desvantagem o tempo que é necessário.

Feita a análise da reprise e do desempenho do cavalo nas diferentes figuras, também é importante conhecer quais os exercícios cuja repetição minutos antes da prova melhora a sua performance e aqueles que, pelo contrário, em nada vão melhorar o desempenho na mesma. Isto pode acontecer tanto pelo stress que o exercício provoca em determinado cavalo como também pelo cansaço acumulado.

Nos momentos que antecedem a prova, isto é, no aquecimento, o cavaleiro deve seguir uma rotina que sirva para o seu cavalo e cujo fim seja «arrancar» a melhor performance possível do seu cavalo. Como já disse, o aquecimento do cavalo antes da prova de ensino visa conseguir criar as condições ao nosso cavalo para que ele execute a melhor performance possível à hora da sua entrada em pista.

Algumas publicações, inclusive no CMEFD, preconizam fases diferentes para o aquecimento do cavalo antes da prova de ensino, definindo a duração de cada uma destas fases. Estas formas de abordar o aquecimento devem servir de guia para o cavaleiro, mas nunca de regra fixa para todos os cavalos. Um cavalo pode até evoluir na forma como deve ser aquecido.

Na minha perspectiva, é imperativo que o cavaleiro tenha a consciência de dividir o aquecimento em duas fases: o aquecimento muscular geral do cavalo e a segunda fase, mais especifica de cada um, que depende da reprise e das suas dificuldades.

O trabalho à guia é muito útil na primeira fase do aquecimento. No entanto, não se deve esquecer de trabalhar com caneleiras nos quatro membros e com cloches. É frequente os cavalos alcançarem-se quando ainda estão «enrolados» e lhes é dada liberdade numa guia comprida. Em alguns cavalos, é preferível o trabalho à mão ou mesmo montar logo para evitar «alcançadelas» ou lesões musculares numa altura crucial da competição e numa fase do aquecimento em que o cavalo se encontra ainda «frio».

Como em qualquer prova de ensino, mesmo que não de CCE, o cavalo deve poder impressionar os juizes logo desde o momento em que se aproxima do terreno das provas. O cavalo deve apresentar-se CALMO, PARA DIANTE, SOBRE A MÃO, ELÁSTICO, DIREITO, IMPULSIONADO, CONCENTRADO e LIGEIRO. Estas expressões fazem parte da panóplia de conceitos em que se baseia a nossa Escola de Mafra, além do respeito integral pelos oito princípios, e de que falamos diariamente nas nossas conversas sobre o ensino do cavalo. Qualquer um deles bem poderia ser um tema de tese do curso de mestres.

OS PROBLEMAS MAIS FREQUENTES

Uma coisa de que o cavaleiro deve estar sempre ciente é que o seu cavalo, como animal que é, vai sempre procurar uma oportunidade de se furtar ao trabalho. Nos poldros, e especialmente nos cavalos em «reensino», deve ter-se muito em conta este facto. O cavaleiro deve tentar sempre antecipar-se à falta de empenho do seu cavalo, mesmo antes de ele pensar nisso. Também é importante ter mecanismos estudados para fazer face a isso, assim como fazer testes ao seu cavalo para confirmar que ele continua a executar determinado exercício com correcção. É muito frequente o cavaleiro deixar-se embalar pelo seu cavalo. O cavaleiro julga que ele se está a empenhar nos exercícios, quando, na realidade, o que o cavalo faz é encontrar um compromisso entre o castigo (correcção do cavaleiro) e o empenho no exercício.

Uma das sensações mais descritas pelos cavaleiros de CCE na entrada para a prova de ensino é a rigidez em que os seus cavalos se instalam ao se aproximarem da pista. A rigidez começa no facto de os cavalos não serem simétricos. Nos cavalos novos é bastante fácil verificar o lado para o qual o cavalo se sente mais confortável a trabalhar. O lado para onde o cavalo está encurvado é o lado para onde ele trabalha mais descontraído. Para a outra mão o cavalo vai ter mais dificuldade em trabalhar em descontracção. Como a prova de ensino começa com uma linha direita, e sem parede para amparar, é natural que o cavalo comece desde logo a dar sinais de contracção, tanto mais quanto o seu cavaleiro o procura levar direito e até parar quadrado em X. Se o trabalho de casa não foi feito, o que o cavaleiro deve evitar fazer é agarrar-se às rédeas. Deve procurar endireitar e encostar o cavalo a ambas as rédeas, empurrando-o para diante. Aproveito para me manifestar bastante de acordo com o aparecimento de reprises em que não se para em X logo a seguir a entrar no campo de ensino. Num cavalo de CCE tem toda a lógica.

Outro problema que surge frequentemente é o aparecimento de resistências. Estas aparecem como consequência do deficiente desenvolvimento muscular e articular do cavalo. Quando aparece uma resistência, o cavaleiro deve sempre perguntar qual a sua causa antes de castigar o seu cavalo. Não se deve confundir resistência com má vontade do cavalo.

O cavaleiro, ao deparar-se com uma resistência do cavalo, deve utilizar a sua Equitação para convencer o cavalo a executar um exercício, mas sempre ciente de que o cavalo não faz porque não consegue. A boa conduta manda dar condições físicas ao cavalo através de outros exercícios para chegar ao ponto em que ele já está em condições de fazer aquele em que apareceu a resistência. No entanto, o cavalo deve estar perfeitamente convencido a obedecer às ajudas, sejam elas quais forem. Só assim podemos convencer o cavalo a ir um pouco além daquilo que ele está preparado para dar. Assim se progride do fácil para o difícil, caso contrário não se evolui.

Como já referi anteriormente, os cavalos de completo são sujeitos a esforços muito grandes por via da sua preparação específica. É muito importante ter esta noção em mente e estar sempre preparado para sentir um cavalo com algum «mal-estar» muscular ou articular provocado pelo trabalho de fundo. Os problemas musculares, que podem dar origem a resistências, podem ser ultrapassados na sua maioria através de um aquecimento mais prolongado. O cavaleiro pode desenvolver o seu trabalho esperando

que o cavalo comece a dispor em plenitude de todos os seus grupos musculares. Isto pode demorar alguns minutos. Se o cavalo sente que o seu corpo está a funcionar mal, vai resistir. É preciso saber esperar. Assim se evita o confronto desnecessário. Uma ajuda muito importante quando encontramos uma resistência é voltar ao passo por um minuto ou dois e só então retomar o exercício ou tentar uma nova abordagem. Resulta quase sempre e assim se conquista a vontade do cavalo. Dividir as sessões de ensino em três fases distintas (aquecimento, trabalho e retorno à calma) também ajuda a evitar condições para o aparecimento de resistências.

A última fase do trabalho é aquela em que o cavaleiro prepara psicologicamente o cavalo para a próxima lição. O bem-estar psicológico do cavalo está intimamente ligado ao seu bem-estar físico. Esta ligação estreita implica que o cavaleiro deve prestar muita atenção a este facto, pois pode tornar-se numa bola de neve.

Outro problema comum, e que dificulta a vida aos cavaleiros, é a aceitação do contacto. Esta deficiência pode ser bem disfarçada no cross ou nos obstáculos. No ensino não. Em boa hora, a Federação Equestre Internacional decidiu impedir o uso de freio-bridão nas reprises de uma estrela. Era usual assistir a autênticas «aldrabices» disfarçadas pelo uso abusivo desta embocadura. O que é facto é que tenho verificado que o nível das provas de ensino tem vindo a melhorar por via da obrigatoriedade do uso do bridão nestas reprises. Os cavaleiros já não podem seguir o «caminho mais fácil». Muitos deles seguiam esta via, pagando a factura mais tarde. Agora os cavalos de CCE são obrigados a confirmar o encosto no bridão antes de se aventurarem nas delícias do freio-bridão.

Quando um cavalo não se encosta, independentemente do seu grau de ensino ou experiência, a primeira coisa que verifico é o estado dos seus dentes. Já tenho encontrado cavalos que se encostam melhor a uma das barras do que a outra por causa da dor provocada pelo bridão numa «ponta» por limar. É uma coisa de fácil verificação e que o veterinário resolve facilmente. Ligado aos dentes está o bridão. O bridão deve ser de tamanho, forma e material confortável para o cavalo. Depois de tiradas estas dúvidas, vamos então à parte de explicar Equitação ao solípede. A propósito do bridão, também se pode referir o restante equipamento. A sua composição forma e estado de limpeza também são factores que podem influenciar o de-

sempenho do cavalo. Deve pensar-se especialmente na sela e na forma como ela assenta no cavalo, conjugada com os protectores de dorso que existem em muitas formas diferentes.

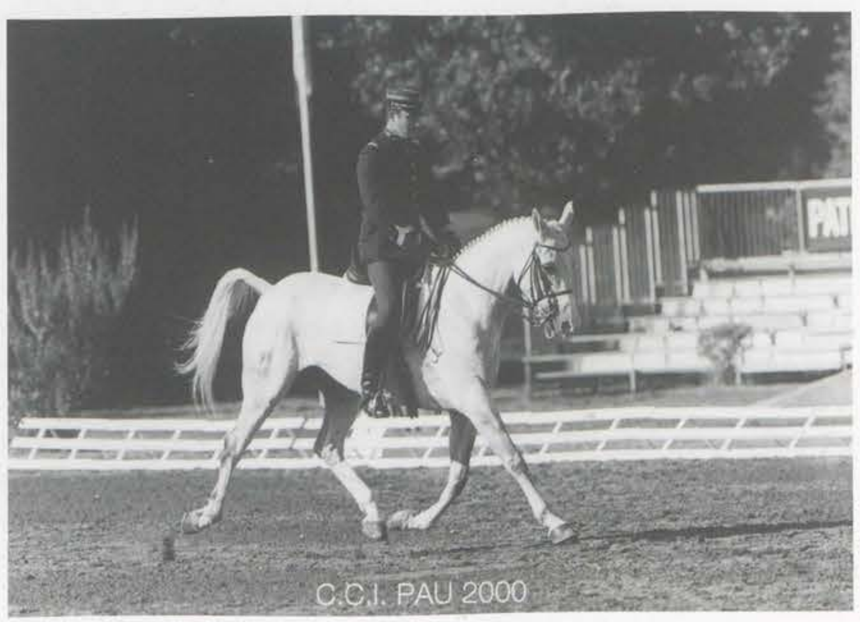
Uma das maiores queixas dos cavaleiros, quando se preparam para apresentar o seu cavalo numa prova de ensino, é a altura da nuca do cavalo. Expressões como «pescoço invertido» e «cavalo encapotado» são muito frequentes. Estas são as manifestações mais comuns de um cavalo que quer fugir ao contacto.

Uma primeira abordagem para descobrir a origem desta atitude do cavalo é observá-lo andando à guia sem qualquer embocadura ou martingala. A partir daqui, pode-se estudar a utilidade de uma martingala para ajudar a corrigir esse defeito. De resto é para isso que servem e foram inventadas.

Nos cavalos que montei com tendência para pôr o chanfro aquém da vertical, cedo descobri que o problema estava no deficiente funcionamento do post-mão. Alguns cavaleiros com quem discuti este assunto utilizam técnicas muito diferentes para o resolver, desde o uso das famosas meias paragens, às rotações inversas para uma mão e directas para a outra. Duas coisas são certas: o cavalo vai ter tendência para encapotar mais quando trabalhar para o lado contrário de onde tem o seu post-mão mais fraco e a rédea de abertura desse lado vai ter que funcionar de forma muito clara para não fazer qualquer oposição ao movimento. A mínima tracção nesta rédea vai provocar o imediato recuar do chanfro. Neste caso, é mesmo importante que as unhas fiquem viradas para cima. Estes cavalos tem que seguir as rédeas de abertura quando esta assim o «solicita», e tem que se encostar andando para diante.

Os problemas com cavalos que têm a cabeça demasiado alta são de resolução mais simplificada, não só por ser um problema mais frequente e estar mais descrito em diversos manuais, como também por ser mais fácil e eficaz o emprego de uma martingala para começar a desenvolver a musculatura do cavalo de forma a que este corrija a sua postura.

Outro dos problemas muito comuns nos cavalos de CCE é terem a tendência para andar mais depressa do que aquilo que o seu cavaleiro deseja. Neste caso, a prática de transições com muita frequência ajuda a acalmar o cavalo e a fazer com que ele se instale mais nos seus posteriores. Uma das coisas que passei a ensinar muito cedo aos meus cavalos foi o parar com a acção das minhas pernas. Muito cedo no trabalho dos poldros, habituo-os a pararem sentindo a minha barriga da perna atrasada e avançando quando as pernas passam a actuar junto à cilha. Faço isto evitando sempre ser coercivo, especialmente quando se excitam ao sentir a perna tão atrás. Com a continuação deste trabalho, os cavalos aprendem a fazer as transições descendentes apenas com as pernas e sem mão ou levantando um pouco, conforme o seu grau de ensino. Esta técnica resulta mesmo na condução em percursos de obstáculos.



Hepodes no Campeonato da Europa em Pau-França.

CONCLUSÕES

Do resultado da minha experiência nesta modalidade e da reflexão que tenho feito sobre a sua prova de Dressage, surgiram as ideias que expus nesta tese.

Quando me propus falar sobre este tema, a minha primeira dúvida foi mesmo existencial: será que existe mesmo diferença entre o ensino do cavalo de CCE e a Dressage pura? A resposta a esta pergunta foi rápida. O que não se afigurou tão fácil e rápido foi justificar isso de forma consubstanciada.

As características da modalidade de CCE levam o nosso cavalo para uma realidade diferente daquela que um cavalo de Dressage vive. O cavalo de CCE é diferente. Estas duas realidades quase configuram a história da galinha e do ovo.

Eu tentei demonstrar que os dois cavalos são diferentes, que o treino que se lhes ministra é muito diferente, assim como o grau e tipo de performance que lhes é exigido.

O jovem cavalo de CCE, com as características que desejamos que ele possua, apresenta problemas comuns e muito tipificados, cuja resolução passa, não só pela arte equestre do seu cavaleiro, mas por outros factores que vão da forma como se iniciam na competição e até ao seu maneio.

O cavalo de CCE é um super atleta. Ele tem mais força e é mais difícil de dominar. Possui uns reflexos excelentes e é detentor de uma atenção para o que o rodeia acima do que se espera num cavalo normal. Isto decorre especialmente das provas de fundo em que o cavalo é posto em situações das quais tem que sair através de decisões que são suas. Isto vai desenvolver-lhe um sentimento de auto-conservação que pode dificultar a sua performance numa prova de Dressage.

Nesta tese, dei muita ênfase às características física e mental do cavalo e à forma como estas influenciam a performance da prova de ensino. Tentei passar a ideia de como sinto as reacções dos meus cavalos e como tento vencer as dificuldades. Não apresentei nenhum método de treino, nem nenhuma «receita milagrosa». Existem diferentes métodos de treino, deixei pistas para que cada cavaleiro siga aquele que acredita ser o mais eficiente. O cavaleiro deve munir-se de todas essas armas, mas se não conhecer o seu cavalo e compreender como funciona e reage, não conseguirá conquistar a vontade do seu cavalo. Sem isso não terá futuro nesta modalidade. É importante conseguir que o cavalo execute os movimentos que lhe pedimos pela positiva, evitando ao máximo as acções coercivas.

A educação do cavalo de CCE não se esgota na sua capacidade de efectuar uma boa performance na prova de ensino. Esta é apenas o início da aventura!

COMENTÁRIOS

«*O cavalo direito...*».

Nenhum cavaleiro deveria ser ***autorizado*** a trabalhar um cavalo em dressage sem saber o correcto significado desta expressão.

Todo o cavaleiro deve ter a noção de que o ensino do cavalo no plano serve essencialmente para isso (corrigir assimetrias). Todas as outras características do cavalo bem trabalhado, que aparecem agora «redescobertas», surgem como acréscimo de qualidade do trabalho do plano.

Se um cavaleiro não conseguir endireitar o seu jovem cavalo no círculo, pelo menos temporariamente, nunca o vai conseguir ter direito mais tarde.

Tenho assistido a autênticos «assassínios» de poldros por parte de cavaleiros que os montam no plano durante horas, sem terem sequer a noção do lado da encurvação natural do seu cavalo.

Este deve ser o primeiro diagnóstico que se deve fazer a um cavalo quando o montamos pela primeira vez e é um processo fácil, especialmente num poldro. Nos cavalos mais velhos pode ser mais complicado por via das suas «defesas» que o foram conduzindo a posturas menos naturais, podendo a sua encurvação natural aparentar assimetrias bastante confusas que podem alternar com a mudança dos andamentos, especialmente no galope.

A noção da encurvação natural do nosso cavalo não é apenas importante para o desenvolvimento do trabalho no plano. No trabalho de exterior em terreno variado, também se torna importante ter isso em conta.

Existe uma forma bastante fácil de um cavaleiro «descobrir» a encurvação natural do seu cavalo. Para isso, basta-lhe montar o seu cavalo a passo e com rédeas livres pedir que ele faça círculos para ambas as mãos. Estes círculos devem ser o mais apertados possível, garantindo no entanto, por acção da perna de dentro, o andamento para diante. Desta forma, o cavaleiro vai logo saber para que lado o seu cavalo se encurva melhor à volta da sua perna (do cavaleiro) de dentro.

Depois desta singela e simples «descoberta», vamos tratar de aplicar os ensinamentos descritos em diversos manuais acerca do trabalho no círculo, para depois poder evoluir para outros voos.

BIBLIOGRAFIA

ESTADO MAIOR DO EXERCITO, Manual de Equitação. Edição de 1980.

ALMEIDA, N. *Equitação como e porquê.* Edições Inapa, 1997.

AMOS-JACOB, KATHY. *Dressage – técnica e aprendizagem.* Dinalivro, 2004.

RIBEIRO, L. ALMEIDA. *Ensino do cavalo.* Francisco Ribeiro, 1995.

CAVALCANTI, P. *Equitação Global.* Dinalivro, 1993.

EILBERG, F. & NEWSUM, G. *Dressage for the Event horse.* The Kenilworth Press, 1993.

O'CONNOR, S. *Common sense Dressage.* Half halt press, 1990.

OPEL, H. *Eventing technique.* J. A. Allen, 1991.

GALOUX, P. *Concours Complet d'Equitation. Editions Maloine, 1990.*

TAIT, B. *Eventing Insights. Kenilworth Press Ltd, 1993.*

"Os meus Livros"

O Conde de Lippe escreveu em 1762, num dos vários documentos doutrinários que constituiu o imenso legado deixado na sua reorganização, que "a leitura serve para formar-se o espírito militar e prover-se de ideias: por ela se enriquece com as luzes e com a experiência dos outros: e os senhores oficiais não poderão melhor, nem mais agradavelmente (para aqueles que amam a sua profissão) empregar, do que na leitura, as horas de descanso que deixam, especialmente no tempo de paz, as funções do serviço diário". O espírito inerente a estas palavras mantém-se actual, só que, num exército de voluntários, este esforço deve ser extensivo a todas as categorias – Oficiais, Sargentos e Praças –, no fundo, a todos os que "amam a sua profissão".

A Revista da Cavalaria convida, em cada número, um militar a partilhar uma meia dúzia de livros que tenham sido determinantes para a sua vida profissional e que entenda ser de mérito a sua partilha com outros profissionais de armas.

O **Coronel de Cavalaria José Calçada** é o nosso convidado deste número. Entre as funções que desempenhou destacam-se o comando do Agrupamento BRAVO/BAI/KFor, primeira FND de escalão batalhão a ser projectada para o teatro de Operações do Kosovo em 1999-2000, e o comando do Regimento de Cavalaria Nº3. Presentemente frequenta no Instituto de Estudos Superiores Militares o Curso de Promoção a Oficial General.

A Direcção da Revista da Cavalaria

Quando a Revista da Cavalaria me convidou para escrever umas linhas para a secção "os meus livros" duas questões se colocaram desde logo: em primeiro lugar, o facto de sentir que existem muitíssimos oficiais de cavalaria com mais experiência e cultura do que eu para escreverem tal artigo; em segundo, o embaraço da escolha das obras a considerar. Quanto ao primeiro facto, acabei por aceitar o desafio consciente das minhas limitações, de que antecipadamente peço desculpa aos leitores. Do segundo, realço o aspecto de, sendo um bibliófilo e tendo sido influenciado por inúmeras leituras ao longo da vida, a escolha ser difícil, quase impossível. As obras escolhidas não são, portanto, as que, em absoluto, mais me influenciaram, tão só as que o fizeram em momentos importantes da minha vida pessoal e profissional. Assim sendo, optei por escolher os seguintes livros:

COR Cav JOSÉ CALÇADA
IESM

– **"MENSAGEM"**
de Fernando Pessoa

Obra fundamental de um dos nossos maiores poetas – "profeta da pátria restaurada" no dizer do seu biógrafo, Prof. António Quadros – lida ainda nos tempos do Liceu Camões. O patriotismo ideal e puro que perpassa pelas suas linhas marcou – me bastante nos tempos da minha juventude. Ainda hoje conservo a recordação da sua leitura e da capacidade de me fazer sonhar que a caracterizou.

– **"MOUZINHO"**
do General Ferreira Martins e a "Carta ao Príncipe Real D. Luiz Filipe"

A obra do General Ferreira Martins influenciou decisivamente a minha opção pela Arma de Cavalaria quando, no fim do primeiro ano da AM, tive que "escolher Arma". A vida do nosso patrono é, por si só, inspiradora. A forma como o autor a conta é empolgante. Por sua vez, a "Carta de Mouzinho" é um modelo de atitude, de patriotismo, de grandeza de alma. A leitura conjugada das duas obras, o exemplo de vida que delas se extrai, terá contribuído para moldar o meu carácter e para orientar a minha maneira de ser como militar e como cidadão.

– **"PORTUGAL MILITAR"**
de Carlos Selvagem

História de um povo em armas, repertório das grandezas e misérias de uma pátria velha de quase nove séculos, a obra do coronel Afonso dos Santos é um dos grandes monumentos da nossa historiografia. Permite conhecer o que Portugal já foi e, como tal, conhecer aquilo que é e saber melhor o que se pretende que venha a ser. Pela parte que me toca aponto este livro maravilhoso e sublime, lido pela primeira vez nos bancos da AM como se de um romance se tratasse, como o principal responsável pela minha paixão pelo estudo da História.

– **"OS CENTURIÕES"**
de Jean Lartéguy

Obra emblemática de uma época trágica que marcou o destino de tantos militares franceses e portugueses. "Os Centuriões" é um romance desesperado e violento, de orgulho militar, de sacrifício, tantas vezes sem fé e sem causa, verdadeira aventura da alucinação e do caos vividos pelos filhos de um século de crueldade e desvario. Poucas vezes se terá dado, na literatura moderna, uma dimensão tão trágica do homem em estado de guerra, à procura da noção da luta em que se envolve e de um sentido para a vida.

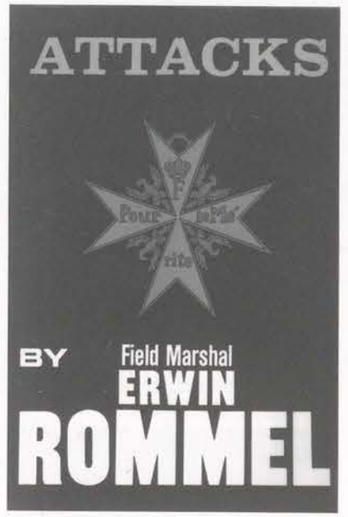
Estas palavras, contidas na contra capa do livro, resumem a obra de forma eloquente e traduzem o impacto que teve sobre mim, quando na AM a li pela primeira vez.

– **"DA GUERRA"**
de Clausewitz

A leitura da obra do grande pensador prussiano foi de extraordinária importância aquando da minha frequência do CGCEM e do CEM no IAEM. Conjugada com o livro de R. Aron, "Penser la Guerre – Clausewitz", constituiu para mim a "descoberta" da epistemologia da guerra, verdadeira essência do fenómeno. "Da Guerra" alargou os meus horizontes, terá aprofundado os meus conhecimentos e contribuiu, decisivamente, para enriquecer a minha, modesta, cultura militar.

– **"LECLERC – Maréchal de France"**
do General Jean Compagnon

A biografia aprofundada do marechal Leclerc, lida em França aquando da frequência do Curso Superior de Guerra, representou, para mim, uma descoberta extraordinária. Espírito cavaleiro levado ao paroxismo, verdadeiro exemplo de coragem física e moral, de determinação, de audácia, de capacidade de comando, o marechal Leclerc foi, indubitavelmente, alguém que "da lei da morte se libertou". Capitão em 1940, juntou-se a De Gaulle em Londres após uma evasão de França, com passagem por Portugal, que só por si constituiu uma aventura extraordinária. Começa então a épica "cavalgada" que, dos Camarões, o conduzirá a Berchtesgaden, com passagens pelo Chade, Líbia, Tunísia, Argélia, Normandia, Paris, Estrasburgo, sempre no comando de tropas em combate. A sua vida gloriosa e a sua morte prematura – aos 45 anos e já General de Exército! – fizeram com que entrasse na lenda. Ele possuía – sem o saber, como Monsieur Jourdan! – o "espírito de Mouzinho" e da Arma de Cavalaria.



ROMMEL, Erwin - Attacks. Provo, Athena Press Inc. 1979, 325 p.p.

O que nos poderá oferecer o livro "Attacks", com 70 anos, editado em 1937 por um Oficial de Infantaria[2], que apesar de se ter envolvido no atentado a Hitler, foi cúmplice do maior genocídio humano conhecido até à presente data? Que mensagem poderá este livro conter na actualidade? Sugiro que os leitores que sintam interesse e curiosidade pela motivação supostamente criada, procurem as respostas não no que estiver escrito, mas nas reflexões que vos surgirem.

Este livro é um clássico da literatura militar. Na essência do livro encontramos um diamante em bruto, raro e com perspectivas de natureza histórica, técnica, táctica, doutrinária e de Comando e Liderança.

De natureza Histórica porque situa-nos nos antecedentes da I Grande Guerra, cujas lições associadas à inexistência de posições comuns para a Europa, originaram a Tripla Aliança - Alemanha, Austria e Itália - e a tripla aliança designada de Entente Cordiale - Inglaterra, França e Rússia. O interesse da Rússia

no desmembramento do Império Turco promoveu apoios a vários estados dos Balcãs na prossecução desse objectivo, através da expulsão de comunidades turcas situadas nessa região. Com o aumento das tensões promovidas pelos diferentes interesses em jogo, o gatilho premido para conduzir ao início da Iª Guerra Mundial materializou-se com o asssassinato, em 28 Junho de 1914, do Arquiduque Austríaco, Franz Ferdinand, em Sarajevo.

De natureza Técnica, porquanto, a utilização do armamento e a sua própria perícia são avaliados e sujeitos a trechos designados de observações, que representam as lições identificadas no decorrer dos diferentes combates. Vidé os conselhos: na utilização das granadas de mão no combate em áreas urbanas (p.16) e no assalto (p. 89); na importância do planeamento e execução do treino Operacional (TREINA COMO COMBATES!), mesmo em campanha (p. 84) e as consequências da falta dele (p. 16,147, 201); na elaboração de esboços –. presentes em todos os relatos de combates - que reflectem não só as direcções de ataque, as bases de fogos, áreas de empenhamento, bem como a simplicidade das manobras executadas.

De natureza Táctica, porque o livro descreve as mudanças na táctica ocorridas durante a I Guerra Mundial pela Infantaria Alemã a partir das tácticas de linearidade para as tácticas de infiltração de 1918. Marcha para o Contacto (p. 114); da importância da realização de acções de reconhecimento; ataque imediato; fratricídio (p. 24); ataque deliberado; roturas de combate (p. 49); rendição de forças (p. 55); defesa em profundidade em oposição à defesa avançada (p. 40), emprego da reserva (111); colocação adequado de postos de observação (p. 106); manobras de decepção para garantir a Surpresa (p. 116); construção de posições alternativas (p. 82); Sincronização do combate (p. 284); escolha do ponto decisivo (p. 121); posicionamento do Grupo de Comando (81). Todos estes temas são descritos em torrente, ao longo do livro, procurando o autor conduzir cada um de nós através do seu processo mental de decisão, mantendo-nos num estado de alerta e curiosidade em relação às consequências da sua decisão. Em síntese, o "FIND, FIX and STRIKE", da doutrina actual do Reino Unido e Estados Unidos está amplamente documentada neste livro .

De natureza Doutrinária, porque é neste livro que encontramos as raizes da ainda actual doutrina da Guerra da Manobra. Implementada no século passado – assustador não é? - por volta dos anos 80, nos Estados Unidos e Reino Unido, testada em variados conflitos, dos quais a Tempestade do Deserto de 1991 e a invasão do Iraque, já em 2003, constituem os exemplos mais representativos.

Do Comando e Liderança, o livro além das acções do planeamento para as operações e da conduta em combate, com o assegurar dos elementos mais simples para o comando e controlo das suas unidades, refere aspectos associados à liderança situacional, mas exalta a liderança pelo exemplo (p. 100); É a mais dificil porque apenas subsiste enquanto houver coerência e suporte em todos os actos do Comandante. Honestidade, Competência, Carácter, Coragem moral e física são as ferramentas da vitória.

Vários exemplos associados a um sofrimento humano, vividos pela sua unidade e outras congéneres, são revelados durante o livro: a ausência de comida, a impossibilidade de dormir, a frieza da decisão ao ter que deixar feridos para trás, o posicionamento do Comandante no local onde é mais requerida a sua determinação e decisão, a auto disciplina, as preocupações com o mérito do seus subordinados.

Do ponto de vista da Guerra da Manobra, e do Comando e Liderança em combate, está o relato da ofensiva de Tolmein em 1917, em particular a conquista da elevação MATAJOUR (p. 264). O destacamento de Rommel com 3 Companhias de Infantaria e uma de metralhadoras, após 28 horas de combate, derrotou sucessivamente, 5 Regimentos Italianos, traduzindo-se tal vitória na captura de 900 militares, 150 oficiais, 81 obuses. Com esta operação foi-lhe reconhecido posteriormente a excelência da sua acção de comando com a atribuição da mais elevada condecoração, designada, "Pour le Mérite" (foto na capa do livro)[3].

CONCLUSÕES

Ler este livro por si só é agradável mas proponho a sua associação a outros livros, para obter uma interessante correlação com a actualidade. Sugiro em tom de desafio para cada apaixonado pela "coisa" militar que façam a ligação das lições deste livro a outros quatro: Maneuver Warfare Handbook[4]; O Exército na Guerra Subversiva[5]; Asymmetrical Warfare[6]; Fiasco – The American Military Adventure in Iraq[7].

Da guerra da manobra, falamos sobretudo da existência de confiança na Acção de Comando; da sua descentralização aos mais pequenos escalões, imbuída de uma partilha e conhecimento da Intenção do Comandante, que permite a livre iniciativa dentro do conceito existente aos diferentes escalões com ganhos óbvios no ciclo da decisão e no ímpeto das acções.

Relacionado com a guerra assimétrica e especificamente com a guerra subversiva (desde 1966 que Portugal desenvolveu o modo português de fazer a contra-subversão) a sua essência continua bem actual, como denota o livro FIASCO (p. 420), porquanto alega e faz referência a procedimentos que nós como Exército temos vindo a praticar desde então e que felizmente continuamos a preservar no cumprimento das operações correntes.

As restrições e condicionamentos de ordem operacional, organizacional, legal e moral, para o emprego da força promovem não apenas a natureza do conflito assimétrico, mas também a necessidade de actualizar estratégias únicamente defensivas perante ameaças de actores não estatais, no qual o 11 de Setembro de 2001, marca o início de um nova fase.

Com esta associação entre livros, procuro expor de que forma vejo a continuidade e actualidade possivel do livro Attacks, no ambito da natureza e propensão dos conflitos actuais. Nesse sentido, é oportuno olhar para nós, enquanto elementos activos das nossas Forças Armadas.

As mudanças que vamos continuar a assistir e nas quais as Forças Armadas e particularmente o Exército vivem, caracterizam-se por oferecer um potencial espaço de oportunidades para nelas participar com qualidade (vidé, doutrina NATO para Effects Based Approach to Operations, NATO Response Forces (NRF)); devem por isso, constituir fonte de regozijo e motivação.

Potencial: pelo valor dos nossos Quadros; porque há continuidade nas directivas do Comando do Exército quanto à percepção de o produto operacional do Exército ter que ser orientado por unidades constituidas e com vertente expedicionária. O cumprimento deste conceito e estes critérios contribuirá para acabar com o preconceito e dogma de atribuição de missões com base na cor de boinas. **A Força Operacional que tivermos, terá que existir para ser empenhada em qualquer cenário, onde os patamares da alta, média e baixa intensidade vivem dia a dia e em simultâneo.**

Devemos encarar as mudanças com regozijo e motivação: porque o País é neste momento, com as operações correntes onde participa, um elemento activo e forte contribuinte no contexto Europeu e Mundial para a obtenção e produção de Segurança; com motivação, porque o contributo das operações correntes e das organizações NATO sediadas no nosso País[8], promovem a nossa evolução.

A dinâmica da doutrina existe, não a podemos evitar e enquanto o desenvolvimento tecnológico continuar avassalador – felizmente - a única constante do dia a dia é a contingência! Daí a necessidade da inovação, iniciativa, imaginação e... muito trabalho. Não se conformem.

Boas leituras.

Maj Inf Pedro Teixeira
JHQ Lisbon

[1] Titulo original do livro, designado posteriormente de ATTACKS.

[2] A vida e personalidade do Marechal Erwin Rommel, tem sido alvo de pesquisas e estudos ao longo do tempo. Guido Knopp, historiador e jornalista alemão, escreveu no seu livro que o suicídio de Rommel na tarde 16 de Outubro de 1944, esteve relacionado com a tentativa de assassinato de Hitler, Rommel teve que optar entre preservar a reputação histórica dos seus feitos, o seu carisma, ou, a morte da sua Familia. Apesar deste possível envolvimento no atentado a Hilter, Rommel, como Oficial General não esteve alheado, nem ausente em relação aos crimes e atrocidades cometidas. (Ver KNOPP, Guido, Hitlers Krieger, Munchen, Goldmann, 2000, 436pp).

[3] Esta condecoração já não é atribuida nas Forças Armadas Alemãs. No entanto para feitos de cariz civil permânece a sua designação.

[4] **LIND**, William S., Maneuver Warfare Handbook, Colorado, Westview Special Studies in Military Affairs, 1985, 133pp.

[5] **EXÉRCITO PORTUGUÊS**, O Exército na Guerra Subversiva, Exército Português, 1966, 5 Vols

[6] **BARNETT**, Roger W., Asymmetrical Warfare, Brassey's Inc, 2003, 182pp.

[7] **RICKS**, Thomas E., FIASCO The American Military Adventure in Iraq, Penguin Press, 2006, 482pp.

[8] Comando de Operacional da NATO – Joint Command Lisbon (JCL); Centro de lições aprendidas da NATO (JALLC); Directorado da Preparação Operacional NRF (OPD)

LEITÃO, Coronel Desidério M. Vilas e ROSINHA, Major António Palma – Ética e Liderança. Uma Visão Militar e Académica. Amadora, Edição da Academia Militar. 2007, 175 pp.

Cruzei-me com este livro pela notícia, na intranet do Exército, do seu lançamento na Academia Militar. Como não pude estar presente procurei-o, nos dias seguintes, nas livrarias. Estranhamente, não o encontrei. Fiquei depois a saber que se tratava de uma edição interna da Academia Militar (de 500 exemplares) e com o objectivo de se constituir em material de apoio aos alunos para a cadeira de Ética e Liderança. Não é habitual fazer

análise de obras quando estas são manuais escolares, mas a existência de um ISBN, um prefácio e um prólogo, bem como fotografias e extensos CV dos autores, pareceram-me sinais inequívocos de que a Academia Militar pretendeu fazer mais do que um manual escolar, daí considerar existirem condições para que a obra fosse analisada, tal como temos vindo a fazer com outras em todos os números da Revista da Cavalaria.

O título da obra, "Ética e Liderança. Uma visão militar e académica", deixa claro que se trata de dois temas distintos, ainda que interdependentes, e que para cada um deles haveria duas visões distintas: a militar e a académica. A obra está organizada em três partes: "Liderança uma visão militar e académica"; "Ética uma visão militar e académica"; e um estudo de caso – "A Academia Militar forma universitários para a Liderança".

A obra não é um todo coerente. Como o próprio General Belchior Vieira refere no prólogo trata-se de. uma colectânea de artigos, alguns deles anteriormente publicados no Jornal do Exército. Possivelmente esta situação é decorrente do conteúdo programático da cadeira em questão.

A leitura da obra, não esquecendo que é editada por uma academia militar e destinada a cadetes-alunos – futuros oficiais! – chega a ser desoladora. Como se pode escrever uma visão militar da liderança sem deixar claro e de forma inequívoca que o que a distingue é o contexto extremo no qual ela poderá vir a ser exercida: a exigência de liderar homens e mulheres para o exercício de matar outros iguais e que durante esse processo poderão ser eles próprios mortos ou severamente feridos.

A primeira parte da obra está repleta de termos simpáticos e que constituem o estado da arte desta temática. Lê-se sobre liderança transformacional, inteligência emocional, etc. mas a análise à aplicação prática destes conceitos em contexto militar é pobre e socorre-se de exemplos (poucos) e quase desinteressantes. E porquê desinteressantes? Porque em nenhum caso apresenta exemplos das situações extremas de combate, ficando-se por casos meramente administrativos que em nada se distinguem de uma empresa civil. Os exemplos do capítulo VII "A motivação dos líderes e dos seguidores" são pobres e uma vez mais esquecem a questão principal: como se motivam homens e mulheres para o exercício de matar outros iguais e que durante esse processo poderão ser eles próprios mortos ou severamente feridos? Não se esperariam receitas milagrosas mas, pelo menos, o alertar para esta questão dando lugar a testemunhos de quem passou por estas situações e como lidou com elas. Bastaria para o efeito socorrerem-se dos inúmeros testemunhos que existem da geração que combateu em África ou se quisessem referir-se a experiências em alta intensidade, socorrerem-se de testemunhos de outros exércitos em conflitos mais recentes.

O facto da obra estar organizada em duas partes e cada uma ser uma colectânea de artigos impede a abordagem sistémica que era desejável na abordagem da ética e da liderança. "Se os chefes militares devem ser treinados para pensar de uma forma ética mesmo quando estão sob pressão" como vem referido nas considerações finais do Cap VI "O comandante e o processo da tomada de decisão", importava saber o que é pensar eticamente, ou seja, quais os valores que são os alicerces da instituição e que devem nortear a acção dos seus membros. Aqui sente-se o vazio que a instituição em si deixa, pois não se esperava que fossem os autores a definir os valores institucionais, mas que eles estivessem suficientemente alicerçados na organização para os referir quando se fala em "pensar eticamente". Infelizmente o assunto não evolui, nem mesmo na parte II "Ética uma visão militar e académica". Também nesta parte da obra os autores não passam da visão académica, que eu diria mesmo exclusivamente civil. Porque é que nas questões que o autor usa para confrontar o leitor (cadete) sobre a razão da ética (pp. 116-119) não existe uma única situação "típica" com as quais os comandantes são confrontados em combate ou em operações, ou mesmo na rotina do dia-a-dia? Os casos que regularmente são apresentados pela comunicação social sobre o comportamento de militares – enquanto indivíduos ou unidades constituídas – que se referem ao uso indiscriminado da força letal, humilhações à população civil, maus tratos de prisioneiros, encobrimento de crimes de camaradas de armas são alguns dos exemplos onde os comandantes são confrontados com questões reais de ética. Mesmo em tempo de paz, e em quartel, existem muitos exemplos onde os comandantes são confrontados com dilemas éticos. Não lançar questões neste universo é uma falha grave e uma desonestidade profissional para futuros oficiais.

A obra centrou-se em si mesma e na cadeira de Ética e Liderança. Se não for isto, qual é então a razão para que o caso de estudo apresentado seja "A Academia Militar forma universitários para a Liderança"?. Qual o contributo deste caso de estudo, integrado num manual escolar, para a formação de futuros oficiais do exército? Rigorosamente nenhum.

Esta obra reflecte, sem margem para dúvidas, um esforço dos autores na sistematização de uma temática que é central, mesmo decisiva, no exercício da profissão das armas. Uma temática que infelizmente a própria instituição nunca se esforçou em proporcionar material de formação contínua aos seus recursos humanos (ou pessoas, como agora é correcto dizer-se), nomeadamente para os seus quadros. O esforço dos autores e da Academia Militar, enquanto instituição patrocinadora, merecem, pois, uma palavra de apreço. Mas fazê-lo apresentando uma visão militar débil, ou por outras palavras, uma focalização excessiva na visão académica pode conduzir, num futuro próximo, a formarmos oficiais sem uma percepção realista do que lhes é exigido, e mais grave ainda, orientá-los para um tipo de motivação que os tende a afastar do cerne da sua profissão: o comando de mulheres e homens em combate.

Maj Cav Miguel Freire
CMPR

http://www.defence.gov.au/Army/lwsc/

Trata-se do sítio do *Land Warfare Studies Centre (LWSC)* do Ministério da Defesa Australiano. Apesar da distância física que nos separa deste continente, a visita regular a este sítio é de muito interesse por duas razões: primeiro pelo exército que é; segundo, por aquilo que o próprio sítio proporciona.

Trata-se de um exército com quem já operámos no Teatro de Operações de Timor-Leste e cuja solidariedade política aos Estados Unidos da América e identidade cultural ao Reino Unido têm-no levado a participações relevantes em teatros de operações exigentes como é o Afeganistão e o Iraque. Esta participação tem permitido às forças armadas australianas integrar a vanguarda nos debates tecnológico e doutrinário sobre o emprego das forças armadas nas operações correntes e no futuro muito incerto que se avizinha.

Este centro de estudos de guerra terrestre é um *think tank* de apoio ao Comandante do Exército, Estado-maior e ao exército em geral. A independência funcional, profissional e intelectual do centro é determinante, por isso, constitui-se numa unidade independente na directa dependência do Chefe de Estado-Maior do Exército. O seu objecto de estudo e investigação é de natureza conceptual e de longo prazo, muito para além dos prazos imediatos das tarefas comuns dos estados-maiores.

Neste sítio encontram-se disponíveis os produtos resultantes da actividade de investigação do centro: o "Army Journal"; "Senior Officers' Professional Digest"; "Working Papers" e "Study Papers".

A publicação mensal do "Senior Officers' Professional Digest" é um dos aspectos mais interessantes deste centro de estudos. Trata-se de um *reader's digest* à moda antiga, ou seja, um conjunto (em média uma dezena) de artigos de revistas académicas e profissionais, militares e civis, cuja actualidade e pertinência merecem ser trazidos à atenção dos "senior officers" na forma de um resumo com as principais ideias e argumentos de cada um. É, sem dúvida, uma forma de nos mantermos actualizados quanto aos temas principais da comunidade militar internacional, já que os artigos não se limitam a publicações australianas, pelo contrário, a maior parte é de origem norte-americana e europeia e abarcam diferentes níveis: político, estratégico, operacional e táctico.

Os temas abordados no *Army Journal* e nos *Working* e *Study papers* são também pertinentes e traduzem as preocupações de uma potência regional empenhada globalmente. Por esta razão existem muitos trabalhos que abordam assuntos específicos da Austrália, mas muitos outros debatem assuntos mais abrangentes e que têm a ver com a componente terrestre das operações militares, da guerra em geral ou da liderança.

É, pois, um sítio a gravar nos "favoritos".

Maj Cav Miguel Freire
CMPR

VICENTE, João Paulo Nunes – Guerra em Rede. Portugal e a Transformação da NATO. Lisboa, Prefácio. 2007

Saudável iniciativa da Prefácio que dá à estampa uma tese de mestrado que doutra forma estaria escondida do grande público, guardada que ficaria nas estantes da Universidade Autónoma de Lisboa e da Biblioteca Nacional.

Escrever sobre defesa, em Portugal, não é fácil: não há leitores! E aqueles que ainda conseguem ler têm que tolerar uma oferta escassa e na maior parte das vezes bafienta. Mais uma razão para louvar, também, a coragem do autor, que assim se expõe às críticas de um público preguiçoso, com esta sua abordagem arejada de um tema pertinente de defesa nacional. O assunto é sério, embora a capa do livro pareça mais uma novela ao estilo Tom Clancy. Trata-se, nada mais, nada menos, da interdependência nacional. O autor aborda de uma forma profunda e informada conceitos que começaram a surgir no gabinete do Secretário de Defesa norte-americano no final dos anos noventa e que, depois de serem limadas as arestas para aceitação europeia pelos ingleses, passaram a integrar os documentos oficiais da Aliança Atlântica. Este esforço mereceu um Comando de nível estratégico: o *Strategic Allied Command Transformation* (SACT), nas instalações do entretanto extinto *Strategic Allied Command Atlantic* (SACLANT), em Norfolk, no estado americano da Virgínia. A tese defende uma análise profunda e qualificada dos conceitos e princípios desta teoria, que permita dar a relevância em matéria de defesa que Portugal merece e de que tem estado arredado. Não vale a pena os derrotismos e os queixumes tradicionais de falta de massa crítica: a Suécia fala nestes assuntos, em pé de igualdade, com os Estados Unidos. Embora não fosse objecto de estudo, uma comparação com outros conceitos americanos como a "*netwar*", "*fire-ant warfare*" ou "*neocortical warfare*" (e aqui o título é impreciso, porque na realidade o que está em causa é o conceito de "*network-centric operations*") surgidos anteriormente (ca. 1993), mas noutros "fora", seria mais pertinente e afastaria de vez a ideia (errada!) de que se trata da famigerada "guerra das estrelas". Também falta a utilíssima ligação à história portuguesa, uma vez que em matéria de "*networking*" fomos os primeiros à escala global e não temos de receber lições de ninguém.

Há, também, que salientar a colaboração institucional pioneira entre a Força Aérea Portuguesa e a Universidade "civil", em matéria de ciências sociais, no âmbito dos estudos pós-graduados no domínio da polemologia. É uma focagem que urge aprofundar, mais até do que as ciências duras, pois estas tendem a usar a Força Aérea como laboratório da sua "*applied research*" e o retorno em matérias eminentemente militares tarda a surgir. Os civis que escrevem sobre assuntos de defesa (mesmo que não o façam conscientemente, como Vitorino Ramos e Filipe Almeida ou mesmo José Fernando Mendes) também são bem-vindos à discussão e poderão tratar o que a condição militar não permite. Aliás, é muito estranho que neste país, com tão pouco capital intelectual, estas comunidades vivam de costas perfeitamente voltadas nos seus nichos de "mercado". Talvez aí esteja a diferença fundamental para a Suécia. O polímato marxista inglês J.B.S. Haldane, escreveu no seu "*Science in Peace and War*", em 1940, "*in a time like the present we need science more than ever before, that we must think scientifically, not only about weapons and health, but about politics and philosophy*". Nunca, como agora, voltou a ser tão necessário este tipo de pensamento. Inovação, informação e redes são demonstradamente antagonistas da hierarquia. Este sim, o principal desafio colocado a qualquer instituição militar e país numa era de interdependências (mais do que independências). Foram esses produtos que o TGEN Paul Van Riper (e aqui percebe-se porque é os marines americanos são os autênticos *think tanks* da guerra moderna – cf. o trabalho desenvolvido com Gary Klein, autor de "*Sources of Power*", disponível na Biblioteca da Ciências Militares Aeronáuticas, e o denominado *Recognition-Primed Decision Model* – que usou para derrotar as forças armadas da hiperpotência mundial durante o aquecimento para a invasão do Iraque, no famoso exercício *Millennium Challenge* 2002 (http://www.jfcom.mil/about/experiments/mc02.htm), conforme podemos ler no popular *best-seller* "*Blink*". Lição e mensagem fundamental que o autor passa: os ingredientes principais para combater continuam a situar-se ao nível dos intangíveis. A imaginação continua a ser a fonte de poder fundamental e neste capítulo os portugueses são mais do que uma *soft-power*, são mestres na adaptação de qualquer tecnologia aos contextos do combate moderno, como o foram há cinco séculos. Só falta a alavancagem devida, que normalmente surge do plano político. Este potencial é uma valia portuguesa que não pode ser obliterada pela indiferença. E nós sabemos que no local de aplicação da força, não foi, não é e não será! Eis, portanto, um livro a ler e, acima de tudo, a aplicar à maneira portuguesa, que é a que está certa… para nós!

Maj FAP António Eugénio
IESM

Proliferação Nuclear: Supremacia Norte-Americana ou Anarquia Internacional

Num artigo da revista Foreign Affais de Março de 2006, Keir Lieber e Daryl Press – dois prestigiados académicos norte-americanos – apresentavam uma antevisão do que poderia ser a supremacia nuclear norte-americana. Porém, seis meses mais tarde, Stephen Peter Rosen, Professor da Universidade de Harvard, alertava para um cenário mais provável: a proliferação nuclear generalizada.

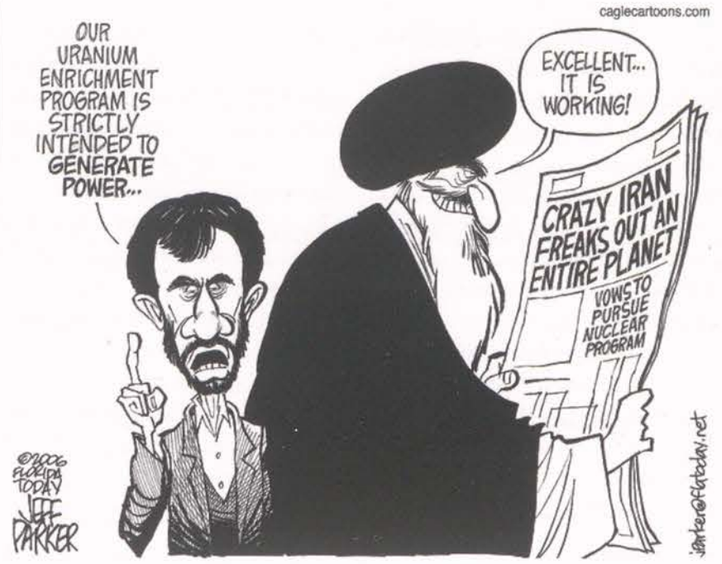
Durante a guerra-fria, a teoria da dissuasão manteve o mundo numa paz relativa. Os dois grandes arsenais nucleares, o norte-americano e o soviético, eram tão grandes e sofisticados, que se um destes países lançasse um ataque inicial, não teria a mínima hipótese de sobreviver à retaliação do adversário.

Deste modo foi possível evitar o recurso a armas nucleares, e as ambições militares de alguns países foram contidas. Foi esta estratégia da dissuasão que manteve a paz, através da tríade nuclear: mísseis com ogivas nucleares colocados em bombardeiros permanentemente em voo; mísseis balísticos intercontinentais colocados em silos terrestres, e mísseis balísticos lançados a partir de submarinos cuja localização era difícil de descobrir.

Esta tríade garantia que se um Estado tivesse a iniciativa de lançar um primeiro ataque contra um adversário, não conseguiria destruir na íntegra a sua capacidade de retaliação, dado a existência de armas nucleares em três tipos de vectores distintos, com localização desconhecida.

Na actualidade, a estratégia da dissuasão como garante da paz perdeu a eficácia, tendo em conta o desaparecimento do equilíbrio nuclear mundial. A Rússia, com os problemas resultantes da desintegração da União Soviética reduziu a sua capacidade nuclear: perdeu 39% dos seus bombardeiros de longo alcance, diminui 58% o seu arsenal de mísseis balísticos intercontinentais e diminuiu 80% dos mísseis balísticos lançados a partir de submarinos.

E a realidade é pior do que mostram estes números: os bombardeiros estratégicos russos estão localizados em apenas duas bases, o que os torna vulneráveis a um ataque, já para não referir que raramente realizam exercícios, estando o seu pessoal destreinado e as suas ogivas guardadas em depósitos fora das bases; 80 % dos mísseis localizados em silos ultrapassaram o seu tempo de vida útil; os mísseis balísticos montados



CAP Cav PEDRO FERREIRA
EPC

em viaturas (supostamente moveis) raramente mudam de localização, pelo que são alvos fáceis dentro das bases, para além de que as suas guarnições não possuem treino para fazer frente a um ataque de surpresa; e por último o terceiro vector, os submarinos, encontram-se reduzidos a duas patrulhas por ano, quando na década de noventa se realizavam sessenta patrulhas anuais.

Para além da tríade, também o sistema russo de detecção de mísseis é inútil, ao contrário do sistema dos Estados Unidos da América (EUA), que melhorou a sua capacidade de seguimento de submarinos e mísseis montados em viaturas. Também o desenvolvimento do sistema de radares norte-americano permite hoje uma maior fiabilidade de alerta oportuno sobre o lançamento de mísseis balísticos intercontinentais.

A China, potência nuclear, possui uma capacidade ínfima relativamente ao arsenal norte-americano, detendo apenas 18 mísseis balísticos intercontinentais instalados em silos. Tendo em conta que os mísseis chineses são alimentados segundo uma tecnologia antiquada, só podem ser atestados quando vão ser lançados, o que demora duas horas. Um prazo de duas horas não pode ser considerado convincente como retaliação, tendo em conta uma eficiência tão baixa. Provavelmente num cenário de ataque seriam destruídos nos silos antes de serem atestados.

A Coreia do Norte, alcunhado pelos EUA como Estado pária, tem feito declarações nas últimas semanas que apontam para o fim do seu programa nuclear. Relativamente aos restantes Estados com capacidade nuclear, Reino Unido, França, Israel, e até mesmo a Índia e o Paquistão, aparentam baixas probabilidades de enfrentarem nuclearmente os EUA.

Os EUA parecem ter o caminho aberto para alcançar a supremacia nuclear, pela primeira vez nos últimos cinquenta anos, ou seja, a capacidade de destruir todas as forças nucleares de um adversário num ataque inicial, eliminando as possibilidades de um ataque retaliatório.

Surgiram três perspectivas do que iria ser o mundo sob a supremacia nuclear norte-americana:

1. Os EUA enquanto grande nação benevolente usariam o seu poder para garantir a paz mundial;
2. Os EUA usariam e abusariam da sua capacidade de coerção para impor a sua vontade sobre os outros Estados;
3. A supremacia norte-americana causaria o medo nas restantes potências nucleares, que perante uma situação de crise iminente poderiam reagir com dedo leve no gatilho, criando um clima de instabilidade.

No entanto, a terceira perspectiva parece estar a vingar, e os EUA não irão alcançar ainda a proeminência global. Tudo leva a crer que está em desenvolvimento um mundo nuclear multipolar. A dispersão da capacidade nuclear por vários Estados começa a levantar graves dificuldades técnicas à teoria da dissuasão.

O discurso norte-americano começa a mudar de tónica e a pergunta agora é como impedir a proliferação nuclear. Se por um lado os mais pacíficos argumentam com negociações de controlo de armamento, muitos políticos norte-americanos procuram uma atitude com mais pragmatismo reclamando ataques militares e mudanças de regime forçadas nos estados párias.

O Irão justificando as suas acções com motivações apocalípticas, continua a desenvolver a sua tecnologia nuclear. Perante o comportamento da teocracia iraniana, os Estados circundantes, nomeadamente a Arábia Saudita e a Turquia, procuram agora também desenvolver os seus próprios programas, pelo que o Médio Oriente concorre para se tornar na região do globo com maior concentração de armamento nuclear, o que aliado à forte actividade terrorista na região, não augura um futuro pacifico.

Deste modo a estratégia de dissuasão perde credibilidade. Neste novo cenário poderá ser difícil de saber contra quem retaliar, já que o míssil poderá partir de qualquer Estado dentro de uma área geográfica significativamente reduzida. Parece ainda não ser desta que a supremacia nuclear norte-americana vai dar a paz ao mundo, restando aos EUA, a intervenção com meios convencionais.

FONTE DA FIGURA:
http://cagle.msnbc.com/news/IranNuclearPower/main.asp

REVISTA CAVALARIA

ATENÇÃO
Envie este impresso directamente para a Associação e não para o seu Banco.
O total preenchimento dos dados e a assinatura autorizada são indispensáveis

ASSOCIAÇÃO REVISTA DA CAVALARIA
SEDE: Regimento de Lanceiros N.º 2 – Calçada da Ajuda – 1349-054 LISBOA
E-mail: revistadacavalaria@gmail.com

MILITAR: Posto, Arma, Situação (Activo, Reserva, Reforma)

CIVIL: Título

NOME

MORADA

LOCALIDADE

CÓDIGO POSTAL ____-___

OUTROS CONTACTOS

MODALIDADES PARA SER SÓCIO DA ASSOCIAÇÃO:

☐ 1.ª MOD. – Quota anual individual no valor de 15 Euros.
☐ 2.ª MOD. – Quota institucional anual no valor de 75 Euros (destinada a Associações U/E/O, Empresas).
☐ 3.ª MOD. – Quota anual para sócios beneméritos no valor de _____ Euros (valor nunca inferior à quota individual).
☐ 4.ª MOD. – Quota anual para instituições beneméritas no valor de _____ Euros (valor nunca inferior à quota da 2.ª Modalidade, destinada a Associações U/E/O, Empresas).

Exmos. Senhores

Venho por este meio autorizar a efectivação de transferência bancária regular para o pagamento das quotas da Associação Revista da Cavalaria no valor de _____€ por ano, a debitar em _____.

DADOS DA CONTA A DEBITAR

BANCO _____

DEPENDÊNCIA _____
LOCALIDADE _____
NI DA CONTA _____
NIB _____
EM NOME DE _____

DADOS DA CONTA A CREDITAR

SANTANDER TOTTA

Conta:
53148140020

NIB
001800005314814002012

Em nome de:
ASSOCIAÇÃO REVISTA DA CAVALARIA

Com os melhores cumprimentos

_____
(assinatura igual à existente no Banco)

Data, _____ de _____ de _____

PODE SER FOTOCOPIADO

Escola Prática de Cavalaria

EXERCÍCIO "VÉNUS 07"

Realizou-se de 26 a 30MAR07, na Serra da Cabreira, o Exercício de Táctica de Reconhecimento, para o TPO 06/07 e 34º CFS de Cavalaria, VÉNUS 07.

A instrução teve por finalidade habilitar os Aspirantes Al e os Sargentos Al para o desempenho das funções de Comandante de PelRec (TPO) e Comandante de Esquadra e Secção do PelRec (CFS).

Durante este período, o ERec/ BrigInt aprontou um PelRec para apoio na instrução, tendo o RC 6 prestado todo o apoio logístico.

O relevo acentuado, as missões a cumprir definidas pela equipa de instrução e as condições atmosféricas adversas serviram para por à prova os ensinamentos teóricos anteriormente ministrados na EPC e também a capacidade de adaptação dos futuros Oficiais e Sargentos da Arma às dificuldades inerentes às suas funções em campanha.

EPC NA MARATONA DE LISBOA

Realizou-se, no passado dia 18 de Março, a 17ª edição da Meia Maratona de Lisboa.

Com uma participação recorde de 36 mil atletas, este evento teve início na ponte 25 de Abril e a meta instalada na Praça do Império junto ao Mosteiro dos Jerónimos, numa extensão de 21.097 metros. Disputou-se paralelamente uma Mini Maratona de 7.200 metros, integrada no programa.

A Escola Prática de Cavalaria participou neste evento com uma representação de Oficiais, Sargentos e Praças, onde o espírito desportivo e a boa disposição estiveram sempre presentes.

DIA DA ARMA DE CAVALARIA E 117º ANIVERSÁRIO DA EPC

No passado dia 17 de Abril de 2007 comemorou-se pela primeira vez em Abrantes, o Dia da Arma de Cavalaria e o 117º Aniversário da Escola Prática de Cavalaria. A cerimónia foi presidida por S. Exª o Chefe do Estado-Maior do Exército, General José Luís Pinto Ramalho e testemunhada por cerca de uma centena e meia de entidades militares e civis convidadas, entre as quais os presidentes das Câmaras Municipais de Abrantes e de Santarém.

Durante a Cerimónia Militar foi condecorado, a título póstumo, com a Grã-Cruz da Medalha de Mérito Militar o Exmo TGen António Alberto da Palma, antigo Comandante da EPC. Também foi condecorado com a Medalha de Prata de Serviços Distintos – Grau Prata, o Cor Cav Res, Manuel de Assis Teixeira de Góis, director do Jornal do Exército.

Depois da Cerimónia, o Gen CEME inaugurou um "Memorial do RI 2" e uma exposição fotográfica sobre as actividades da EPC, após o que se seguiu uma visita às novas instalações da EPC.

Ainda no âmbito das Comemorações do Dia da EPC, foi lançado o primeiro número do "Boletim da EPC" e realizada a primeira Poule Hípica no Quartel de S. Lourenço.

POULE DO CPC-07

No âmbito das actividades do CPC realizou-se, em 30 de Maio pelas 16H00, no campo de obstáculos da EPC em Abrantes, mais uma prova de aferição da capacidade de decisão dos futuros Capitães de Cavalaria. A prova consistiu na participação numa poule equestre, que decorreu de forma descontraída, tendo-se concluído que, efectivamente, o curso ainda precisa de mais algum tempo para melhorarem as suas performances individuais, ou em alternativa ministrar aos solípedes algumas sessões sobre o processo de tomada de decisão militar, para eliminar de vez os desencontros de vontades entre cavalos e cavaleiros.

A este evento seguiu-se uma segunda parte de convívio com oficiais da EPC onde, aí sim, o CPC provou que do ponto de vista da capacidade de organização, já se encontra em condições de poderem vir a desempenhar tarefas de maior responsabilidade.

Regimento de Lanceiros nº 2

"VISITA DE SUA EXCELÊNCIA O GENERAL CEME AO RL2"

O Regimento de Lanceiros Nº2 recebeu no dia 20 de Abril de 2007, a visita de Sua Excelência o General Chefe do Estado-Maior do Exército, General JOSÉ LUÍS PINTO RAMALHO a quem foram prestadas pelo GPE honras militares.

Após a apresentação de cumprimentos na Sala de Clarins foi efectuado um Briefing na Sala de Comandantes, onde foi dado a conhecer a realidade do dia a dia do Regimento, a sua Missão, Organização e Possibilidades.

Em seguida, na parada Marechal Carmona, foi efectuada uma demonstração das várias actividades da Policia do Exército, com a participação do Grupo de Policia do Exército, Esquadrão de Comando e Serviços e MP COY / NRI9, oferecendo a todos quanto assistiram uma mostra das valências do Regimento para emprego de Forças em Missões de Paz.

Após o terminus da demonstração, SEXA o General CEME visitou as instalações do Regimento e o Museu da Unidade.

Seguiu-se o almoço na messe de oficiais e dando por finda a visita ao RL2, procedeu-se à assinatura do Livro de Honra e uma singela mas significativa troca de lembranças, na Sala de Comandantes.

"ESTÁGIO NO RL2 DO 34.º CFS"

Realizou-se no RL2 de 26ABR07 a 04MAI07 o Estágio de Acompanhamento de Missões de Polícia de Exército e de Execução de Atribuições e Tarefas das Subunidades e Órgãos Regimentais. O Comandante do RL2 saudou os militares do 34.º CFS pela sua presença neste nosso Regimento, desejando as maiores venturas profissionais e pessoais, salientando o grato prazer do apoio prestado pelo RL2 na formação destes futuros Sargentos da Arma de Cavalaria.

"ALMOÇO CONVÍVIO DA CPM 8241"

Realizou-se no RL2 em 28 de Abril de 2007, mais um almoço convívio da CPM 8241.

Do programa deste almoço convívio constaram os cumprimentos ao Comando do RL2, seguida de uma singela e muito nobre Homenagem aos mortos, uma visita à Unidade e ao Museu, seguindo-se o Almoço no Refeitório das Legendas.

O Comando do RL2 retribui os cumprimentos, saudando todos os ex-militares e suas famílias pela presença neste nosso Regimento e desejando também as maiores venturas a todos, aguardando pelo próximo evento destes nossos Lanceiros.

"ALMOÇO CONVÍVIO DA CPM 3524"

Realizou-se no passado 26 de Maio de 2007, mais um almoço convívio do CPM 3524.

Do programa constaram os cumprimentos ao Comando do RL2, seguida de uma singela e muito nobre Homenagem aos mortos pela Pátria, descerramento de uma placa comemorativa, uma visita à Unidade e ao Museu, seguindo-se o Almoço no Refeitório das Legendas.

O Comando do RL2 retribui os cumprimentos, saudando todos os ex-militares e suas famílias pela presença neste nosso Regimento e desejando também as maiores venturas a todos, aguardando pelo próximo evento destes nossos Lanceiros.

"ALMOÇO CONVÍVIO DA CPM 2684"

Realizou-se no passado dia 02 de Junho de 2007 no RL2, o almoço convívio da CPM 2684. Do programa constaram os cumprimentos ao Comando do RL2, seguida de uma singela e muito nobre Homenagem aos mortos pela Pátria, descerramento de uma placa comemorativa, visita livre à Unidade e ao Museu do RL2, seguindo-se o Almoço no Refeitório das Legendas.

O Comando do RL2 retribui os cumprimentos, saudando todos os ex-militares que serviram nesta casa, e suas famílias pela presença neste nosso Regimento e desejando também as maiores venturas a todos, aguardando pelo próximo evento destes nossos Lanceiros.

"X CONCURSO COMBINADO DE EQUITAÇÃO DO RL2"

O Regimento de Lanceiros Nº2 realizou no dia 23 de Junho de 2007 o seu X Concurso de Equitação, que foi presidido pelo Exmo. TGen José Carlos Cadavez, Director Honorário da Arma de Cavalaria.

O Concurso integrou duas Provas de Obstáculos, uma Prova Pequena e uma Prova Média, num total de 74 conjuntos participantes, entre militares do Exército e da GNR, além dos alunos dos estabelecimentos Militares de ensino e cavaleiros civis convidados.

Findo o Concurso, o Exmo. Comandante proferiu algumas palavras alusivas ao evento tendo decorrido de seguida a cerimónia de entrega dos prémios aos concorrentes vencedores. Após o Concurso realizou-se um almoço/convívio com todos os concorrentes e convidados. Com a realização desta prova pretendeu-se assinalar a importância da contribuição da Equitação Militar para a formação dos Quadros Militares em geral, e dos da cavalaria em particular, bem como proporcionar, simultaneamente, um momento de convívio da família Militar e dos seus amigos em torno do polo que é o RL2.

Regimento de Cavalaria nº 3

623º ANIVERSÁRIO DA BATALHA DOS ATOLEIROS

Em 06ABR07 realizou-se a Cerimónia Comemorativa do 623º Aniversário da Batalha dos Atoleiros, em Fronteira. O RC3 participou com o Esquadrão de Rec. a 2 pelotões e 3 viaturas M11.

A cerimónia teve lugar junto ao Padrão dos Atoleiros com uma deposição de flores no monumento e homenagem aos mortos. De seguida realizou-se na Vila de Fronteira uma Parada das Forças Militares e Militarizadas.

89º ANIVERSÁRIO DA BATALHA DE LA LYS E DIA DO COMBATENTE

No dia 07ABR07 o Regimento de Cavalaria Nº3 apoiou a organização das comemorações do dia do Combatente e do 89º Aniversário da Batalha de "La Lys" e do Dia do Combatente. As referidas cerimónias decorreram no largo dos Combatentes da Grande Guerra, em Estremoz.

XXV CNC DRAGÕES DE OLIVENÇA

Decorreu nos dias 18 e 19MAI07 nos terrenos anexos à Carreira de Tiro do Regimento de Cavalaria 3, em Estremoz, o

XXV Concurso Nacional Combinado "Dragões de Olivença". Esta prova hípica destinou-se a cavaleiros das diversas Unidades, Estabelecimentos e Órgãos, incluindo da GNR e cavaleiros civis na qualidade de convidados do Comando do Regimento.

Os vinte e cinco anos de realização da Prova Dragões de Olivença revestem-se de uma particular importância na vida do Regimento, porque para além de proporcionar momentos de confraternização e de sã camaradagem entre os cavaleiros e convidados presentes no evento, o RC3 deu vinco mais uma vez a uma tradição equestre entre Unidades de Cavalaria.

O culminar desta actividade desportiva, a exemplo dos anos anteriores foi o tradicional almoço, nos Claustros do Regimento. Após uma breve alocução proferida pelo Comandante do Regimento, Cor Cav Alberto Marinheiro, procedeu-se à entrega dos prémios e ao descerramento das placas que perpetuarão os nomes dos cavaleiros e cavalos vencedores do ano de 2006.

REUNIÃO / CONVÍVIO DOS EX-MILITARES DA CCAV 2765

Decorreu no dia 26MAI07 a visita dos ex-militares da CCav 2765. Do programa da visita constaram a apresentação de cumprimentos na Sala do Capítulo, descerramento da placa comemorativa no 1º piso dos Claustros, homenagem aos militares mortos em campanha desta unidade, celebração da Eucaristia e o tradicional almoço convívio.

REUNIÃO / CONVÍVIO DOS EX-MILITARES DA CCAV 1730

No dia 02JUN07 o RC3 teve a visita dos ex-militares da CCav 1730. Do programa da visita constaram a apresentação de cumprimentos na Sala do Capítulo, descerramento da placa comemorativa no 1º piso dos Claustros, homenagem aos militares mortos em campanha desta unidade, celebração da Eucaristia e o tradicional almoço convívio.

VISITA AO RC3 DO EXMO TENENTE GENERAL CUNHA LOPES

Por estar no fim das suas funções como Comandante do Comando de Instrução e Doutrina do Exército, em 12JUN07 decorreu a visita ao RC3 do Exmo. Tenente General Cunha Lopes.

BATALHA DE MONTES CLAROS 342º ANIVERSÁRIO

Em 21JUN07 realizou-se a Cerimónia Comemorativa do 342º Aniversário da Batalha de Montes Claros. O RC3 participou com uma força de escalão Pelotão.

A cerimónia teve lugar junto ao Padrão com uma deposição de flores no monumento e homenagem aos mortos.

Quartel da Cavalaria em Santa Margarida
Ex-Regimento de Cavalaria nº 4

2ºCONCURSO NACIONAL COMBINADO

Nos dias 11 e 12 de Maio de 2007, decorreu no Quartel da Cavalaria da Brigada Mecanizada, o 2º Concurso Nacional Combinado (CNC) daquela Unidade, que contou com a participação de 49 cavaleiros militares e civis.

Este CNC enquadra-se nos Campeonatos Desportivos Militares e este ano incluiu uma prova nível Iniciação e outra nível Preliminar, integrando ambas, uma Prova de Ensino (manhã do 1º dia), uma Prova de Obstáculos (tarde do 1º dia) e uma Prova de Fundo (manhã do 2º dia) com uma fase A (Estrada) e uma fase D (Cross).

Durante todo o concurso, mas sobretudo no 2º dia, estiveram presentes em Sta. Margarida, muitos militares (cavaleiros e não só) e familiares que puderam desfrutar a beleza de uma das mais espectaculares provas equestres. O salutar e inquestionável convívio que envolveu a realização desta prova, em especial entre as diferentes gerações, ilustrou bem as grandes vantagens deste tipo de actividade para o fortalecimento da amizade e do espírito cavaleiro.

CREVAL AO EREC

Nos passados dias 22 e 23 de Maio realizou-se uma "COMBAT READINESS EVALUATION" (CREVAL) ao ERec por parte do comando da BrigMec com a finalidade de testar o estado de prontidão da Unidade e para preparar a CREVAL da Inspecção Geral do Exército que se realizou nos dias 3 e 4 de Julho. Esta CREVAL decorreu em duas fases, tendo sida a primeira de verificação documental e teste dos planos de defesa, e uma segunda fase para teste do plano de preparação para combate. Esta segunda fase acarretou o deslocamento do ERec para a sua ZRn/AAM atribuída pela Brigada Mecanizada bem como a resposta a um conjunto de incidentes com o objectivo de testar todas as funções de combate bem como de Apoio de Serviços.

CURSO DE MUNICIADORES DE CARROS DE COMBATE

O Grupo de Carros de Combate ministrou no período de 21 de Maio a 01 de Junho, instrução do Cargo de Municiadores de Carros de Combate a 22 militares.

A responsabilidade de ministrar a instrução foi confiada ao 2º Esquadrão de Carros de Combate, Comandado pelo Cap Cav Lourenço, decorrendo de acordo com o planeamento, sendo de destacar o aproveitamento por parte de todos os formandos. O curso culminou com a entrega dos respectivos diplomas.

INSPECÇÃO AMBIENTAL AO QUARTEL DA CAVALARIA

No passado dia 30 de Maio de 2007 teve lugar uma Inspecção Ambiental ao Quartel da Cavalaria, integrada na auditoria externa ao Campo Militar de Santa Margarida. A inspecção foi realizada pela APCER e coordenada pelo Sr. Engº Vila Lobos coadjuvado pelas auditoras Sra. Engª Gabriela Pinheiro e Sra. Engª Ana Dahlin. Foram observadas todas as instalações do GCC e ERec, em particular os Hangares de manutenção, as placas de lavagem e fossas de lubrificação das viaturas blindadas. O GCC preparou-se convenientemente para esta inspecção, pois tem sido constante o empenho do Comando do Quartel ao longo dos anos em dotar a Unidade de ecopontos e equipamentos de filtragem ou depósito de resíduos. O resultado da inspecção confirmou o empenho da Unidade sobre este assunto, tendo as Unidades de Cavalaria da BrigMec contribuído significativamente para a manutenção da Certificação Ambiental do Campo Militar de Santa Margarida.

ALMOÇO EX-MILITARES BAT. CAÇADORES 774

No dia 10 de Junho 2007, realizou-se no Campo Militar de Santa Margarida um convívio dos ex-combatentes pertencentes ao Batalhão de Caçadores 774 – que fizeram uma comissão de serviço em Angola de 1965 a 1967 – e que comemoraram os 40 anos do fim da sua missão e regresso a Portugal. O almoço convívio teve lugar no refeitório geral e contou com cerca de 300 participantes.

DIA DE PORTUGAL

No dia 10 de Junho de 2007 o GCC participou nas cerimónias do Dia de Portugal e do Exército realizadas em Setúbal, integrando as Forças. O GCC cedeu para a Força Mecanizada da BrigMec um pelotão de Carros de Combate e para a exposição estática um Carro de Combate, uma viatura de recuperação VBR M88 e uma viatura porta míssil M901 ITV.

VISITA DA ESCOLA DE ATALAIA

Decorreu no dia 16 de Junho de 2007 no Campo Militar de Santa Margarida, uma actividade promovida pela Associação de Pais e Encarregados de Educação da Escola do 1º Ciclo de Atalaia e apoiada pela Brigada Mecanizada, que contou com a participação de 20 adultos e 21 crianças.

WORKSHOP SOBRE CC LEOPARD 2 A6

No dia 04 de Julho de 2007 realizou-se no Quartel da Cavalaria uma acção de reflexão subordinada ao tema "Organização dos Pelotões de Carros de Combate. 3 ou 4 CC?". Esta actividade teve como finalidade primária, expor ao Exmo Comandante da BrigMec, MGEN António Noé Pereira Agostinho, as principais conclusões dos trabalhos que o GCC tem vindo a realizar no sentido de elaborar uma proposta de NEP do Pel CC, adaptada ao sistema de armas Leopard 2 A6.

A palestra contou com a presença do General Comandante da BrigMec, Oficiais do Comando da Brigada e delegações de militares de todas as Unidades da BrigMec.

O Cmdt do Quartel da Cavalaria, Ten Cor Cav Henrique Mateus finalizou a palestra com palavras de agradecimento a todos os convidados e manifestou a intenção de continuar os trabalhos até agora desenvolvidos, numa atitude pró-activa que possibilite identificar desafios que se deparem no âmbito de um eventual reequipamento com o CC L2 A6 de modo a propor à Arma de Cavalaria possíveis Modalidades de Acção.

Regimento de Cavalaria nº 6

CELEBRAÇÃO DA COMUNHÃO PASCAL

O RC 6 realizou no dia 26 de Março, a Celebração Pascal, presidida por Sua Excelência Reverendíssima o Bispo das Forças Armadas e de Segurança, D. Januário Torgal Ferreira. Na cerimónia religiosa, que decorreu na Capela Regimental, participaram militares e funcionários civis do Regimento, do Centro de Recrutamento de Braga, representantes da edilidade bracarense, da GNR e da PSP, o Adido Militar junto da Embaixada dos EUA em Portugal, bem como outras entidades convidadas.

COMEMORAÇÃO DO DIA MUNDIAL DA ÁRVORE E DA FLORESTA

O Regimento de Cavalaria N.º 6 recebeu, no dia 21 de Março, a visita de crianças do Jardim de Infância de Frossos/Real, que celebraram o Dia Mundial da Árvore e da Floresta, através da plantação simbólica de árvores, em áreas seleccionadas do aquartelamento.

PARTICIPAÇÃO EM CERIMÓNIAS RELIGIOSAS

No período em apreço, o Regimento de Cavalaria N.º 6 participou em diversas cerimónias religiosas, nomeadamente em Procissões e Guardas de Honra.

O Regimento participou nas seguintes procissões: Senhor dos Passos em Real, no dia 18 de Março; Enterro do Senhor, realizada na cidade de Braga no dia 6 de Abril (Sexta-feira Santa); Cruzes, na cidade de Barcelos, no dia 03 de Maio; S. João, na cidade de Braga, no dia 24 de Junho; S. Pedro de Merelim, Braga, no dia 01 de Julho.

A convite da Associação Portuguesa dos Veteranos de Guerra, o Regimento de Cavalaria N.º 6, participou ainda na Peregrinação Anual dos Antigos Combatentes ao Sameiro, que se realizou no dia 18 de Março, empenhando uma Força de efectivo Secção na Guarda de Honra ao Altar Mor.

CERIMÓNIAS COMEMORATIVAS DO DIA NACIONAL DO COMBATENTE E DA BATALHA DE LA LYS

O Regimento tomou parte nas Cerimónias Comemorativas do Dia Nacional do Combatente e da Batalha de La Lys, organizadas pelo Núcleo Regional de Braga da Liga dos Combatentes, que tiveram lugar em 11 de Abril, em Vila Verde.

CERIMÓNIAS COMEMORATIVAS DO DIA DA ARMA DE CAVALARIA E DO 117.º ANIVERSÁRIO DA ESCOLA PRÁTICA DE CAVALARIA

A Unidade participou no dia 17 de Abril, nas Cerimónias Comemorativas do Dia da Arma de Cavalaria e do 117.º Aniversário da Escola Prática de Cavalaria, em Abrantes, tendo empenhado uma Força de efectivo Esquadrão, constituída pelo Comando, Estandarte Heráldico do RC 6 e 03 Pelotões (04 Oficiais, 10 Sargentos e 54 Praças).

DIA DA BRIGADA DE INTERVENÇÃO

No dia 06 de Junho, por ocasião das Cerimónias do Dia da Brigada de Intervenção, o Regimento empenhou uma Força de efectivo Esquadrão, constituída pelo Comando, 02 Pelotões e Estandarte Heráldico do RC 6.

DIA DE PORTUGAL, DE CAMÕES E DAS COMUNIDADES PORTUGUESAS

O Regimento de Cavalaria N.º 6 participou também nas Cerimónias Militares do Dia de Portugal, de Camões e das Comunidades Portuguesas, realizadas em Setúbal, em 10 de Junho. Na cerimónia foram empenhadas 09 viaturas (06 AM V-150 Comando, 02 VBR V-200 Chaimite e 01 Auto Pronto Socorro Pesado M-816) e respectivas guarnições, integrando a Subunidade Motorizada da Brigada de Intervenção, tendo empenhado no âmbito da exposição estática, 01 AM V-150 Comando e 01 VBR V-200 Chaimite com as respectivas guarnições.

XXIV CONCURSO NACIONAL COMBINADO

Nos dias 02 e 03 de Junho de 2007, realizou-se no Regimento o XXIV Concurso Nacional Combinado.

Participaram no Concurso cerca de 40 conjuntos, divididos pelas duas provas realizadas (CNC* e CNC Preliminar).

EXERCÍCIO VÉNUS 07

O Regimento apoiou, de 26 a 30 de Março, a EPC na realização de um exercício no âmbito da Táctica de Reconhecimento (VÉNUS 07) de modo a proporcionar o conhecimento técnico e táctico das capacidades e limitações das viaturas de rodas aos cursos do TPO e CFS.

Paralelamente, exercitou o planeamento, a conduta, controlo e avaliação de operações tácticas, por parte do ERec, no âmbito de uma Defesa de Area, utilizando como forma de manobra a Defesa Avançada, permitindo a consolidação de instruções previamente ministradas melhorando desta forma a sua capacidade operacional.

EXERCÍCIO DRAGÃO 07

O Regimento participou, no âmbito da planificação anual da Brigada de Intervenção, no FTX do Exercício DRAGÃO 07, que decorreu na Serra da Padrela entre os dias 21 e 25 de Maio, com o GAM e o ERec, encargos operacionais da Brigada empenhando um total de 158 militares, 02 VBR V-200, 01 V-600, 10 AM V-150 e 11 viaturas de apoio.

VISITAS AO REGIMENTO

O RC 6 foi ainda alvo de visitas de inúmeras Escolas e instituições sociais, das quais se destacam, em 12 de Junho, as Escolas E/B 1 e do Jardim-de-Infância de Airó, com 111 alunos e 10 acompanhantes, e no dia 13 de Junho, o Agrupamento de Escolas das Fontes com 938 alunos, 65 professores e 35 auxiliares.

ACTIVIDADES DAS UNIDADES RESENHA DE ACTIVIDADES DAS UNIDADES RESENHA DE ACTIVIDADES DAS UNIDADES RESENHA DE ACTIVIDADES DAS UNIDADES

Regimento de Cavalaria da GNR

DIAS COMEMORATIVOS

– Dia do Regimento de Cavalaria – 05ABR07 (já publicado)

– Dia da Guarda – 03MAI07. Nesta cerimónia, o RC participou com o Grupo de Esquadrões e Charanga a Cavalo, um pelotão de Blindados IVECO «PROTECTO» e um Pelotão Moto e uma equipa de «Touriste Suport Patrol».

2. REFORÇO PATRULHAMENTO À BRIGTER N.º2

a) FÁTIMA (comemorações do dia 13 de Maio)

– 11, 12, 13MAI07 – 1 Oficial + 1 Sarg. + 18 Praças

– 10JUN07 – 2 Esquadras

– Uma equipa de «Touriste Suport Patrol» em permanência.

b) PENHA LONGA – TROIKA (cimeira da UE)

– 11, 12 e 13MAI – 4 Patrulhas diárias

3. FUTEBOL

– FINAL DA TAÇA – 27MAI – 2 Pelotões de Restabelecimento e Manutenção de Ordem Publica.

4. CREDENCIAIS / RECEPÇÃO CHEFE DE ESTADO (escoltas de Honra)

a) EMBAIXADORES

– 28MAI – Residentes – Bélgica, Lituânia, Nigéria

Não Residentes – Maurícias, Namíbia, Geórgia, Burundi

– 27JUN – Residentes – Itália, Brasil

Não Residentes – Srilanka, Serra Leoa, Uzbequistão (efectivo de Grupo de Esquadrões a cavalo com charanga)

b) PRESIDENTES

– 31MAI – Lituânia

(efectivo de Regimento a Cavalo)

5. OPERAÇÕES

a) VERÃO SEGURO

– 01JUL07 a 15SET07 – 5 Militares – GTLeiria

– 01JUL07 a 15SET07 – 5 Militares – GTPortimão

– 01JUL07 a 31JUL e 01SET a 15SET07 – 5 Militares – GTFaro

– 01AGO07 a 31AGO07 – 10 Militares – GTFaro

– 01JUL07 a 15SET07 – 5 Militares – GTSetúbal (Tróia)

– 01JUL07 a 15SET07 – 5 Militares – GTSintra (Santa Cruz)

b) FLORESTA SEGURA

– 01JUL07 a 15SET07 - 5 Militares – Sintra / 5 Militares - Mafra

c) MORCEGO (reforço à Brigada territorial n.º 2)

– 01JUL07 a 15SET07 – 4 Militares – BrigTer.º2

6. CHARANGA

– 27JUN07 a 11JUL07 – Alemanha – Aacchen

7. INSTRUÇÃO

– Cerimónia e encerramento do CEC/Praças 2007 (ver noticia)

– Curso de Restabelecimento e Manutenção de Ordem Publica a Cavalo (RMOP) para 20 Militares, incluindo 2 espanhóis, 2 marroquinos e um Chileno). Decorreu de 07MAI a 25MAI07 nas instalações do 4ºEsquadrão.

– Início dos 1º e 2º Módulos do 1º curso de monitores de Equitação. O 1º decorreu de 28 de Junho a 08 Julho e o segundo de 25JUN07 a 06JUL07 com 5 Militares , todos do Regimento.

CERIMÓNIA DE ENCERRAMENTO DO CEC/PRAÇAS 2007

Terminou no dia 15 de Junho o 21.º Curso Específico de Cavalaria de Praças da GNR de 2007, culminando com a cerimónia de entrega das esporas, elemento característico da transmissão da vontade e da capacidade de decisão no cumprimento das mais nobres missões. As esporas foram entregues a 121 Soldados, ainda recém integrados na instituição (todos eles provenientes do Curso de Admissão de Praças de 2006).

A cerimónia decorreu na parada do 4º Esquadrão do Regimento de Cavalaria e em que o curso se apresentou em formatura militar a cavalo, sob o Comando do Director do Curso, o Capitão de Cavalaria Marques dos Santos da Direcção de Instrução do RC. Além da entrega das esporas, momento mais marcante da cerimónia, também se procedeu à bênção das mesmas, pelo Major Capelão Joaquim Martins e à entrega de prémios aos melhores classificados de cada pelotão.

Terminaram o CEC/Praças 2007, 121 dos 125 militares que iniciaram o referido curso. O saldo desta formação foi bastante positivo e foi o resultado de um esforço conjunto de praticamente toda a instituição. A direcção do curso foi do Regimento de Cavalaria, que contou com o apoio e colaboração de outras Unidades, tendo os formandos sido divididos em 5 pelotões .

A cerimónia da entrega das esporas, como ficou tradicionalmente conhecida, constituiu-se numa forte demonstração do que são as tradições castrenses, tendo como facto relevante a forte participação dos familiares dos militares envolvidos, transmitindo dessa forma a ligação destes novos militares à instituição que os acaba de receber. Devem os instrutores e monitores estar orgulhosos da forma como conseguiram fazer este, por vezes difícil, processo de *acolhimento* dos novos cavaleiros.

No final da cerimónia e tratados todos os cavalos (cumprindo a ordem das prioridades cavalo-material-pessoal), realizou-se um almoço convívio com militares e familiares, almoço este que culminou com o tradicional salto da mesa do almoço feito pelos comandantes de Pelotão do Regimento de cavalaria. O Alferes Mendes pelo 3º Esquadrão e o Tenente Reis pelo 4º Esquadrão.

No fim do almoço foi dado o *grito de guerra* da cavalaria brilhantemente executado pelo soldado melhor classificado, o soldado Nuno Sousa do pelotão de Braço de Prata e acompanhado em uníssono e com bastante entusiasmo por todos os presentes.

A entrega dos diplomas de curso e insignias foi feita posteriormente pelas respectivas equipas de instrução em ambiente mais reservado.

Aos novos cavaleiros os desejos das melhores felicidades profissionais e pessoais e... PARABENS!

Centro Militar de Educação Física e Desportos

A REPRISE DO EXÉRCITO NA GALA *DES CRINIÈRES DÒR*

A Reprise da Escola de Mafra participou, de 17 a 21 de Janeiro deste ano, na Gala Crinières D'Or da 22ª edição das *Cheval Passion*, em Avignon. Considerado o terceiro maior salão do cavalo da Europa, este evento engloba ainda concursos de póneis, shows equestres, e mais de 250 expositores divididos por 5 pavilhões, com uma afluência de mais de 120.000 visitantes. Num pavilhão sempre lotado por mais de 5000 espectadores, a Reprise apresentou durante cinco noites exibições que foram crescendo de qualidade, o que prestigiou a Equitação Militar e o Exército.

ENCERRAMENTO DO CURSO DE INSTRUTORES DE EDUCAÇÃO FISICA MILITAR

Realizou-se neste Centro, em 27 de Abril, a Cerimonia de Encerramento do Curso de Instrutores de Educação Física Militar, que teve inicio em 08 de Janeiro de 2007.

A presidir à Cerimónia esteve o Director de Formação, MGEN Piriquito, tendo contado ainda com a presença dos Instrutores do Curso, dos Comandantes das Unidades dos militares que frequentaram o Curso, do Adido Militar da Republica de Moçambique, além de entidades exteriores ao Exército, responsáveis por ministrar algumas das cadeiras do CIEFM. A Cerimonia terminou com a distribuição dos Diplomas correspondentes ao CIEFM, ao Curso de Treinadores de Orientação, Nivel I e ainda de Socorrismo. Ao que se seguiu o almoço na Messe de Oficiais.

VISITA DO BISPO DAS FORÇAS ARMADAS E DE SEGURANÇA

O Bispo das Forças Armadas e Forças de Segurança, D. Januário Torgal Ferreira, efectuou em 08MAI07, uma visita às Unidades sediadas em Mafra.

PRÓLOGO DO RALI TRANSIBÉRICO VODAFONE

Em 31 de Maio de 2007, realizou-se na Tapada Militar, o prólogo do Rali Transibérico. Com 93 Concorrentes à partida, a organização de uma das mais importantes provas de Todo Terreno, aproveitou as excelentes condições da Tapada, com um traçado sinuoso e bastante selectivo, onde se destaca a zona da Tribuna, local onde se situava a partida e chegada, que devido à excelente visibilidade, proporcionava aos muitos espectadores uma ampla visão de parte significativa dos 7,4 Km da prova.

DESPEDIDA DO EXMO COMANDANTE DO CENTRO MILITAR DE EDUCAÇÃO FISICA E DESPORTOS

Teve lugar, em 01JUN07, a Cerimonia de Despedida do Comandante do CMEFD, COR INF José Manuel Cardoso Lourenço, que deixa esta Casa após 27 meses de Comando.

CERIMONIA DE TOMADA DE POSSE DO COMANDANTE DO CENTRO MILITAR DE EDUCAÇÃO FISICA E DESPORTOS

Em 06 de Junho de 2007, tomou posse como Comandante do Centro de Educação Física e Desportos, o COR CAV José Maria Rebocho Pais de Paula Santos.

O CMEFD recebeu o novo Comandante em formatura, onde foi entregue pelo 2º Comandante TCOR INF Medina de Sousa, o Estandarte da Unidade, simbolizando assim a Tomada de Posse.

O COR CAV Paula Santos desempenhou funções na EPC, CMEFD, RL2, AM, MDN, CM, EMGFA e ultimamente no CID.

No seu currículo contam-se doze louvores, três dos quais de Oficial General e várias condecorações, onde ressalta a de Grande Oficial da ordem de Mérito do Conseil International du Sport Militaire.

CAMPEONATO DE PENTATLO MILITAR (FASE CID)

O Campeonato de Pentatlo Militar-Fase CID decorreu no CMEFD de 12 a 15JUL07, e contou com a participação de 51 militares

Em 15JUL07 realizou-se a Cerimonia de Encerramento, presidida pelo Ex.mo Director de Formação, MGEN Piriquito.

CERIMONIA DE ENCERRAMENTO DOS CURSOS DE EQUITAÇÃO

Em 22JUN07, realizou-se a cerimonia de encerramento do Curso de Monitores e Instrutores de Equitação 2006/2007, presidida pelo Director de Doutrina/CID, MGEN Almeida e Sousa.

O Curso decorreu entre 05OUT06 e 22JUN07, com 1 formando no Curso de Instrutores e 5 formandos no Curso de Monitores, sendo 3 Civis propostos pela Federação Equestre Portuguesa.

UALE - Unidade de Aviação Ligeira do Exército

EXERCICIOS

Exercício APOLO 07 realizado na região de Monfortinho no período de 18 a 20Jun07 sob direcção do Cmdt da UALE Cor Cav Esteves Pereira, envolveu, em conjunto com outro exercício que decorreu em Aveiro, 1500 elementos das três forças que integram a Brigada RR: paraquedistas, comandos e forças especiais. O objectivo específico do exercício foi **"treinar o planeamento, a coordenação, o controle e a execução de operações convencionais, operações especiais e operações de evacuação de não combatentes"** conforme comentário do Cmdt BRR.

O Exercício também teve como intuito o treino de aptidão para actuar nos diversos cenários de manutenção de paz, ou mesmo de guerra, como acontece hoje no Afeganistão, onde já existe alguma exigência em termos tácticos, para os militares portugueses ali presentes.

CANOAGEM – DESCIDA DO ZÊZERE

Em 05JUL07 a UALE organizou uma descida do Rio Zêzere, em canoa, na qual estiveram

presentes 82 participantes. Teve início a jusante da barragem do Castelo do Bode e terminou em Constância. Este momento lúdico e de aventura que serviu também para reforçar a camaradagem e o espírito de entreajuda, contou com a colaboração do restaurante "Trinca Fortes" em Constância, que cedeu o material utilizado na descida e que serviu um almoço no final.

APOIO À 1º MARCHA A CAVALO DA EPC

A UALE apoiou em 18JUL07 a realização da primeira marcha a cavalo da Escola Prática de Cavalaria, de Abrantes à Batalha, onde foi homenageado Mouzinho de Albuquerque, patrono da Arma de Cavalaria.

Integraram esta marcha trinta e dois conjuntos (cavalo e cavaleiro), constituídos por Oficiais e Sargentos das unidades de Cavalaria do Exército e da Guarda Nacional Republicana que saíram de Abrantes rumo à Batalha, passando por Constância, Tancos e Fátima. A UALE esteve representada pelo TCor PQ Eleutério Faleiro

Para assinalar a passagem pela UALE foi descerrada uma placa alusiva a este evento.

Em 21Jul na Vila da Batalha, a marcha terminou com uma cerimónia de homenagem junto ao busto do Patrono da Arma de Cavalaria

Promoções e Nomeações.

PROMOÇÕES A:

COR Cav:

TCOR Cav JOÃO MANUEL VERA GONÇALVES FERNANDES

TCOR Cav CARLOS JOSÉ VICENTE SERNADAS

TCOR Cav PAULO RENATO DE MORAIS ROGADO SERRA

TCOR Cav:

MAJ Cav JOAQUIM ALBERTO LAMEIRAS BATUCA

MAJ Cav MANUEL FRANCISCO PEREIRA DA LAPA

MAJ Cav ABEL DE JESUS SEQUEIRA MATROCA

MAJ Cav PAULO JORGE GUEDES FREIRE

MAJ Cav RUI MIGUEL L. RISQUES COSTA FERREIRA

MAJ Cav JOSÉ MIGUEL MOREIRA FREIRE

MAJOR Cav:

CAP Cav JOÃO CARLOS MARÇAL VERDUGO

CAP Cav SÉRGIO PAULO ALVES DOS SANTOS

CAP Cav LUÍS MANUEL DA PALMA FRANCO

CAP Cav CARLOS MANUEL MORGADO BRÁS

CAP Cav BERNARDO LUÍS S E LORENA LOPES DA PONTE

CAP Cav PEDRO ALEXANDRE ALVES DE CARVALHO

SMOR Cav:

SCH Cav FRANKLIM MARIA VICENTE JOÃO

SCH Cav RICARDO FERNANDO BANHA SANTOS

SCH Cav JOAQUIM JOSÉ ALVEGA TRINDADE

SCH Cav:

SAJ Cav JORGE MANUEL ALDEAGAS

SAJ Cav JOSÉ ANTÓNIO GONÇALVES BORBINHA

SAJ Cav JOSÉ MANUEL MARQUES AMADO

SAJ Cav:

1SAR Cav JORGE AFONSO DA COSTA LERCAS

NOMEAÇÕES:

COR Cav JOSÉ ANTÓNIO DOMINGUES DO ESPÍRITO SANTO, Promotor do Conselho Superior de Disciplina do Exército.

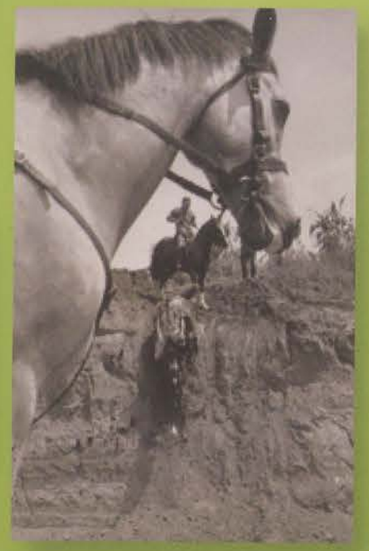
COR Cav JOSÉ MARIA REBOCHO P. DE PAULA SANTOS, Comandante do CMEFD.

COR Cav VIRIATO CÉZAR COELHO DO AMARAL, Comandante da Escola Prática de Cavalaria.

COR Cav CARLOS JOSÉ VICENTE SERNADAS, Subdirector do DSP.

TCOR Cav PAULO MANUEL SIMÕES DAS NEVES DE ABREU, 2º Comandante da EPC

A Direcção da Revista da Cavalaria manifesta os sinceros parabéns a todos os militares de Cavalaria promovidos!

TEN Cav PAULO FERNANDES
EPC

Momentos de Cavalaria